

Departamento de Economia

Globalização das Migrações

João Francisco Andrade Prelhaz

Dissertação submetida como requisito parcial para obtenção do grau de
Mestre em Economia Portuguesa e Integração Internacional

Orientadora:
Professora Doutora Nádía Simões, Professora Auxiliar, Departamento de Economia,
ISCTE-IUL

Co-orientador:
Professor Doutor Nuno Crespo, Professor Auxiliar, Departamento de Economia,
ISCTE-IUL

Setembro, 2012

Resumo

O objetivo desta dissertação consiste no estudo da globalização das migrações, propondo uma metodologia que cobre três dimensões dos fluxos migratórios, número, volume e equilíbrio.

Para tal, foi utilizada a *Global Bilateral Migration Database*, desenvolvida pelo Banco Mundial, que considera uma amostra de duzentos e vinte e seis países, com um horizonte temporal de cinco décadas, de 1960 a 2000, tendo sido utilizados sete indicadores que permitiram analisar três dimensões dos fluxos migratórios, o número, o volume e o equilíbrio. Os principais resultados deste estudo levaram às seguintes conclusões: (i) verificação de uma tendência de aumento do número, do volume e da dispersão dos fluxos migratórios; (ii) países mais desenvolvidos, com maior dimensão geográfica ou fluxos migratórios muito elevados apresentam valores superiores nos indicadores relativos ao número; (iii) países de menor dimensão e desenvolvimento apresentam valores superiores para o indicador relativo ao volume, mostrando também maior concentração dos fluxos; (iv) países mais desenvolvidos ou com maior número de fluxos apresentam um equilíbrio superior dos seus fluxos, que se traduz numa maior dispersão.

Palavras-chave: globalização, migrações, número de fluxos, volume e equilíbrio entre fluxos.

Classificação JEL: F22 e F02

Abstract

The purpose of this dissertation consists on studying the globalization of migrations, by proposing a methodology that covers three dimensions of migration flows, number, volume and equilibrium. To achieve this Global Migrations Database developed by the World Bank was used, which consists of two hundred and twenty six countries, and a time frame of five decades, extending from 1960 until 2000. Seven indicators were used to study the three dimensions, number, volume and equilibrium. The results achieved in this study led to the following conclusions: (i) tendency for the increase of the number, volume and dispersion of migration flows; (ii) developed countries, countries with large geographical dimensions or with large migrations flows have greater values for the indicators that analyze the number of flows; (iii) countries with smaller dimension, and development present higher values for the indicator concerning volume, showing greater concentration of flows as well; (iv) developed countries, or countries with large migration flows show a greater equilibrium in their flows, which translates to a greater dispersion.

Key-words: globalization, migrations, number, volume and equilibrium between flows

JEL codes: F22 and F02

Agradecimentos

Terminando agora o meu percurso académico, que na sua etapa universitária foi passado exclusivamente no ISCTE-IUL, gostaria de enaltecer a formação que obtive nesta instituição, tanto durante a Licenciatura em Gestão que me permitiu obter um vasto leque de conhecimentos a aplicar na minha vida profissional, como no mestrado em Economia Portuguesa e Integração Internacional onde adquiri uma maior compreensão da economia portuguesa.

Gostaria assim de agradecer aos meus dois orientadores, Professora Doutora Nádía Simões e Professor Doutor Nuno Crespo, pelo apoio que me deram ao longo da elaboração desta dissertação, sem o qual a sua realização não teria sido possível.

Índice

Resumo	
Abstract.....	
Agradecimentos.....	
Índice.....	I
Índice de Tabelas.....	II
Índice de Figuras	III
Introdução.....	1
Capítulo 1: Globalização	3
1.1 Da génese à definição atual	3
1.2 Dimensões, impactos e críticas à globalização	9
1.3 Metodologias de medição	14
1.4 Evidência empírica.....	16
Capítulo 2: Migrações Internacionais	23
2.1 Definição do conceito e fatores motivadores	23
2.2 Principais teorias explicativas	24
2.3 Problemas na análise dos fluxos e efeitos económicos das migrações.....	27
2.4 Evolução dos fluxos migratórios.....	28
Capítulo 3: Migrações Internacionais – evidência empírica	36
3.1 Metodologia e dados utilizados no estudo	36
3.2. Primeira dimensão: número de países envolvidos (fluxos bilaterais de migrações)	36
3.2. Segunda dimensão: equilíbrio entre fluxos	45
3.3. Terceira dimensão: volume das migrações	47
Capítulo 4: Conclusão.....	58
Referências Bibliográficas.....	62
Anexos	66
Tabela A.1: Lista de países estudados	66
Tabela A.2: Lista de indicadores relativos ao ano de 1960	69
Tabela A.3: Lista de indicadores relativos ao ano de 1970	75
Tabela A.4: Lista de indicadores relativos ao ano de 1980	81
Tabela A.5: Lista de indicadores relativos ao ano de 1990	87
Tabela A.6: Lista de indicadores relativos ao ano de 2000	93

Índice de Tabelas

Tabela 1: 25 Países com valores mais elevados para <i>I.1</i>	38
Tabela 2: 25 Países com valores mais reduzidos para <i>I.1</i>	39
Tabela 3: 25 Países com valores mais elevados para <i>I.2.1</i>	43
Tabela 4: 25 Países com valores mais reduzidos para <i>I.2.1</i>	43
Tabela 5: 25 Países com valores mais elevados para <i>I.2.2</i>	44
Tabela 6: 25 Países com valores mais reduzidos para <i>I.2.2</i>	45
Tabela 7: 25 Países com valores mais elevados para <i>I.3</i>	49
Tabela 8: 25 Países com valores mais reduzidos para <i>I.3</i>	50
Tabela 9: 25 Países com valores mais elevados para <i>I.4</i>	52
Tabela 10: 25 Países com valores mais reduzidos para <i>I.4</i>	53
Tabela 11: 25 Países com valores mais elevados para <i>I.5</i>	54
Tabela 12: 25 Países com valores mais reduzidos para <i>I.5</i>	55
Tabela 13: 25 Países com valores mais elevados para <i>I.6</i>	56
Tabela 14: 25 Países com valores mais reduzidos para <i>I.6</i>	57

Índice de Figuras

Figura 1: Evolução das emissões de CO2 no mundo.....	17
Figura 2: Evolução das exportações mundiais entre 1900 e 1960	18
Figura 3: Evolução das exportações mundiais entre 1961 e 2010	19
Figura 4: Evolução do PIB a preços correntes no mundo	20
Figura 5: Partidas aéreas mundiais.....	21
Figura 6: Número de utilizadores de internet mundial	22
Figura 7: Evolução da migração líquida segundo rendimento.....	29
Figura 8: Migração líquida na União Europeia	30
Figura 9: Migração líquida na Europa Central.....	31
Figura 10: Migração líquida no sul da Europa.....	32
Figura 11: Migração líquida na América	33
Figura 12: Migração líquida na Ásia	34
Figura 13: Migração líquida em África e no Médio Oriente.....	35
Figura 14: Evolução da média do indicador <i>I.1</i>	37
Figura 15: Evolução da média dos indicadores <i>I.2.1</i> e <i>I.2.2</i>	42
Figura 16: Evolução da média do indicador <i>I.3</i>	48
Figura 17: Evolução da média dos indicadores <i>I.4</i> , <i>I.5</i> e <i>I.6</i>	51

Introdução

Desde aproximadamente a década de sessenta do século XX que as mais diversas áreas do conhecimento têm estudado o fenómeno denominado de globalização, procurando identificar a sua génese, analisar a sua evolução, os seus impactos, o seu futuro, ou até mesmo a sua existência. Enquanto a economia procura estudar o impacto da globalização na economia local e mundial, a sociologia estuda o seu efeito nas sociedades, a gestão investiga o impacto na vida empresarial, desde a gestão da própria organização à estrutura da cadeia de produção. Antes de continuar esta reflexão importa referir que sendo um fenómeno presente no nosso quotidiano, com influências na sociedade visíveis e mensuráveis, a globalização não deixa no entanto de estar rodeada de controvérsia, existindo aqueles que a veem apenas como internacionalização da sociedade e economia ou até como americanização da sociedade global, através do domínio da cultura americana face às diversas culturas mundiais. Também a data ou período de incubação da globalização acaba por ser um fator contencioso, existindo aqueles que defendem que se trata de um processo secular, começando no final do século XIV/início do século XV, com as descobertas marítimas protagonizadas por Cristóvão Colombo, Vasco da Gama e Pedro Álvares Cabral, enquanto outros estudiosos defendem que se trata de um processo bem mais recente, principiado na segunda metade do século XX. Porventura ambas as ideias poderão estar corretas sendo possível argumentar que a globalização terá surgido como processo evolutivo das sociedades de facto no final do século XIV/início do século XV, evoluindo posteriormente já no século XX para uma fase moderna do fenómeno, existindo assim duas fases distintas da globalização. Esta distinção entre as duas fases da globalização pode ser explicada em grande parte pelo progresso tecnológico marcado pela revolução industrial no século XVIII e, posteriormente, pelo desenvolvimento do microprocessador na década de sessenta do século XX, que revolucionou a tecnologia em todas as suas vertentes. Este avanço levou ao desenvolvimento das tecnologias de informação o qual teve forte repercussão no crescimento da globalização que atingiu, nessa altura, o seu período de ouro.

A literatura sobre o tema da globalização e sobre as áreas por si afetadas é bastante extensa, existindo atualmente diversos estudos que analisam não só o fenómeno da globalização por si só como também os efeitos da globalização em áreas como desenvolvimento económico, sustentabilidade económica e ambiental, expansão global dos mercados financeiros, e impactos culturais nas sociedades. As migrações e mais

especificamente os impactos da globalização nas migrações internacionais acabam no entanto por ser um tema pouco desenvolvido. Assim este estudo procura colmatar esta lacuna, tentando quantificar o fenómeno da globalização ao nível fluxos migratórios bilaterais. Com esse intuito será desenvolvida uma nova metodologia para estudar este fenómeno a qual contempla três dimensões de análise: o número de fluxos bilaterais – (ou seja, número de fluxos existentes entre cada país ao em cada década analisada) – o volume destes fluxos – (ou seja, a diferença no número de um fluxo específico num período face ao período base) – e distribuição dos mesmos (ou seja, distribuição dos fluxos de um país por todos os países na análise). Para estudar estas quatro dimensões foram criados sete indicadores que calculam a internacionalização dos fluxos migratórios, permitindo posteriormente retirar conclusões quanto à globalização das migrações. Para efetuar esta análise foi utilizada a *Global Bilateral Migration Database* do Banco Mundial, que apresenta os fluxos bilaterais para duzentos e vinte e seis países ao longo de cinco décadas, começando na década de 1960 e terminando na década de 2000. Estes dados resultam da execução de mais de um milhar de censos e registos de população, utilizando os últimos cinco censos elaborados mundialmente, criando assim matrizes decenais compostas pelos duzentos e vinte e seis países.

Para terminar esta introdução será agora apresentada a estrutura desta dissertação, a saber: no primeiro capítulo será feita a análise da literatura referente à globalização, sendo apresentadas a evolução, diversas definições para o fenómeno, as suas dimensões impactos e críticas, as suas principais metodologias de medição e, finalmente, alguma evidência empírica. No segundo capítulo será feita a revisão da literatura referente às migrações, sendo apresentada a sua definição, e fatores motivadores, as principais teorias explicativas, os diversos problemas existentes na análise dos fluxos e efeitos económicos das migrações e, para terminar, a evolução dos fluxos migratórios. No terceiro capítulo apresentar-se-á a metodologia a utilizar na análise da globalização e os resultados obtidos no estudo, com as principais conclusões a serem apresentadas no quarto e último capítulo.

Capítulo 1: Globalização

1.1 Da gênese à definição atual

Sendo um conceito em permanente evolução, conhecendo várias dimensões ao longo da história, não é fácil encontrar uma definição consensual do conceito de globalização. Se tentarmos estudar o fenómeno entendido como globalização numa análise histórica, geográfica e económica, observando a união territorial e cultural entre povos, as descobertas marítimas são normalmente referidas como ponto de partida da globalização, com a descoberta da América por Cristóvão Colombo, em 1492, e do caminho marítimo para a Índia, em 1498, por Vasco da Gama. Estes dois marcos históricos, motivados pela vontade de explorar o desconhecido e expandir horizontes, inerente à condição humana permitiram unir, através de rotas marítimas, continentes distantes e desconhecidos. Esta ligação permitiu disseminar a cultura europeia, os costumes e a religião, desenvolver economicamente territórios nas américas bastante atrasados face à realidade europeia e impulsionar trocas comerciais e movimentação de capitais e pessoas à escala mundial. Seguindo a teoria de Williams (1966) a descoberta destes territórios ricos em matérias-primas não existentes na Europa acabou por ser fulcral no financiamento da revolução industrial do século XVIII. O triângulo comercial estabelecido através das descobertas marítimas, entre a Europa, América e África, viria a fornecer capital e matérias-primas essenciais para o advento da Revolução Industrial. Este triângulo era constituído pelo comércio de escravos com vista à exploração agrícola nas Américas, de onde açúcar, tabaco e outros produtos saíam para a Europa. O comércio de escravos tinha uma importância singular ao permitir aceder a uma fonte de mão-de-obra extremamente barata, que reduzia em grande escala os custos da exploração agrícola nas Américas.

Apresentando-se o século XV como uma época fulcral no processo evolutivo da globalização, podemos no entanto recuar ainda mais na história, para encontrar eventos, que, podendo não ser considerados parte da história da globalização, apresentam características inerentes à mesma. Tal como Pirenne (1939, p. 234) referiu, “...*sem Mohammed, Carlos Magno teria sido inconcebível*”. Com esta ideia o autor procura demonstrar que o império de Carlos Magno floresceu devido à necessidade do Papa em Roma necessitar do apoio Franco a norte, não podendo recorrer à sua anterior fonte de proteção, o império Bizantino. Esta necessidade surgiu devido às conquistas árabes, no mediterrâneo que transferiram o centro de

poder na Europa de sul para norte. Assim sendo, sem a génese do mundo árabe em Mohammed, a Europa que hoje conhecemos iniciada em parte durante o império Franco não existiria. Esta teoria, podendo ou não constituir um exagero dos factos, permite observar a relação entre culturas, povos e territórios ao longo da história e que são inerentes aos fenómenos da globalização.

Se analisarmos alguns dos maiores impérios da história, em poucas épocas áreas geográficas e povos estiveram tão ligados como no império Macedónio de Alexandre o Grande, cujo território se estendeu desde a Grécia até à Índia; no império Romano, que se expandiu da península Ibérica até ao médio oriente; ou no império de Genghis Khan que uniu a costa leste asiática ao leste europeu.

Avançando agora para globalização, como esta é hoje entendida, o termo globalização surgiu, segundo Fiss e Hirsch (2005), em debate a uma escala internacional, durante a década de setenta, como resposta ao crescente envolvimento dos Estados Unidos da América na economia mundial. Através da análise de artigos de jornais e *press releases* com o tema da globalização, os autores chegaram à conclusão que, entre 1985 e 1998, o uso do termo globalização aumentou exponencialmente, sem no entanto existir um consenso quanto ao seu significado ou definição. Já Held et al. (1999) apresentam a década de sessenta do século XX como época de surgimento do conceito, tendo origem em publicações americanas e francesas. Analisando estas duas perspetivas, podemos verificar que não existindo uma data precisa consensual para o surgimento do termo globalização, este tem uma génese relativamente recente, na segunda metade do século XX.

Esta fase contemporânea da globalização foi potenciada por diversos fenómenos de natureza económica, política e tecnológica. A nível económico, tal como Soros (2004) indica, com o final da Segunda Guerra Mundial a criação dos acordos de Bretton Woods, do Fundo Monetário Internacional e do Banco Mundial alicerçou o comércio internacional, numa época em que as trocas internacionais de capital eram quase inexistentes. A expansão dos movimentos de capital numa esfera mundial permitiu por sua vez o desenvolvimento e estabilização económica dos Estados, que por sua vez deu origem ao desenvolvimento da empresa multinacional moderna, com a internacionalização da produção e das vendas. A nível político, a fundação da Organização das Nações Unidas e o final da Guerra Fria, simbolizado pela queda do muro de Berlim, trouxe estabilidade e união nas relações entre os Estados de

maior peso no teatro mundial, assegurando uma paz duradoura que facilitou o progresso económico.

As duas épocas distintas da globalização aqui expostas, apresentam ainda diferenças marcantes ao nível das relações internacionais. Enquanto o processo antigo da globalização era marcado pela expansão e descoberta territorial, com um grupo restrito de países europeus a ditar as relações entre Nações e a influenciar os restantes países, a globalização contemporânea é marcada pela extensão das relações globais, aproximando países, criando redes relacionais marcadas por uma relação de poder multilateral.

Após esta breve análise histórica da globalização, podemos agora apresentar possíveis definições do conceito. Diversos autores apresentam a sua versão do conceito e a sua definição pessoal do que realmente é a globalização e de que forma esta tem vindo a afetar o curso da história. Seguindo a teoria apresentada Held et al. (1999, p. 16), as definições de globalização apresentadas na literatura podem ser divididas em dois grupos, diferenciados pela causa identificada para o surgimento do fenómeno, existindo autores que definem globalização como um fenómeno de origem monocausal (alterações tecnológicas, capitalismo) e autores que identificam mais do que uma causa para a origem do fenómeno (progresso tecnológico, forças de mercado, ideologias e decisões políticas). Na sua obra, os autores atrás referidos acabam por defender uma visão diferente para a definição do conceito, de acordo com quatro vetores apresentados para as relações globais (extensão, intensidade, velocidade e impacto), chegando à seguinte definição: “*processo, ou conjunto de processos, que incorpora a transformação na organização espacial das relações sociais (avaliada segundo extensão, intensidade, velocidade e impacto) gerando fluxos e redes de actividade transcontinentais ou inter-regionais, interacção e exercício de poder,*” (Held et al. 1999, p. 16).

Algumas das definições mais utilizadas na literatura existente são as de Friedman (1999, p. 8), que define globalização como “*a crescente integração dos mercados e Estados-Nação e a disseminação do progresso tecnológico*”; de Waters (1995, p. 5) que a define como “*diminuição das barreiras geográficas e sociais e paradigmas culturais*”; de Albrow (1996, p. 85) segundo o qual se trata do “*aumento da difusão de conhecimento e tecnologia*”; de Beck (2000, p. 11) que a apresenta como “*ameaça à soberania nacional por parte dos atores transnacionais que possuem diferentes perspetivas de poder, orientações, identidades e ligações*”; enquanto que Mittleman (2000, p. 6) define como “*transformação dos alicerces*

económicos, políticos e culturais das sociedades”. Apresentadas diversas definições, podemos verificar que a globalização é um conceito que reflete as mudanças incrementais na sociedade e ordem mundial em que, devido a fatores políticos, económicos e tecnológicos, o mundo se encontra cada vez mais ligado e, um pouco como na ideia do efeito borboleta apresentada por Lorenz, um desenvolvimento ou acontecimento numa região do globo pode ter um efeito profundo na região mais distante. Exemplos simples para esta interligação entre regiões podem ser, a chamada crise do *subprime*, que tendo origem nos Estados Unidos da América acabou por afetar diversas economias noutros continentes, ou, a quebra na oferta do iPad 2 da Apple provocada pelo terramoto de 2011 no Japão que causou uma quebra na produção de alguns componentes.

Independentemente da definição preferida ou utilizada importa diferenciar o conceito de globalização do conceito de internacionalização. Internacionalização, segundo Dreher et al. (2008, p. 1) define-se como sendo o “*papel dos Estados-Nação, em cooperação, na adaptação aos desafios internacionais*”, podendo este conceito constituir uma parte da ideia geral do que é a globalização. Um terceiro conceito introduzido em alguns estudos, que também se deve diferenciar de globalização, é o conceito de globalismo que segundo Keohane e Nye (2000, p. 1) consiste em “*redes de interdependência entre países e regiões a uma escala intercontinental*”. Finalmente importa ainda distinguir o conceito de globalização do de sociedade globalizada, sendo que a existência do primeiro pode ser verificada, não sendo necessariamente possível verificar a existência do segundo. A existência de uma verdadeira sociedade global não é verificável dado que esta visão apresenta um ideal de sociedade de índole ocidental que não é adotada em diversas sociedades mais tradicionais.

Ultrapassada a análise da evolução histórica da globalização e as possíveis definições contemporâneas da mesma, podemos apresentar agora três teorias distintas mas inter-relacionadas sobre a evolução da globalização, face ao formato que apresenta atualmente. Estas teorias, ou visões, foram apresentadas por Held et al. (1999), e surgem devido à inexistência de consenso na conceptualização do termo, no pensamento das dinâmicas causais e na caracterização das suas consequências estruturais. Os autores apresentam assim três escolas de pensamento do fenómeno da globalização, que se podem identificar como, hiperglobalista defendida por Ohmae entre outros, céptica defendida por Hirst e Thompson e transformacionalista defendida por Rosenau ou Giddens.

Segundo a escola hiperglobalista, a globalização apresenta uma nova fase da história mundial, em que o Estado Nação se torna obsoleto no panorama da economia mundial. Esta escola privilegia uma aproximação económica à globalização, apontando a emergência de um mercado global, caracterizado pela concorrência mundial como fonte de desenvolvimento e desnacionalização das economias através da criação de redes de produção, comércio e financiamento transnacionais. Nesta nova economia mundial, a divisão do mundo norte-sul é substituída por uma aproximação mais complexa baseada na divisão mundial da mão-de-obra. Este novo paradigma tem como uma das suas principais consequências, o esgotamento do Estado Social, provocado pela concorrência global onde os diversos atores competem seguindo princípios e modelos diferentes. Assim, a soberania e autonomia do Estado Nação são corroídas, sendo substituídas por instituições globais e regionais, diluindo o poder económico e político. Esta escola defende assim uma versão minimalista do Estado, onde este apresenta um peso reduzido na sociedade e em particular na economia, permitindo que as forças de mercado funcionem com grande autonomia. Esta versão minimalista liberal das funções do Estado acaba por incorrer em problemas graves no que respeita ao combate ao desemprego, desigualdades e proteção social. A imagem para o Estado da escola hiperglobalista enquadra-se também na teoria defendida por Van Creveld (1999), onde o Estado perde alguns dos seus poderes, sendo substituído por organizações internacionais. Segundo o autor, o Estado continua, no entanto, a manter um papel fundamental na gestão de conflitos, onde a perda de poder do Estado conduziria ao aumento do poder de atores indesejados, como organizações criminosas de escala global, grupos terroristas e nações fundamentalistas. Para terminar a análise desta escola de pensamento importa referir que dentro do universo hiperglobalista existem dois grupos, neoliberais e neomarxistas, que diferem na análise de alguns temas. Para os neoliberais a globalização representa o triunfo da autonomia individual e da economia de mercado, sendo a globalização o percussor da primeira verdadeira civilização global. Nesta civilização global, podendo alguns países sair prejudicados pela concorrência numa esfera mundial, a maioria pode obter vantagens competitivas na produção de alguns bens ou serviços. Já os neomarxistas veem a globalização como o triunfo da opressão capitalista global, resultando na primeira verdadeira civilização de mercado, onde os padrões de desigualdade existentes são reforçados.

A escola cética, baseando-se na análise estatística dos fluxos mundiais comerciais, financeiros e de mão-de-obra, do século XIX, argumenta que os níveis de interdependência atuais não são históricos sem precedentes. Assim, a evidência aponta para um aumento dos

níveis de internacionalização, não existindo a globalização como uma economia perfeitamente integrada a nível mundial, defendida por esta escola. Divergindo ainda mais da escola hiperglobalista, a escola cética defende que o aumento da internacionalização depende da capacidade regulatória dos Estados para garantir a continuação da liberalização dos mercados, defendendo assim a manutenção do poder do Estado Nação. Segundo Hirst e Thompson o Estado continua assim a manter um papel fundamental ao formular as regras pelas quais os diversos atores catalisadores da globalização se regem. A economia mundial defendida pela teoria cética encontra-se dividida em blocos regionais (Europa, Ásia-Pacífico e América do Norte), que controlam os fluxos financeiros e comerciais mundiais. Com esta regionalização da economia mundial, as desigualdades entre o norte e o sul não foram reduzidas, verificando-se sim a marginalização da maioria dos países do sul e o aumento dos fluxos dentro do norte, cimentando deste modo a hierarquia mundial existente, o que ao aumentar ou manter as desigualdades existentes, provoca o fomento do fundamentalismo e nacionalismo, resultando no mundo fragmentado em blocos civilizacionais defendido por Huntington (1999). Fonte de desacordo dentro da escola cética é a origem da internacionalização, sendo que uma visão apresenta a internacionalização como um resultado da liberalização económica mundial iniciada pelos Estados Unidos da América, que resultou numa economia mundial multilateral, enquanto a visão oposta vê a internacionalização como uma expansão do imperialismo ocidental.

A escola transformacionista defende que a globalização é a força motriz por detrás das mudanças sociais, políticas e económicas, que estão a reestruturar a sociedade moderna. Para esta escola a globalização contemporânea é um fenómeno sem precedentes, onde não existe uma distinção entre relações internacionais e domésticas, forçando assim um ajustamento por parte da sociedade. Apresentando uma alteração total da sociedade mundial, provocada pela globalização, esta escola não apresenta no entanto, uma trajetória futura para a evolução da sociedade alterada pela globalização, nem compara o estado atual da sociedade com o estado ideal de sociedade na globalização. Na ordem mundial defendida pela escola transformacionista, o conceito de hierarquia norte-sul, com um grupo restrito de países no norte e um sul muito mais vasto, acaba por, segundo Hoogvelt (2001), ser substituído por um sistema composto por três círculos concêntricos (elites, satisfeitos e marginalizados), que atravessam fronteiras nacionais dissolvendo assim o espaço económico nacional. Neste sistema, a divisão centro-periferia já não representa uma divisão geográfica mas sim uma divisão social. Na globalização defendida pelos transformacionistas, o poder, funções e

autoridade dos governos nacionais não desaparece, mas reformula-se, com uma partilha entre os governos nacionais e as organizações governamentais internacionais, criando um novo conceito de soberania, em que as fronteiras territoriais são de certa forma substituídas fronteiras ou redes transnacionais. Neste aspeto a escola transformacionista aproxima-se da escola hiperglobalista, na medida em que ambas defendem a substituição do Estado, em algumas áreas, por instituições globais. Nesta visão, defendida por Giddens (2000), cabe ao Estado intervir na ordem global de forma a garantir a expansão da democracia em todas as áreas da sociedade, permitindo assim uma disseminação total da globalização e uma maximização dos benefícios da mesma.

1.2 Dimensões, impactos e críticas à globalização

Aprofundando agora o conceito de globalização, este pode ser dividido em cinco dimensões distintas mas interligadas, capitalismo, tecnologia, política, ambiente e sociocultural.

Começando por analisar a dimensão relativa ao capitalismo, importa referir que diversos autores de estudos sobre globalização e capitalismo apresentam várias teorias sobre a génese do fenómeno. Segundo Sen no seu discurso, “*Globalizing What?*” efetuado na Universidade de Harvard em 2002, a globalização é um processo milenar, com o ocidente a ter uma importância reduzida na moldagem do mesmo. Já Friedman (1999) aponta o final da Primeira Guerra Mundial como ponto de partida para a globalização, sendo também possível apontar o final da Segunda Guerra Mundial como ponto de partida, acelerado pelas sucessivas rondas de liberalização comercial no âmbito do GATT. Na dimensão capitalista tanto Held et al. (1999) como Giddens (1990) destacam ainda o surgimento e ascensão de empresas multinacionais na construção da globalização. Os primeiros relevam a importância das trocas comerciais dentro da própria empresa para o aumento das trocas comerciais globais e o impacto dos fluxos financeiros mundiais, que ao unirem financeiramente pontos distantes do globo, acabam por expor os mercados globais a crises locais, como é exemplo a crise financeira asiática de 1997 motivada pela flutuação do baht tailandês. Já Giddens (1999) destaca a concentração de poder em economias de índole capitalista, onde a economia é controlada maioritariamente por empresas, sendo o estado relegado para uma função reguladora. Assim sendo, o poder das empresas no mercado internacional aumenta através da

deslocalização e expansão da cadeia de valores. Uma visão distinta, com uma componente mais histórica, aponta o processo colonial Europeu marcado pela descoberta da América por Cristóvão Colombo, em 1492, e a descoberta do caminho marítimo para a Índia por Vasco da Gama, em 1498, ou a Revolução Industrial, com início no final do século XVIII, como pontos de partida para a globalização, ao terem aproximado culturas, dinamizado as economias locais e criado uma verdadeira economia mundial.

Independentemente da opinião sobre o ponto de partida da globalização, existe consenso quanto ao peso dos incentivos económicos como precursores da mesma. Ao comparar o capitalismo com os sistemas económicos anteriores, verifica-se que a emergência do capitalismo coincide com a emergência da globalização. Exemplo deste paralelismo poderá ser a criação de redes comerciais internacionais por parte das companhias comerciais inglesas e holandesas. Assim sendo, dois marcos cruciais na história serão a descoberta da América, que marca a emergência do colonialismo, e a fundação da Dutch United East Índia Company, em 1602, marcando a criação da primeira empresa multinacional.

Ainda na análise da dimensão capitalista da globalização importa indicar que esta está no centro de uma das principais críticas referentes ao fenómeno, que se deve à sua incapacidade em distribuir os benefícios por si gerados de forma igual entre os vários países e regiões, podendo assim atrasar o processo de convergência económica e política. Para terminar a análise da dimensão capitalista ou económica da globalização, são de salientar os principais impactos da globalização referentes a esta dimensão. Segundo Davis e Harrigan (2007), a globalização tem um impacto relevante na vida empresarial a nível global e na formação dos salários. Na perspetiva dos autores, a globalização ao promover a liberalização comercial tem o efeito de maximização da eficiência no mercado, fortalecendo as empresas mais eficientes e reduzindo o número de empresas mais ineficientes. Já para os trabalhadores os efeitos são antagónicos, destruindo os chamados empregos bons, expandindo o número dos chamados empregos maus. Já Feenstra (1998) apresenta a conclusão de que a liberalização comercial ao facilitar a deslocalização da produção acaba por ter um efeito semelhante à automatização da produção no país de origem, ao reduzir a procura de trabalho pouco qualificado. Ainda no estudo dos mercados de trabalho, Vandenbussche e Konnings (1998) ao estudarem as diferenças no mercado de trabalho entre o aumento da concorrência nacional, através de investimento direto estrangeiro, e o aumento da concorrência internacional, através do aumento das importações, chegaram às conclusões que, num mercado sindicalizado, o

aumento do investimento direto estrangeiro contribui para o aumento do poder dos trabalhadores, enquanto o aumento da concorrência internacional contribui para a redução dos salários, dado que estes dependem dos salários externos. Na área da convergência económica Epstein et al. (2004), chegam à conclusão que a globalização acaba por promover a divergência entre economias, dado que, segundo o seu estudo, o principal aumento de trocas, tal como a convergência de rendimentos, dá-se entre países industrializados, criando assim blocos económicos com rendimentos diferentes. Esta conclusão está de acordo com a teoria apresentada por Fratianni (2004), que ao estudar o impacto da globalização nas fronteiras nacionais chegou à conclusão que os acordos internacionais formados entre países promovem uma maior regionalização, aumentando a integração económica dentro dos acordos.

Analisando agora a dimensão tecnológica, Langhorne (2001), identifica esta dimensão como pilar fundamental da criação e evolução da globalização. Segundo o autor, a globalização existe porque o progresso tecnológico reduziu as barreiras à comunicação global que, no passado, limitaram a proximidade e cooperação entre pessoas. Para Langhorne (2001), a revolução das comunicações é de facto a causa da globalização, existindo três fases fulcrais que marcaram esta revolução traduzindo-se em pontos de viragem na evolução da sociedade como a conhecemos e do fenómeno da globalização. A primeira fase começa no Reino Unido, com a Revolução Industrial e a criação do motor a vapor, aliada, no entanto, à invenção e instalação mundial do telégrafo. A combinação destas duas invenções propulsionou o desenvolvimento industrial, com a criação de uma indústria de caminhos-de-ferro e desenvolvimento de outras atividades diretamente relacionadas com esta indústria. Adicionalmente estas duas invenções aumentaram exponencialmente a velocidade de transporte de pessoas, produtos e informação. A segunda fase teve início na Segunda Guerra Mundial, mas teve o seu maior desenvolvimento com o final desta guerra e o início da Guerra Fria. Esta fase caracteriza-se pela combinação da criação do motor de propulsão com a invenção de Alexander Bell, o telefone. Com o início da Guerra Fria as duas potências vigentes concentraram-se na corrida ao espaço, desenvolvendo o motor de propulsão, que havia sido criado na Alemanha, o que permitiu lançar satélites no espaço, que ao serem utilizados em conjunto com o telefone criaram, em 1969, uma rede de comunicações intercontinental rápida e de confiança. A terceira fase, deu-se na década de setenta e concentrou-se na utilização do computador como gestor e transmissor de informação, resultando na criação da internet. Nesta última fase destaca-se a criação do *microchip*, que revolucionou o computador, tornando-o mais rápido, pequeno e eficaz, permitindo assim a

transmissão e conservação de maiores quantidades de informação. Numa fase mais recente esta capacidade foi dinamizada ainda mais pela invenção do cabo de fibra ótica.

Ainda na dimensão tecnológica esta cruza-se com a dimensão cultural devido à facilidade com que a informação é disseminada na sociedade atual permitindo assim, tal como Ferreira (2006) indica, que o mundo esteja ligado, em permanente atualização e a par dos últimos acontecimentos. Esta facilidade na difusão da informação deve-se à proliferação das chamadas tecnologias de informação e comunicação, onde estão incluídas, por exemplo, as redes sociais, que assumem um papel cada vez mais importante no jornalismo e tiveram um papel relevante na chamada Primavera Árabe.

Examinando agora a dimensão política da globalização, esta concentra-se na função dos diversos Governos em criar os alicerces para a evolução da globalização. Ao incentivar a atividade económica privada, o consumo e o investimento, os Governos estimulam o desenvolvimento económico permitindo assim a expansão do processo de globalização. Fazendo uma análise histórica desta dimensão, a queda do muro de Berlim teve um papel fulcral na evolução da globalização a nível político e económico, permitindo a extinção do mundo bipolar, transformando-o num espaço único que contribuiu para a disseminação do capitalismo, criando um mundo à imagem do multilateralismo apresentado por Held et al. (1999). Ainda na dimensão política da globalização, Giddens (1990) apresenta uma divisão em quatro vértices desta dimensão onde os dois primeiros, *world capitalist economy* e *international division of labour*, sendo influenciados pelo estado, têm uma índole maioritariamente económica, influenciada, tal como foi indicado anteriormente, na análise da dimensão capitalista, maioritariamente pela empresa, enquanto os dois últimos, *nation state system* e *world militar order*, apresentam claramente um carácter político. Nestes dois vértices o poder dos estados depende maioritariamente da capacidade económica e militar dos mesmos e a soberania varia de acordo com a combinação de poder entre nações e, mais uma vez, do poder militar das mesmas, através da criação de uniões e alianças, na transição de um mundo bipolar para um mundo multilateral. A análise da soberania dos Estados na globalização está no centro de uma das principais críticas apontadas à globalização, que passa pela possibilidade de o fenómeno apresentar uma ameaça demasiado elevada à soberania nacional. Alguns dos principais marcos históricos referentes à dimensão política da globalização são, a assinatura do Acordo de Bretton Woods e a criação de instituições internacionais como a Organização das Nações Unidas, a Organização do Tratado do Atlântico Norte o Banco

Mundial, o Fundo Monetário Internacional, a assinatura do Protocolo de Quioto e a Organização das Nações Unidas para a Educação Ciência e Cultura tiveram um contributo fundamental, aproximando Nações e harmonizando políticas, permitindo assim o desenvolvimento do processo de globalização. Ao analisarmos os marcos apresentados, mais especificamente as diversas organizações apresentadas, podemos verificar a ligação existente entre as diversas dimensões da globalização, devido aos objetivos das mesmas que, ao serem criadas por Estados tendo assim uma origem política, procuram agir em diversas dimensões como a economia, a cultura ou o ambiente. Um marco mais recente com influência na dimensão política, e também cultural, da globalização foram os atentados terroristas de 11 de Setembro de 2001, que criaram uma nova clivagem entre povos, nomeadamente o denominado ocidente e os países muçulmanos, clivagem essa que já havia sido apresentada por Huntington na sua obra Choque das Civilizações. Para terminar, um dos principais impactos da globalização na dimensão política, apresentado tanto por Ferreira (2006), como por Leonard (2005), passa pela mudança de poder, ou pelo menos pela erosão do paradigma anterior, como a deslocalização de norte para sul e do ocidente para o oriente, com a ascensão dos denominados BRIC, Brasil, Rússia, Índia e China.

Quanto à dimensão sociocultural da globalização Dreher et al. (2008) apontam a década de sessenta do século XX como fase embrionária da globalização cultural, com revoluções sociais e culturais que resultaram na emancipação da mulher, dos homossexuais e das chamadas minorias étnicas. Segundo os autores, esta revolução cultural resultou numa cultura global caracterizada pela liberdade de escolha. Importa destacar o papel da televisão e, mais recentemente, da internet na disseminação da cultura global atual, designada por Castells de era da informação, difundindo informação e conhecimento a uma escala global, uniformizando culturas e influenciando padrões de consumo. Um resultado da referida evolução foi o crescimento exponencial de empresas multinacionais capazes de vender e publicitar os seus produtos virtualmente em qualquer parte do mundo. Uma das principais críticas à globalização acaba por incidir na dimensão cultural da mesma e passa por este não ser um fenómeno verdadeiramente heterogéneo de aproximação e de culturas mas sim um fenómeno de americanização das diversas culturas mundiais, com uma índole fortemente capitalista. No entanto, tal como Wolton (2004) indica, a maior exposição à informação acaba por provocar uma resposta da população, acabando assim por promover a diversidade cultural e combater o domínio cultural por parte de uma potência mundial.

A última dimensão da globalização está relacionada com o ambiente e apresenta contornos mais sombrios, devido à maior percepção do impacto negativo da globalização no ambiente. Não existindo necessariamente uma correlação positiva entre globalização e deterioração ambiental, alguns dos resultados da globalização, tais como o aumento do tráfego aéreo, rodoviário e marítimo, o aumento da atividade industrial e do consumo de combustíveis fósseis, acabam por ter um impacto negativo no ambiente. Esta ideia aproxima-se da principal componente, ou manifestação da dimensão ambiental, apresentada por Held et al. (1999) que consiste na mudança ambiental à escala global, que se manifesta através de choques entre ecossistemas previamente separados, poluição e expansão da degradação ambiental transfronteiriça, difusão e deslocalização da poluição à escala global e poluição e degradação dos recursos ambientais comuns. Num cruzamento com a dimensão política da globalização os autores apresentam ainda a formação de instituições e criação de tratados com o intuito de regular o ambiente e combater a degradação do mesmo, como uma manifestação da dimensão ambiental da globalização. De realçar, no entanto, que o progresso técnico inerente ao processo de globalização poderá permitir chegar a soluções que minorem ou eliminem estes efeitos negativos.

1.3 Metodologias de medição

Avançando agora na análise da globalização, podemos analisar alguns métodos seguidos para medir a globalização, revendo a metodologia utilizada e as vantagens ou inconvenientes da mesma. Segundo Dreher et al. (2008) grande parte dos argumentos a favor dos efeitos positivos da globalização, baseiam-se em estudos teóricos e em estudos empíricos que, estudos esses tradicionalmente utilizam *proxies* como comércio internacional, evolução do investimento direto estrangeiro e fluxos de fatores de produção. Este tipo de análise apresenta no entanto uma imagem limitada do que realmente é a globalização, respondendo a questões apenas diretamente relacionadas com o índice utilizado. Para combater esta falha torna-se necessário elaborar análises mais aprofundadas, utilizando índices compostos que, ao permitirem analisar várias dimensões em conjunto, obtêm resultados mais significativos e exemplificativos. Os índices utilizados devem no entanto respeitar diversos princípios, devendo assim ser robustos, relevantes, transparentes e acrescentar valor à teoria já existente. Devido à complexidade do fenómeno da globalização, qualquer índice criado para a medir não deve compreender apenas variáveis económicas, evitando assim medir somente

desenvolvimento económico, ignorando as dimensões, política, ambiental, tecnológica e cultural da globalização.

Dentro do universo dos índices compostos relativos à globalização existem dois que são amplamente utilizados no seu estudo, devido qualidade da informação utilizada e produzida. Estes dois índices acabam por funcionar como *benchmark* e influenciar a análise posterior do tema. Começando pelo *World Market Research Centre G-Index* trata-se de um índice com um peso maioritariamente económico, composto por duas variáveis, economia,- com 90%, e tecnologia,- com um peso significativamente mais reduzido de apenas 10%. Neste índice, a globalização é definida como “*a interligação cada vez maior de uma economia global, numa tentativa de medir a profundidade, amplitude e vastidão de uma vasta gama de ligações económicas que ligam uma economia ao resto do mundo*” Dreher et al. (2008, p. 27), dividindo a economia mundial em duas economias: economia antiga e economia nova. A principal virtude deste índice consiste na grande abrangência de países estudados, um total de 185 países, no entanto, ao utilizar maioritariamente fatores económicos como exportações e comércio internacional, acaba por favorecer economias de pequena dimensão onde o peso do comércio internacional na economia interna é muito elevado, como é o caso de países como o Liechtenstein ou Singapura.

O segundo índice a analisar, é o *A.T. Kerney/Foreign Policy Magazine Globalisation Index*. Sendo um dos índices mais conhecidos e utilizados no estudo da globalização, apresenta maior robustez do que o anterior, que é motivada pela maior abrangência de indicadores utilizados, catorze, pecando no entanto pelo número mais reduzido de países estudados, sessenta e dois. Este número mais reduzido de países compreende no entanto 96% do produto interno bruto mundial e oitenta e quatro por cento da população mundial. Na medição da globalização o *A.T. Kerney/Foreign Policy Magazine Globalisation Index* utiliza quatro fatores, economia, sistema político, migração e turismo, cobrindo áreas como a participação política, tecnologia e integração económica numa escala mundial. Utilizando o ranking anual de nações publicado pela *Foreign Policy Magazine*, o índice apresenta a evolução anual dos diferentes países na classificação geral e nas diversas áreas estudadas, comparando, posteriormente, os resultados obtidos com outras medidas de bem-estar social e desenvolvimento económico, conseguindo assim analisar os efeitos da globalização.

Terminando a análise dos dois índices apresentados, pode-se dizer que estes comportam diversas diferenças e insuficiências para o estudo e análise da globalização, sendo

agora apresentadas as mais significativas. Tanto o Índice G do *World Market Research Centre* como o Índice de Globalização *A. T. Kerney/Foreign Policy* enfatizam maioritariamente fenómenos económicos no estudo da globalização. Adicionalmente, mesmo apresentando uma definição de globalização, nenhum dos índices indicados apresenta uma distinção entre globalização, internacionalização e liberalização comercial. Outro fator a ter em consideração consiste na dimensão cultural da globalização. Sendo a cultura aceite como uma das manifestações mais relevantes da globalização, nenhum dos índices contabiliza essa dimensão de forma adequada, ignorando por completo o seu estudo, ou justificando a ausência com a dificuldade de quantificar alterações e evoluções no padrão cultural. Para além das deficiências conceptuais anteriormente indicadas, os diversos índices apresentam também deficiências operacionais. A principal insuficiência apresentada pela generalidade dos índices existentes está relacionada com a falta de robustez dos resultados apresentados, dado que estes são particularmente sensíveis a valores extremos e a variações anuais.

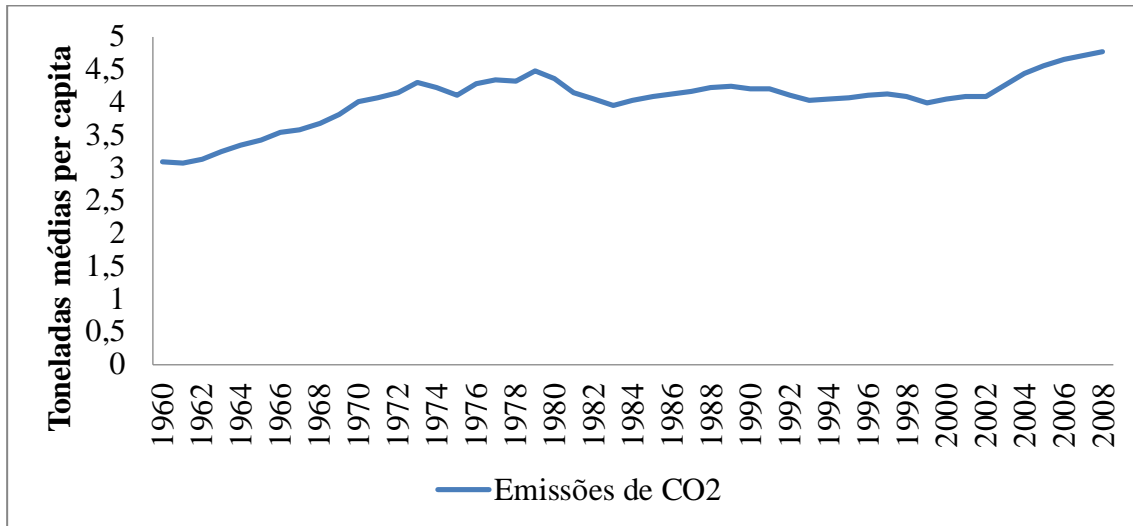
1.4 Evidência empírica

Avançando agora para a apresentação da evolução de alguns indicadores que, tal como foi referido anteriormente, não se constituem como medida para a globalização, mas permitem verificar que esta existe e que o mundo está de facto a mudar. Antes de apresentar os indicadores referenciados importa ainda salientar que existem efeitos da globalização que, não sendo facilmente quantificáveis, são facilmente identificáveis no dia-a-dia. Na esfera política e social sobressai a maior visibilidade de fenómenos de violação dos direitos humanos e privação de liberdades políticas e civis conseguidas, em parte, pelo acesso mais fácil à informação através da internet ou de serviços noticiosos internacionais, nomeadamente através de estações como a BBC, CNN ou a Al Jazeera. Uma manifestação mais trágica da globalização passa pelo aumento de ameaças à segurança a uma escala mundial, através de terrorismo, pirataria convencional e pirataria informática.

O primeiro indicador apresentado está relacionado com a dimensão ambiental da globalização e consiste na evolução das emissões mundiais de dióxido de carbono, medidas aqui em toneladas *per capita*. Começando a observação em 1960, podemos verificar que estas aumentaram de forma relativamente constante até 1979, permanecendo relativamente constantes até 1999, voltando a aumentar nos anos seguintes. Sendo esta evolução no longo

prazo positiva, é em parte atribuída ao desenvolvimento económico normal, podendo o próprio desenvolvimento económico ser também, de certa forma, atribuído à globalização.

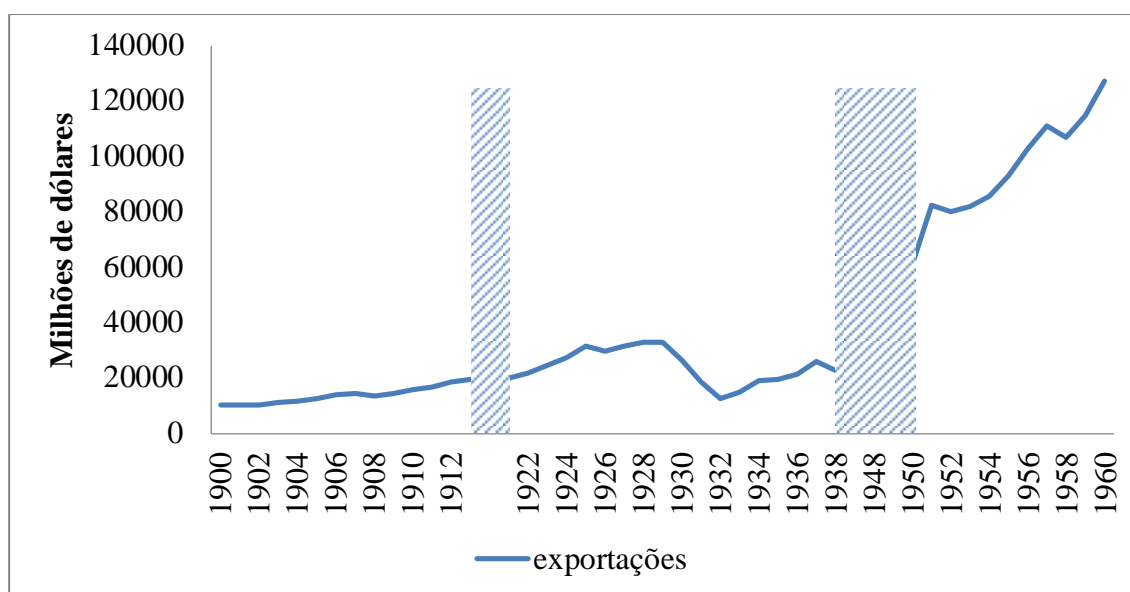
Figura 1: Evolução das emissões de CO2 no mundo



Fonte: Banco Mundial

Os dois indicadores seguintes dizem respeito à evolução das exportações mundiais, estando o primeiro compreendido entre 1900 e 1960 e o segundo entre 1961 e 2010. Através da análise da Figura 2 podemos verificar que entre 1900 e 1950 o valor total das exportações no mundo permaneceu relativamente constante e em níveis reduzidos, aumentando exponencialmente após 1950. Esta evolução, particularmente após o ano de 1950 seria expectável, combinando o final da Segunda Guerra Mundial com o chamado período de ouro da globalização após a década de sessenta do século XX. Os dois *gaps* nos dados de 1913 a 1922, e de 1938 a 1950 são facilmente explicados pelas duas grandes guerras mundiais e consequentes períodos de reconstrução.

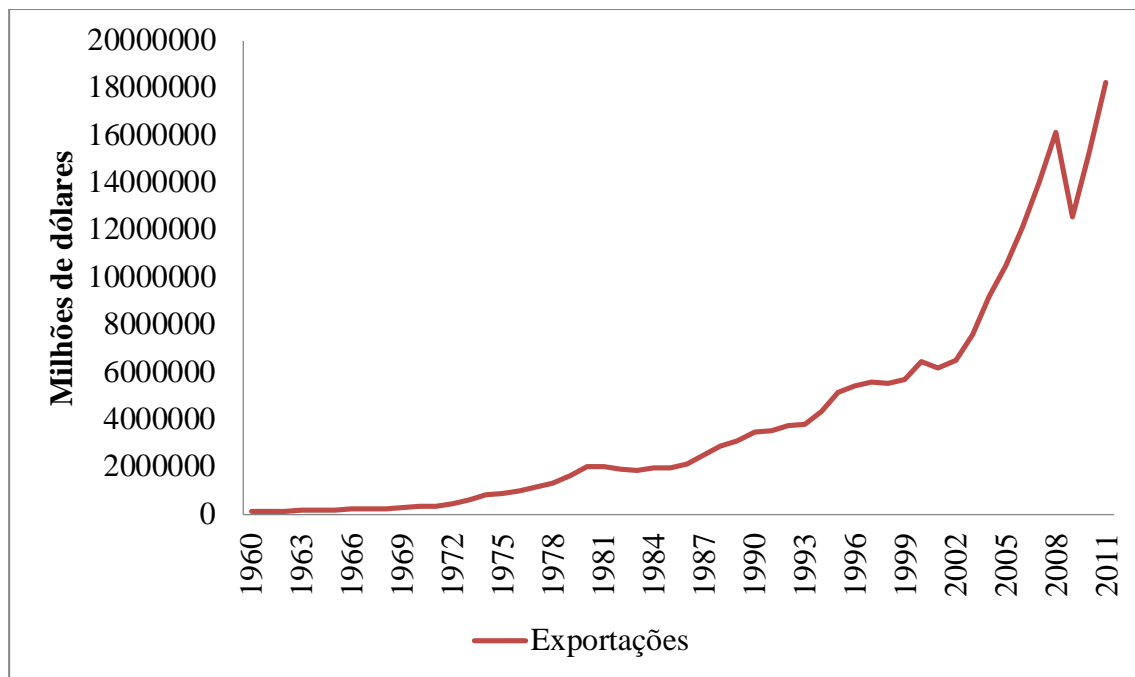
Figura 2: Evolução das exportações mundiais entre 1900 e 1960



Fonte: UN Statistics Division

Ao analisar a Figura 3 podemos verificar que as trocas mundiais continuaram a aumentar a um ritmo constante, caindo no entanto no ano de 2007, período que coincide com uma nova crise financeira mundial. A desaceleração verificada na década de oitenta pode também ser explicada por crises económicas, desta feita de cariz energético.

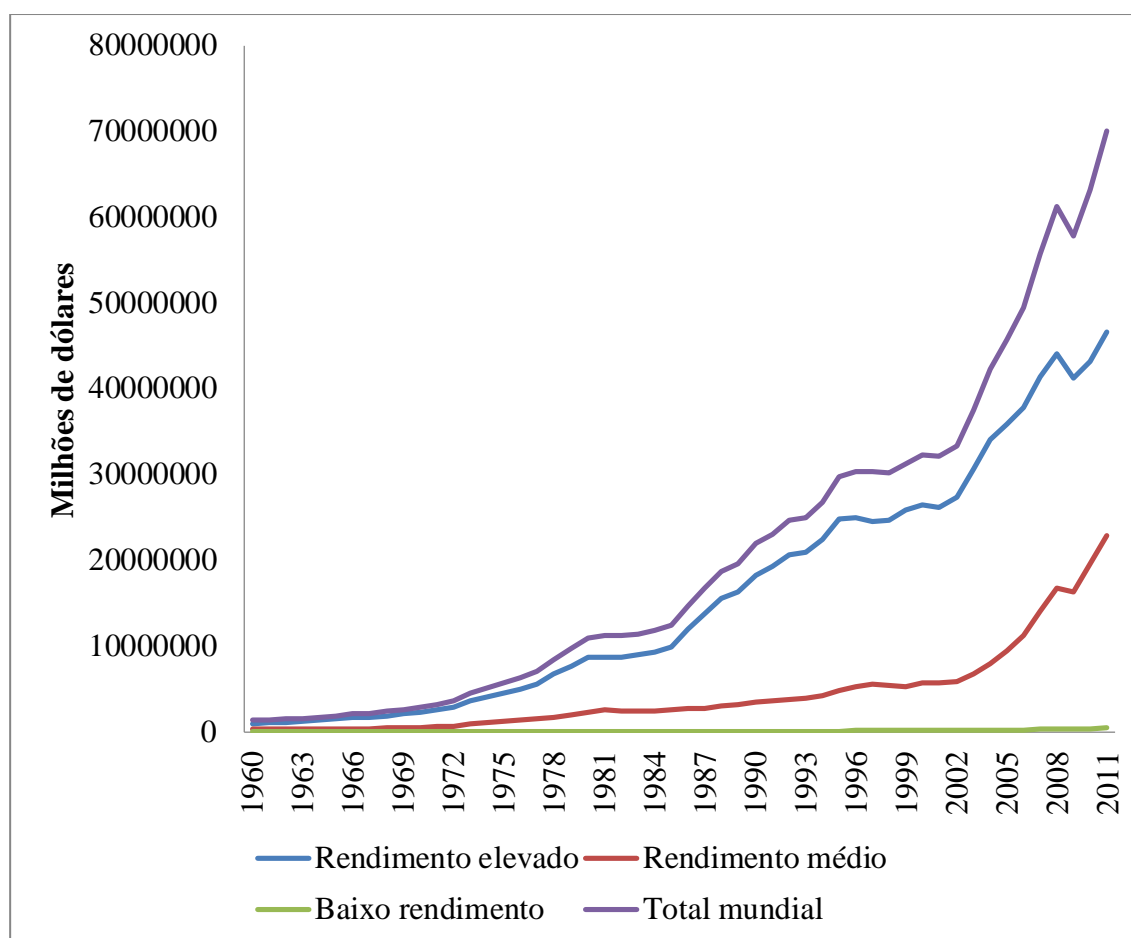
Figura 3: Evolução das exportações mundiais entre 1961 e 2010



Fonte: Banco Mundial

Na Figura 4 pode-se analisar a evolução do produto interno bruto a preços constantes, sendo o indicador apresentado para o total mundial, para países de rendimento elevado, médio e baixo, divisão essa segundo dados do Banco Mundial. Para tal, são introduzidos dois limiares no ranking produto interno bruto dos países estudados, sendo estes posteriormente divididos em três grupos (rendimento elevado, rendimento médio e baixo rendimento), sendo somados os valores dos países pertencentes a cada grupo para obter o valor de cada grupo de rendimento. Através da análise desta figura podemos verificar que, como seria expectável, o total mundial tem vindo a evoluir positivamente. Ao decompormos este indicador por nível de rendimento podemos constatar que uma das principais críticas apontadas à globalização poderá corresponder à realidade. Sendo indicado por alguns críticos do fenómeno que a globalização não só não promove a convergência económica entre países, como aumenta a divergência, ao analisarmos a Figura 4 podemos verificar que desde 1960 o intervalo no rendimento entre os países mais ricos e os países mais pobres tem de facto vindo a aumentar.

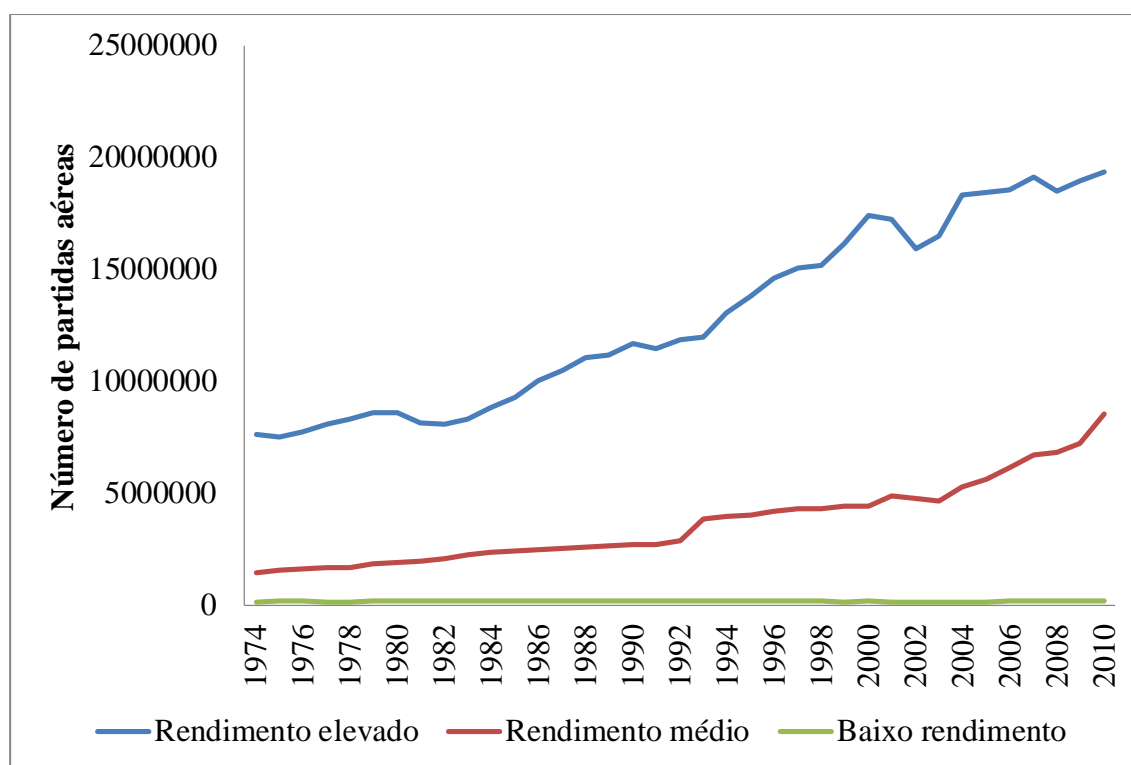
Figura 4: Evolução do PIB a preços correntes no mundo



Fonte: Banco Mundial

Abandonando a dimensão económica da globalização, a Figura 5 apresenta o valor mundial de partidas aéreas desde 1960, dividido por nível de rendimento, seguindo o mesmo princípio definido para a figura 4. Como seria de esperar o número de partidas tem vindo a aumentar de forma constante, sendo o valor para os países de maior rendimento bastante mais elevados do que para os dois grupos de países restantes.

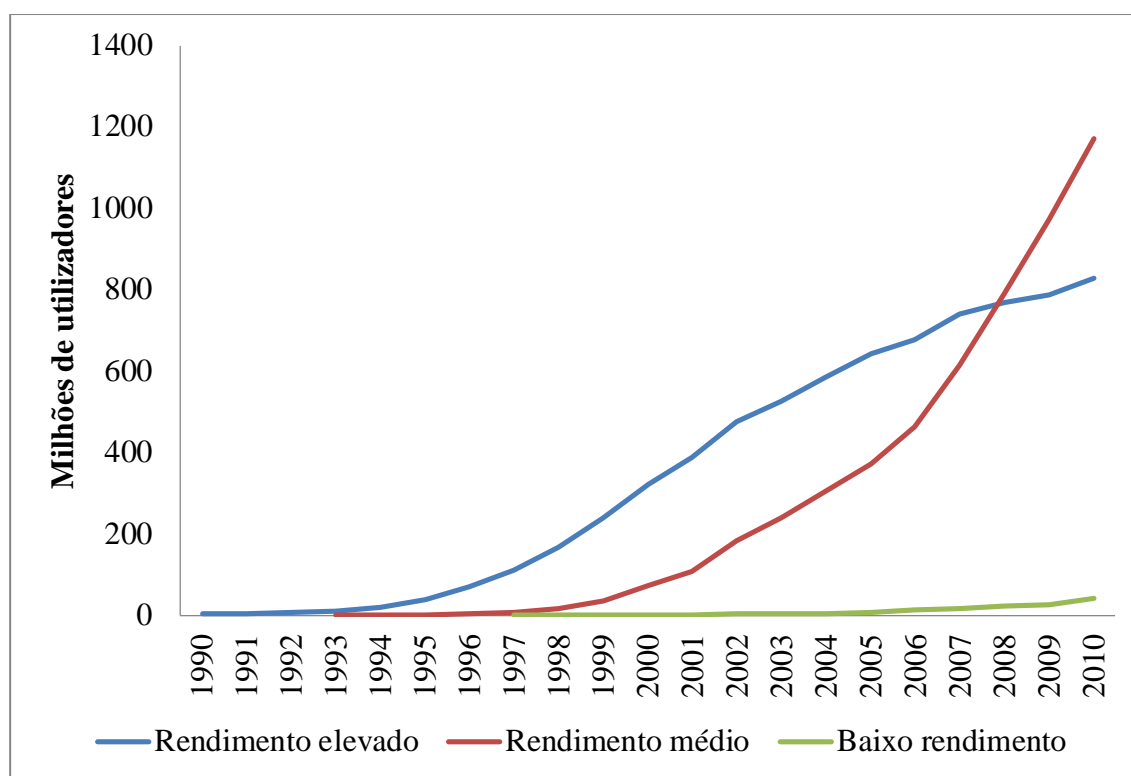
Figura 5: Partidas aéreas mundiais



Fonte: Banco Mundial

Para terminar, a Figura 6 apresenta a quantidade de utilizadores de internet no mundo, também esta dividida de acordo com o nível de rendimento económico dos países. Sendo a internet uma evolução tecnológica relativamente recente os dados apresentados começam apenas no ano de 1990, registando a primeira grande aceleração em 1995, com a maior disseminação da tecnologia. A evolução nos três grupos de rendimento tem-se dado a ritmos distintos, com a particularidade de, no ano de 2008, o número de utilizadores em países de rendimento médio ter ultrapassado o número de utilizadores em países de rendimento elevado. A desaceleração nos países de rendimento elevado pode dever-se a uma maximização do número de utilizadores disponível, enquanto nos países de rendimento médio, com o desenvolvimento económico e consequente desenvolvimento tecnológico, conduz a um aumento do número de utilizadores mais célere.

Figura 6: Número de utilizadores de internet mundial



Fonte: Banco Mundial

Capítulo 2: Migrações Internacionais

2.1 Definição do conceito e fatores motivadores

O segundo capítulo agora apresentado consiste na análise das migrações mundiais, procurando estudar a evolução dos fluxos internacionais, identificar padrões ao nível de intensidade dos fluxos ao longo do tempo e também em termos de países emissores e recetores. Paralelamente com esta análise será feita uma análise das migrações de conteúdo mais teórico, procurando identificar as principais razões para as migrações, apresentar as principais teorias explicativas existentes na literatura, sendo também identificados alguns problemas presentes na análise dos fluxos migratórios.

Começando pela apresentação de uma definição para migração e outra para migrante. Assim, Lee (1966) definiu migração como a mudança de residência, permanente ou semipermanente. Na sua definição Lee não coloca qualquer restrição no que concerne à distância da movimentação, à sua natureza nem à sua voluntariedade. Já as Nações Unidas definem migrante como uma pessoa que vive temporariamente, ou permanentemente, num país onde não nasceu e com o qual adquiriu laços sociais. Aprofundando esta definição pode-se distinguir trabalhador migrante de migrante forçado, sendo que um trabalhador migrante é alguém que possui, já possuiu ou irá possuir uma atividade remunerada num país de onde é, ou não, cidadão nativo, enquanto um migrante forçado, ou refugiado, é uma pessoa que se vê forçada a abandonar o seu país ou região nativa devido a conflitos ou calamidades. Segundo Reermann (1998), as migrações forçadas têm como principais fatores motivadores a existência de desastres naturais ou humanos, a escassez de recursos essenciais como água ou fontes de alimentação, a violação dos direitos civis dos cidadãos, tornando insuportável a permanência no país, a deflagração de uma guerra civil ou convencional no território, ou a combinação do subdesenvolvimento existente no país de origem com o excesso de população no mesmo, fatores que quando combinados reduzem drasticamente as condições de vida e limitam as oportunidades de emprego sustentável existentes. Quanto às migrações não forçadas, os fatores impulsionadores destas são menos pragmáticos, tendo um carácter psicológico, que varia de indivíduo para indivíduo, ou de grupo de indivíduos para grupo de indivíduos, sendo que a racionalidade nem sempre se apresenta como fator psicológico mais distinto na decisão. De acordo com Lee (1966), os fatores que influenciam a decisão para migrar podem ser divididos em quatro grupos, consistindo em fatores relacionados com o país

de origem ou com o país de destino, obstáculos existentes e fatores pessoais. Alguns exemplos simples dos fatores relacionados com o país de origem e o país de destino podem passar pela conjuntura económica nos dois países, as diferenças existentes nas condições sociais entre o país de origem e o país de destino. Os obstáculos existentes à mudança podem passar por entraves à imigração existentes no país de destino, enquanto os fatores pessoais consistem na situação particular do indivíduo como a idade ou estado civil do mesmo. Deve-se realçar que a decisão de mudança é altamente pessoal, estando dependente da perceção que o indivíduo tem dos fatores diferenciadores dos dois países.

2.2 Principais teorias explicativas

Definido o conceito de migração e migrante e apresentados os principais fatores motivadores para as migrações, pode-se agora avançar para a apresentação das diversas teorias existentes na literatura, relativas ao estudo de migrações. Estas teorias procuram explicar a existência das migrações numa perspetiva de desenvolvimento económico, podendo ser divididas em, teoria macro e teoria micro.

Segundo Massey et al. (1993), a teoria macro procura estudar as migrações internacionais em termos de agregados populacionais, onde a mudança de país é causada por fenómenos fora do controlo do indivíduo. De acordo com esta teoria, tanto as migrações internacionais, como as migrações internas, são provocadas por diferenças geográficas na procura e oferta de trabalho, onde as diferenças salariais entre as regiões com maior quantidade de mão-de-obra e as regiões com menor quantidade de mão-de-obra, causam a migração de trabalhadores da região com salários mais reduzidos para as regiões onde o salário é mais elevado. Nesta teoria estão presentes quatro suposições que passam por assumir que as migrações internacionais são motivadas por diferenças salariais, que a anulação dessas diferenças salariais causará o cessar das migrações, que podem existir diferenças nos padrões migratórios de capital humano e mão de mão-de-obra menos qualificada, que apenas os mercados de trabalho são responsáveis pelos fluxos migratórios e, finalmente, que a forma que os governos possuem para controlar os fluxos migratórios passa por influenciar os mercados de trabalho nos países emissores e recetores.

A teoria micro, de acordo com Massey et al. (1993), explica as migrações através do comportamento do indivíduo, onde este se desloca em busca da melhor situação possível,

procurando maximizar a sua satisfação. Nesta teoria os indivíduos decidem migrar porque uma análise custo benefício resulta na conclusão que a migração causará um ganho geralmente monetário. Assim, o indivíduo escolhe o destino onde o ganho será mais elevado, tendo em conta os diversos custos inerentes à mudança, custos que passam pelo custo financeiro da mudança ou por um custo não quantificável referente à adaptação a uma nova realidade. Tal como a teoria macro, a teoria micro também se baseia em diversas suposições que consistem em assumir que as migrações internacionais são resultado do diferencial de ganhos entre regiões. Além disso, as características do indivíduo são um fator favorecedor para a movimentação pois, por exemplo, o domínio da língua local, o inferior nível de especialização existente no país recetor poderão ser mais-valias que impulsionam a sua migração. Acrescente-se que quanto menor for o custo de mudança maior será a probabilidade da mesma ocorrer. Baseando-se esta teoria em características individuais, a decisão de mudar varia entre indivíduos da mesma região. Os fluxos migratórios são um resultado do somatório das decisões individuais, dependendo da existência de ganhos. A dimensão do diferencial de ganhos entre regiões influencia a dimensão dos fluxos migratórios, apresentando os mercados de trabalho uma influência direta na decisão pois, se as condições na região de destino são psicologicamente favoráveis, os custos de deslocação poderão ser negativos e serão necessários ganhos negativos para terminarem as migrações. Finalmente refira-se que os governos controlam os fluxos através de políticas que alteram os ganhos nos países de origem e destino.

Após terem sido apresentadas as duas classes de teorias migratórias, serão agora apresentadas as quatro principais categorias de teorias existentes na literatura, que explicam as migrações não só numa perspectiva económica mas também como fenómeno sociológico, que procuram explicar as migrações: (i) a teoria ecológica de migração como adaptação ambiental; (ii) a teoria neoclássica de escolha racional maximizando a utilidade; (iii) a teoria do desenvolvimento económico; e a (iv) teoria de globalização e migração transnacional.

Segundo Bogue (2010), destas quatro teorias, as três primeiras procuram estudar maioritariamente os fenómenos de migração interna, sendo possível posteriormente, extrapolar algumas das suas conclusões para o estudo de migrações internacionais. Um primeiro fator comum às três passa pela suposição de um universo estável, onde o Estado Nação é fundamental na organização social, enquanto organizações internacionais como a Organização das Nações Unidas apenas têm a função de moderar disputas entre Estados,

promover a cooperação internacional e auxiliar o desenvolvimento dos Estados menos desenvolvidos. O segundo fator comum deve-se ao fato de as três apresentarem uma classificação dos diversos Estados, dividindo-os em Países Desenvolvidos ou Países Menos Desenvolvidos.

Por sua vez, a teoria de globalização e migração transnacional rejeita as três anteriores e o sistema mundial por elas defendido, apresentando assim um novo paradigma social. Castles (2009), principal defensor desta teoria, apresenta uma ideia de globalização como fenómeno facilitador de fluxos de bens, serviços e capitais, que conseqüentemente, fomenta o aumento de fluxos migratórios. Todavia, o aumento de fenómenos migratórios estimula a diversidade cultural nos países de destino, colocando em causa o conceito de Estado Nação, tradicionalmente mono cultural, e o sentido de identidade nacional correspondente. Adicionalmente, os influxos de imigrantes são catalisados pela presença de cidadãos do mesmo país de origem no país de destino e, no caso específico de imigração ilegal, pela existência de intermediários, autonomizando o processo, tomando-o impérvio a políticas estatais. Com este novo paradigma social, a antiga ordem mundial, baseada em Estados Nação soberanos, dá origem a uma nova ordem baseada nos fluxos de pessoas, bens, serviços e capitais, ditados pelas forças de mercado e preferências individuais. Já Sassen, também defensora desta teoria, (1999) atribui o declínio do Estado Nação a uma transferência de poder do Estado para organizações internacionais e grandes multinacionais que, ao estimular o desenvolvimento económico, incentiva o aumento de fluxos migratórios. Massey et al. (1993), também defensores da teoria de globalização e migração transnacional, apresentam uma nova teoria para as motivações dos emigrantes, distanciando-se das teorias clássicas onde o ónus da escolha era colocado no indivíduo. Segundo Massey et al. (1993) a decisão de mudança é tomada pela família, ou grupo, sendo que as diferenças salariais e disponibilidade de emprego não são os únicos fatores de mudança. Assim, a mudança não tem necessariamente um carácter permanente e, sendo a decisão tomada pela família, pode ser enviado inicialmente um único membro, reduzindo assim o risco inerente à mudança, através da multiplicação de fontes de rendimento. De acordo com esta teoria, a migração não é motivada unicamente por fatores *push*, mas principalmente por fatores *pull*, sendo dominada pela procura e não pela oferta. Este tipo de fenómeno tem a característica de se auto replicar após o seu estabelecimento inicial, através das ligações entre comunidades nos países de origem e de destino.

2.3 Problemas na análise dos fluxos e efeitos económicos das migrações

Avançando para a identificação dos diversos problemas existentes na análise dos fluxos migratórios, segundo Breunig et al. (2008) existem diversas deficiências transversais a quase todos os estudos existentes, motivadas pelo atraso do estudo das migrações, em particular se considerarmos a importância política destes fluxos. Os autores apresentam assim como principais deficiências: (i) o ênfase excessivo na análise das migrações de países menos desenvolvidos para países mais desenvolvidos, o que consiste numa amostra reduzida dos fluxos migratórios mundiais e, (ii) a análise é em grande medida centrada nos efeitos produzidos no país de destino, ignorando os efeitos no país de origem e a relação bilateral entre os dois países, não contabilizando a combinação dos fatores *push* e *pull* e o seu peso relativo nos fluxos. Adicionalmente, a literatura existente sobre fluxos migratórios assume que a existência de um regime democrático liberal no país de destino é por si só um fator motivador para a mudança de país, não existindo, no entanto, evidência empírica que comprove este facto, dado que a maioria das pessoas que abandonam democracias pouco estáveis, não o fazem devido ao regime político vigente, mas porque são forçadas, ou porque procuram condições económicas e sociais mais favoráveis. De acordo com um estudo realizado pelo Deutsche Bank (2003), a maioria dos emigrantes prefere manter-se dentro da sua área geográfica, migrando para países vizinhos. Adicionalmente, o rácio imigrantes cidadãos nacionais é mais baixo nos países desenvolvidos do que nos países menos desenvolvidos.

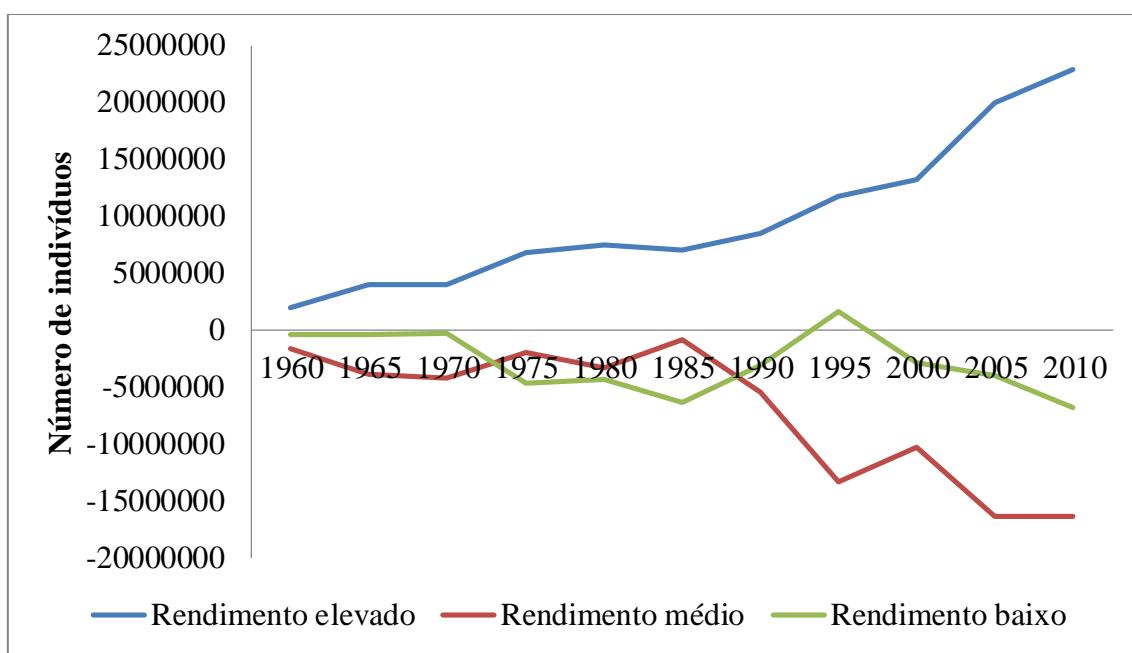
Continuando agora com a apresentação de algumas consequências económicas inerentes aos fluxos migratórios. Segundo Williamson (2006) alguns dos principais efeitos económicos, nos países de destino, resultantes dos fluxos migratórios são, a possível redução da escassez de mão-de-obra existente no país. Este aumento da quantidade de mão-de-obra poderá levar à redução do nível de salários o que pode levar à redução da pressão salarial na inflação. Adicionalmente poderá aumentar a mobilidade nos postos de trabalho. No entanto devem também ser tomados em consideração os efeitos negativos motivados pelos custos de integração de imigrantes na economia e sociedade recetora que irão aumentar a tensão nas infraestruturas nacionais como hospitais, escolas e rede de transportes. No país de origem as migrações podem ter como principais consequências a redução da taxa de desemprego, motivada pela diminuição do excesso de mão-de-obra no país, além do efeito positivo na economia nacional das remessas de emigrantes.

2.4 Evolução dos fluxos migratórios

De seguida serão agora apresentados dados relativos à evolução dos fluxos migratórios, especificamente a evolução temporal do saldo líquido de migração, ou seja o número total de imigrantes menos o número total de emigrantes do país, contabilizando cidadãos e não cidadãos do país. O horizonte temporal da análise irá abranger o período de 1960 até 2010. Os dados apresentados estão divididos numa primeira instância de acordo com o nível de rendimento dos países e, posteriormente, foram segregados por áreas regionais, permitindo assim retirar algumas ilações sobre os principais países emissores e os principais recetores. Será ainda elaborada uma análise mais detalhada da realidade dentro da União Europeia, estudando a evolução dos fluxos migratórios de diversos países constituintes da mesma.

Na Figura 7 podemos observar a evolução da migração líquida segundo o nível de rendimento do país em questão, divisão que segue o princípio indicado na figura 4. Como seria expectável o saldo dos países de rendimento elevado não só é positivo, o que demonstra que estes países recebem mais imigrantes do que perdem emigrantes, como tem vindo a evoluir positivamente, com um crescimento quase constante. Dado que os países de rendimento elevado apresentam sempre saldos positivos e mais elevados do que os saldos referentes aos países de rendimento médio ou baixo, pode-se ainda concluir que a maioria dos movimentos migratórios segue um nível de rendimento ascendente ou seja, de países com rendimento mais reduzido para países com rendimento elevado.

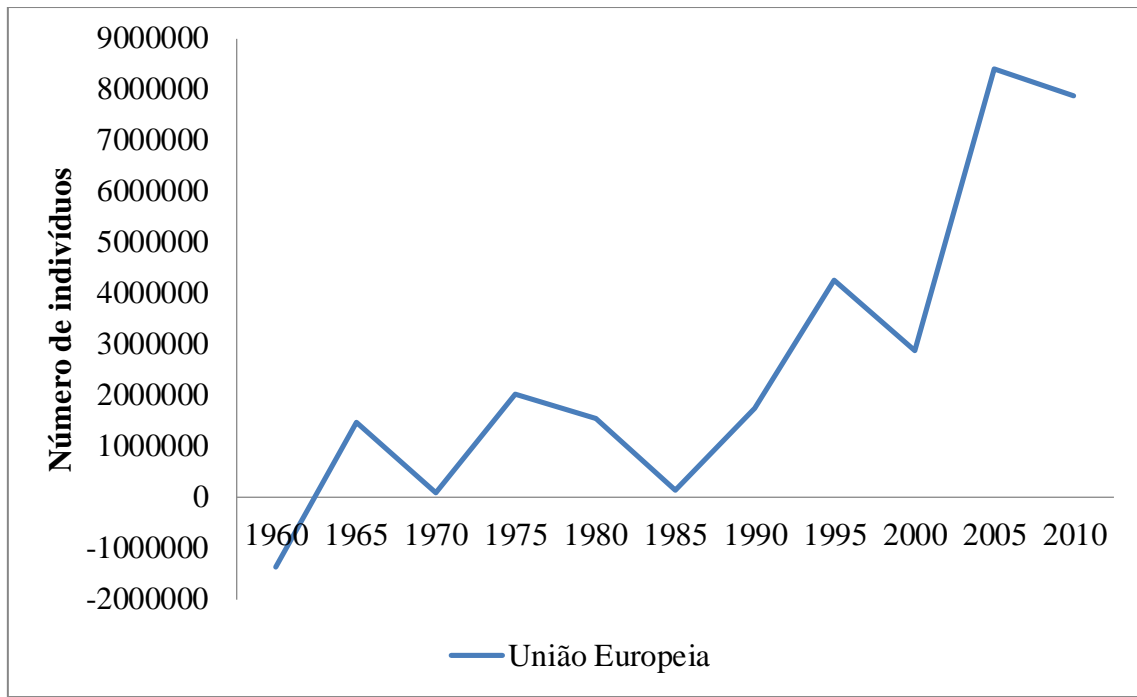
Figura 7: Evolução da migração líquida segundo rendimento



Fonte: Banco Mundial

As três figuras seguintes apresentam uma imagem detalhada da evolução das migrações na União Europeia. Na Figura 8 podemos observar o crescimento da migração líquida na União Europeia que, começando com um saldo negativo ou seja verificando um valor de emigração superior ao valor da imigração em 1960, rapidamente alterou a tendência, verificando-se, no entanto, um crescimento irregular. O valor negativo verificado no início do período de observação pode ser justificado pelo período ainda atribulado que se vivia na Europa no advento da segunda metade do século XX, com a reconstrução do continente no pós Segunda Guerra Mundial e o começo da Guerra Fria. Com a retoma económica e política europeia e a expansão da União Europeia, a região rapidamente se tornou recetora de imigrantes.

Figura 8: Migração líquida na União Europeia



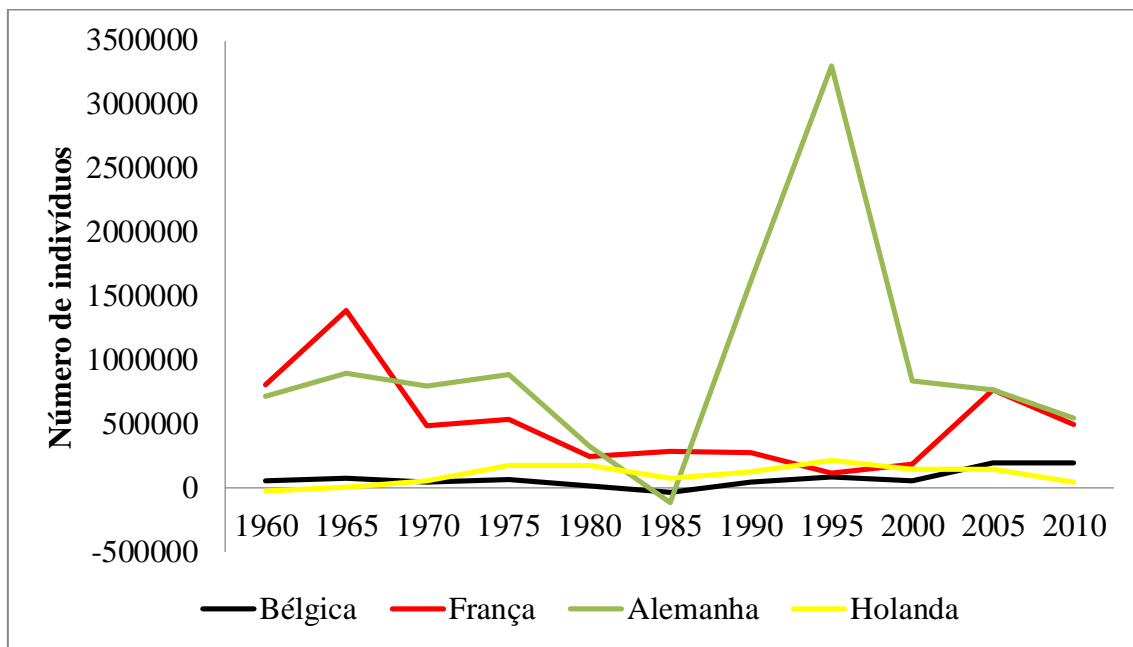
Fonte: Banco Mundial

Nas duas figuras agora apresentadas podemos observar mais de perto a evolução do saldo migratório dentro da União Europeia. Na Figura 9 é apresentada a evolução para quatro países da Europa Central (Alemanha, Bélgica, França e Holanda), tradicionalmente economias mais robustas captadoras de imigrantes. Ao analisarmos o crescimento do saldo migratório podemos verificar que, apenas pontualmente, qualquer um destes quatro países apresenta valores negativos, sendo que as duas grandes potências europeias, Alemanha e França, apresentam sempre valores mais elevados, com particular destaque para o primeiro. O salto exponencial observado na Alemanha no início da década de noventa pode ser explicado pelo final da Guerra Fria e consequente queda do Muro de Berlim que, ao unificar o país sob um regime democrático, aumentou a mobilidade populacional e facilitou a entrada de imigrantes que procuravam condições de vida mais favoráveis num país mais desenvolvido.

Os valores constantemente positivos, mas reduzidos, apresentados pela Bélgica podem ser justificados por dois fatores. Em primeiro lugar a reduzida dimensão geográfica do país não permite um crescimento populacional muito elevado e, como tal, funciona como um travão à imigração. Em segundo lugar a centralidade política deste país que alberga diversas

instituições da União Europeia torna-o um natural destino de um fluxo constante de imigrantes.

Figura 9: Migração líquida na Europa Central



Fonte: Banco Mundial

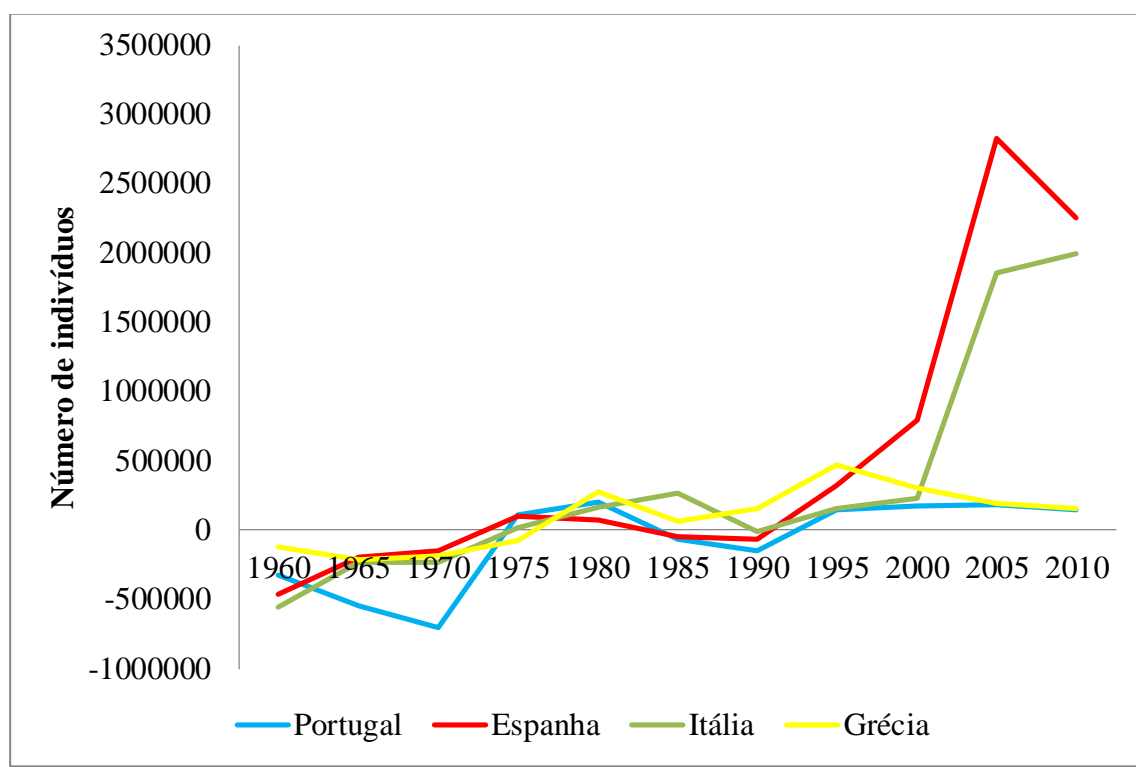
A Figura 10 apresenta, por sua vez, a evolução da migração líquida para os quatro países do Sul da União Europeia (Espanha, Grécia, Itália e Portugal), países que historicamente apresentam economias mais frágeis do que os seus congéneres do centro do continente. Até final da década de oitenta, início da década de noventa, este conjunto de quatro países apresentou valores que, mantendo-se relativamente constantes, flutuava entre saldos negativos e saldos positivos. A entrada na União Europeia foi particularmente benéfica para a economia espanhola que, após a adesão em 1986, registou das taxas de crescimento mais elevadas na União, fator que tornou o país particularmente atraente para migrantes. A localização geográfica destes quatro países, em particular de Portugal, Espanha e Itália, na costa mediterrânica da Europa, torna estes países particularmente atraentes para emigrantes africanos.

Analisando a evolução portuguesa com maior detalhe, podemos verificar que Portugal apresentou um saldo negativo até 1975, motivado pelo regime autoritário do Estado Novo e

consequente êxodo populacional. A entrada de Portugal na União Europeia, em 1986, coincidiu com a estabilização do saldo migratório em valores positivos, fruto da expansão económica alicerçada por este marco histórico e maior atratividade provocada pela presença na União Europeia.

Destaque ainda para a estabilidade do saldo migratório grego e para o surto imigrante em Itália posterior ao ano 2000 que, tal como o salto semelhante verificado em Espanha, poderá ser motivado por efeitos económicos favoráveis relacionados com a entrada em circulação da moeda única.

Figura 10: Migração líquida no Sul da Europa

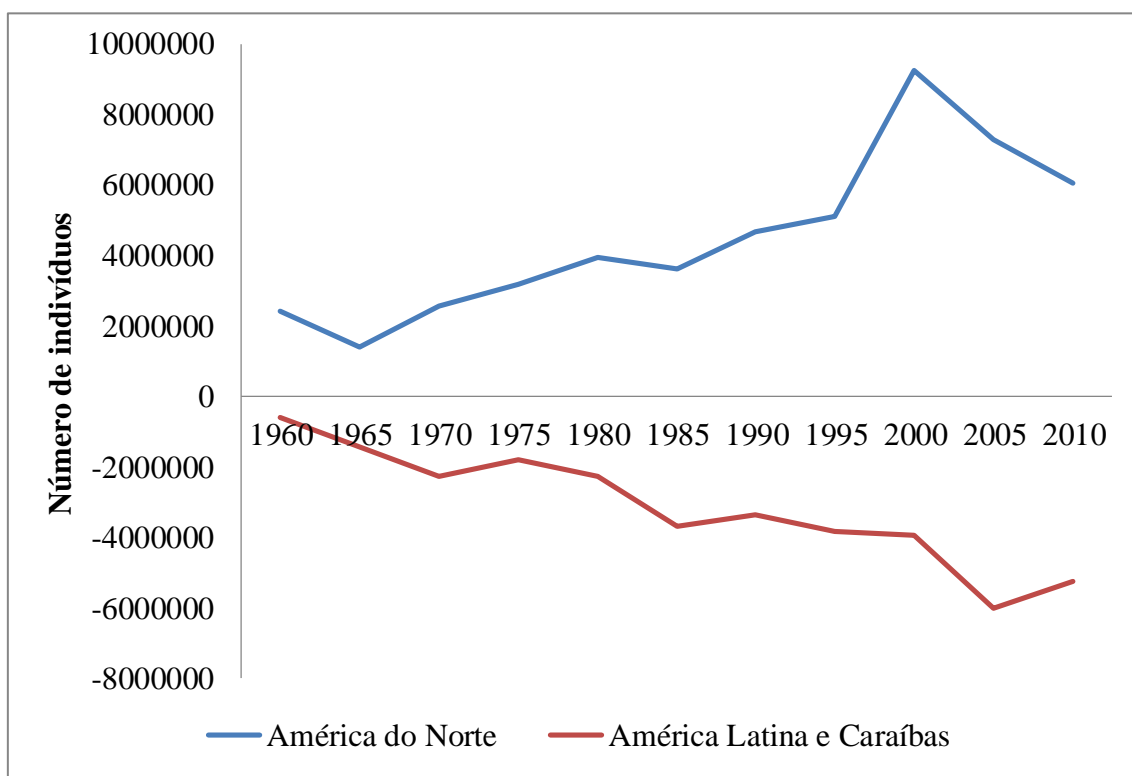


Fonte: Banco Mundial

Abandonando a análise da realidade europeia, a Figura 11 apresenta o mesmo indicador para o continente americano, com a evolução da migração líquida na América do Norte e na América Latina e Caraíbas. Os países da América Latina e Caraíbas apresentam uma realidade completamente oposta, fruto das dificuldades económicas existentes na maioria destes países, mas também devido à sua própria história. Tendo todos estes países sido

colónias de diversas nações europeias, em particular de Portugal e Espanha, existe uma proximidade cultural que favorece a emigração para estes países da Europa. A combinação das dificuldades económicas que originam um nível de qualidade de vida menos favorável, com a proximidade cultural já indicada com alguns países europeus, resulta nos valores elevados de emigração nestes países que por sua vez vão aumentar os níveis de imigração nos países de destino europeus.

Figura 11: Migração líquida na América

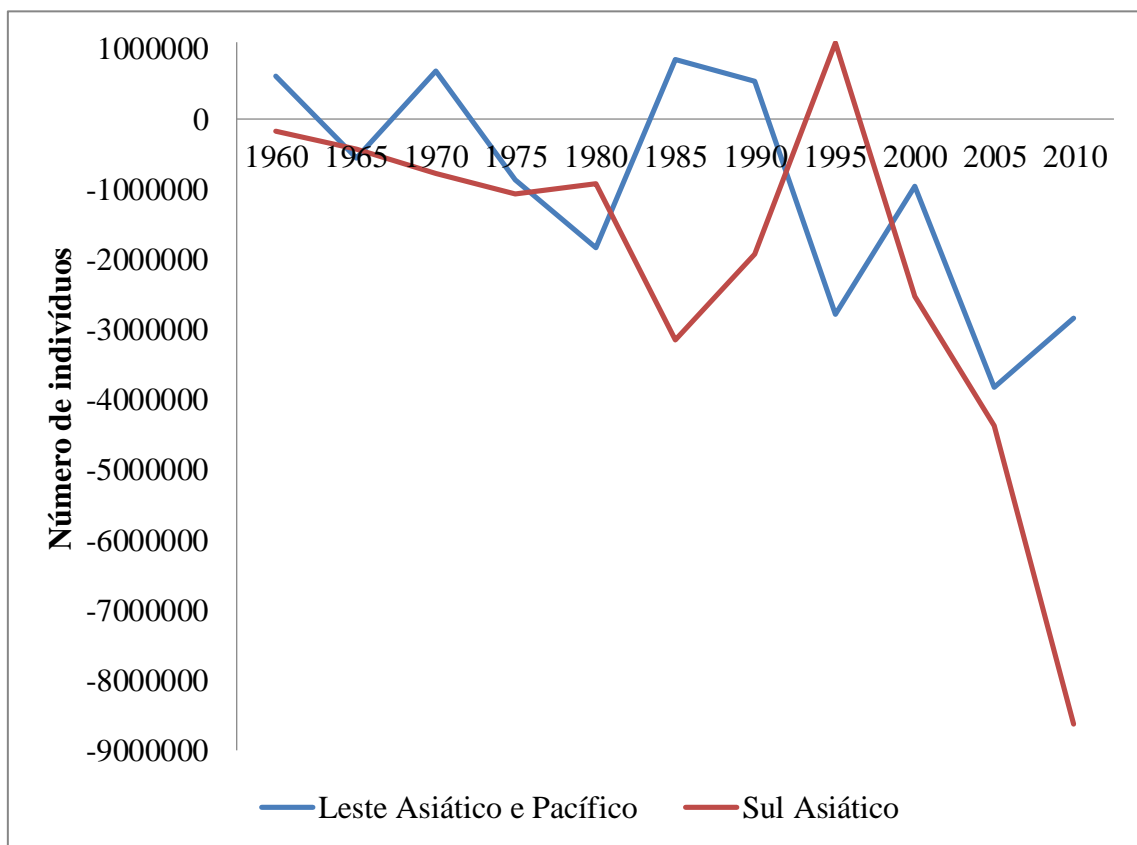


Fonte: Banco Mundial

Avançando agora para este, a Figura 12 apresenta a evolução da migração líquida no leste da Ásia e Pacífico e no Sul Asiático. Tal como na figura anterior, destaca-se que os indicadores aqui apresentados englobam realidades bastante distintas, fruto das disparidades económicas verificadas nos países do continente asiático. Até à segunda metade da década de noventa, os valores apresentaram alguma volatilidade, sendo que os picos positivos poderão ser explicados pela performance económica dos chamados tigres asiáticos, do Japão e da crescente liberalização económica que aumentou a atratividade destes países. A queda

acentuada na segunda metade da década de noventa pode ser justificada pela crise económica asiática de 1997. Pode-se, no entanto concluir que a realidade presente na generalidade dos países asiáticos, não só pelas dificuldades económicas e sociais presentes nestes países como também pelo excesso de população existente em alguns, resulta em níveis de emigração superiores aos valores da imigração, sendo alguns destes movimentos populacionais entre países da mesma região.

Figura 12: Migração líquida na Ásia

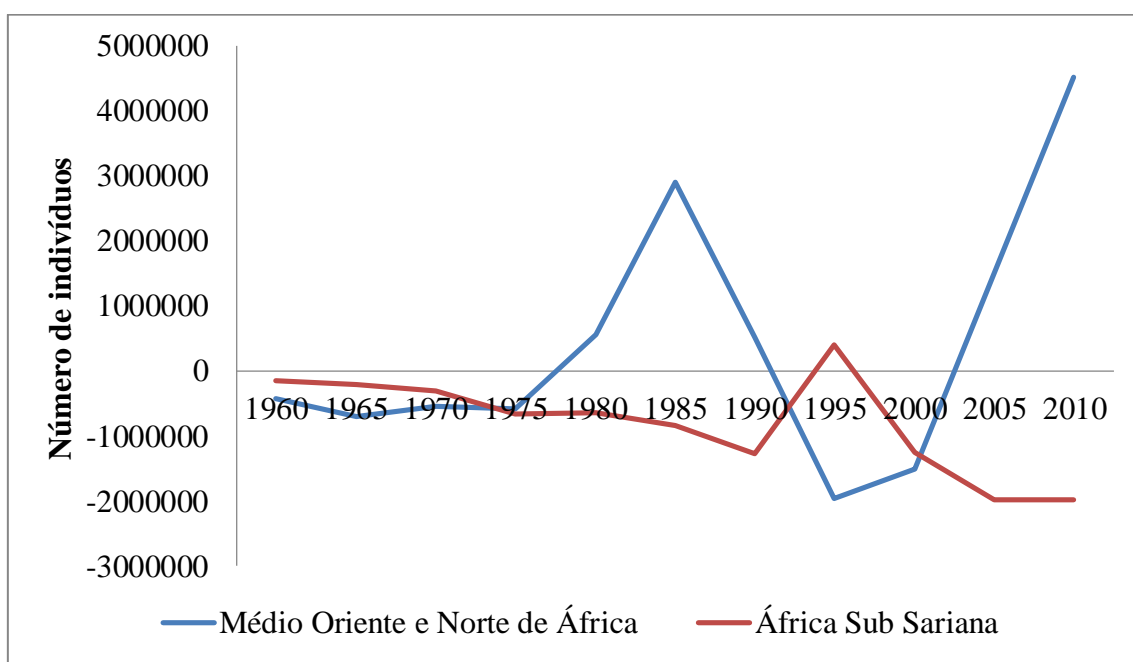


Fonte: Banco Mundial

Para terminar a análise da evolução dos fluxos migratórios, e também este capítulo, será agora apresentado o crescimento da migração líquida para o Médio Oriente e Norte de África, e para a componente subsariana do continente africano. Se, como seria de esperar, o saldo migratório na África Subsariana evoluiu de forma relativamente constante e negativa ao longo do período de observação, fruto da tendência emigrante destes países, motivada pelas graves deficiências económicas e sociais existentes nestes países, o Médio Oriente e o Norte de

África apresentaram uma realidade diferente, pautada por maiores oscilações. Se até final da década de setenta o saldo foi negativo e constante, a década seguinte foi marcada por um forte crescimento positivo, seguido de uma queda abrupta na década de noventa e nova retoma no novo milénio. Estas oscilações são justificadas pela capacidade de absorção de imigrantes dos países mais ricos do Médio Oriente produtores de petróleo, e pela movimentação de migrantes africanos para norte que procuram fugir aos muitos conflitos armados que afligem as suas nações. Na análise dos dados referentes ao Médio Oriente deve-se no entanto realçar que aqui estão presentes duas realidades bastante divergentes. Por um lado países com maior capacidade económica, como é o caso da Arábia Saudita, tradicionalmente recebem elevadas quantidades de imigrantes necessários para fortalecer a força de trabalho deficitária, no espectro oposto, países como Iraque, marcados pela guerra, são maioritariamente marcados por níveis elevados de emigração.

Figura 13: Migração líquida em África e no Médio Oriente



Fonte: Banco Mundial

Capítulo 3: Migrações internacionais – evidência empírica

3.1 Metodologia e dados utilizados no estudo

Terminada a revisão da literatura referente ao estudo da globalização e ao estudo das migrações efetuada nos dois primeiros capítulos desta tese, o terceiro capítulo agora encetado focar-se-á na apresentação da metodologia a utilizar no estudo da globalização das migrações, tema desta tese e apresentação da análise empírica efetuada. Assim, serão aqui apresentados diversos indicadores, com o intuito de avaliar três dimensões fulcrais no fenómeno da globalização das migrações, sendo essas dimensões, em primeiro lugar o número de países envolvidos (fluxos bilaterais de migrações), em segundo lugar o equilíbrio entre esses fluxos e, para terminar, em terceiro lugar o volume das migrações.

Assim, para elaborar o estudo foi utilizada a *Global Bilateral Migration Database* elaborada pelo Banco Mundial. Esta base de dados resulta de execução de mais de um milhar de censos e registos de população, utilizando os últimos cinco censos elaborados mundialmente, criando assim uma matriz decenal, com início em 1960 e final em 2010, que enquadra o total de duzentos e vinte e seis países ou territórios, os quais se explicam na Tabela A.1 apresentada no Anexo.

Abordando agora a notação referente aos diferentes indicadores utilizados neste estudo, M , refere-se a migrações, i indica o país emissor com ($i = 1, 2, \dots, I$), h será indica o país recetor com ($h = 1, 2, \dots, H$) e, t a indicar o ano com ($t = 1, 2, \dots, T$).

3.2. Primeira dimensão: número de países envolvidos (fluxos bilaterais de migrações)

Para começar a análise do número de países envolvidos, são utilizados três indicadores distintos. O primeiro indicador procura analisar a proporção do total de fluxos bilaterais analisados que assume valor positivo, definindo-se assim esse indicador, II_t , como:

$$II_{it} = \frac{\sum_{\substack{h=1 \\ (h \neq i)}}^H v_{iht}}{(H-1)} \quad (1)$$

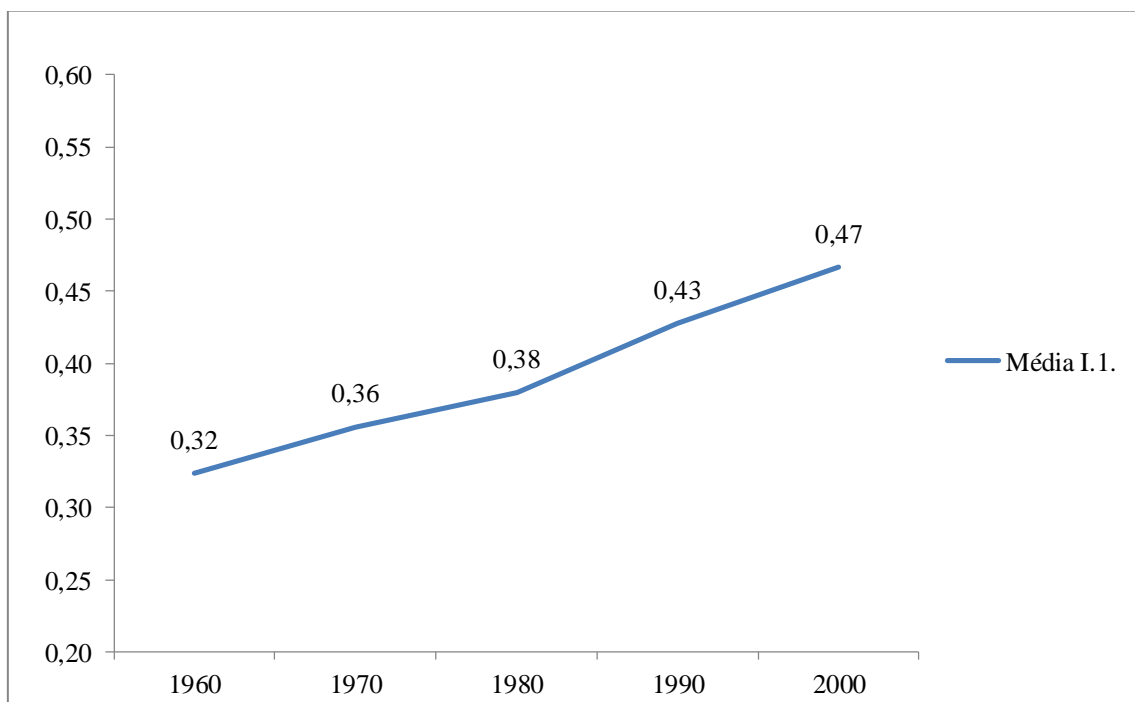
em que:

$$v_{iht} = \begin{cases} 1 & \text{se } M_{iht} > 0 \\ 0 & \text{se } M_{iht} = 0 \end{cases} \quad (2)$$

Como é possível verificar, V_{iht} trata-se de uma variável dummy, assumindo o valor 1 o fluxo migratório é positivo e 0 quando não existe fluxo.

Na Figura 14 é apresentada a evolução da média do indicador *I.I*, indicador referente ao número de fluxos existente para cada país presente no estudo, indicador apresentado nas Tabelas A.2, A.3, A.4, A.5 e A.6 presentes no Anexo. Este valor resulta da média aritmética simples dos valores do indicador *I.I* para os duzentos e vinte e seis países e territórios, metodologia que será seguida na análise da evolução dos restantes indicadores calculados. Como seria expectável, no horizonte temporal utilizado, composto por cinco décadas, *I.I* apresentou um crescimento constante, o que se traduz num aumento do número de fluxos migratórios entre países, ao longo do intervalo. Esta evolução era expectável, não só devido ao fenómeno da globalização mas também em função do progresso económico natural que acaba por motivar a movimentação de fatores produtivos, entre os quais a mão-de-obra, mas também devido às circunstâncias sociais, políticas e ambientais a nível global, que acabam por promover a existência de fluxos migratórios, não obstante estes terem muitas vezes motivações menos positivas.

Figura 14: Evolução da média do indicador *I.I*



Nas duas tabelas seguintes são apresentados os *rankings* para os países que apresentam os valores mais elevados e mais reduzidos para o indicador *I.I*. Ao analisar ambas as tabelas em simultâneo, a primeira conclusão a retirar, tendo em consideração que o indicador utilizado conta o número de fluxos existentes, consiste no padrão existente no que concerne a dimensão geográfica e/ou económica dos países presentes em cada uma das tabelas. Na Tabela 1 podemos verificar que os países presentes são na sua maioria países que apresentam uma ou mais das seguintes características, elevada dimensão geográfica e/ou desenvolvimento económico no mínimo relativamente elevado. Os países mais desenvolvidos, como será o caso dos Estados Unidos da América, França ou Reino Unido, apresentam posições muito elevadas neste *ranking* devido ao seu desenvolvimento económico elevado que acaba por fazer destes países destinos naturais para emigrantes que abandonam o seu país de origem em busca de melhores condições de vida. A presença de países como o Paquistão ou o México pode ser explicada pela combinação das características económicas e demográficas que sendo países onde existem grandes disparidades económicas ao nível dos rendimentos familiares combinadas com números de população muito elevados originam fluxos migratórios elevados de cidadãos que procuram melhores condições em países mais desenvolvidos.

Tabela 1: 25 Países com valores mais elevados para *I.I*

Top 25 - I.I									
1960		1970		1980		1990		2000	
United Kingdom	0,91	United Kingdom	0,92	United Kingdom	0,93	United Kingdom	0,92	United Kingdom	0,96
United States	0,87	United States	0,89	United States	0,90	United States	0,92	United States	0,95
France	0,84	France	0,86	France	0,88	Germany	0,89	France	0,93
India	0,82	Germany	0,84	Germany	0,85	France	0,89	Germany	0,93
Germany	0,80	India	0,84	India	0,85	India	0,88	India	0,93
Italy	0,79	Italy	0,82	Canada	0,84	China	0,88	China	0,91
China	0,77	China	0,80	China	0,83	Italy	0,87	Italy	0,91
Canada	0,76	Netherlands	0,80	Italy	0,82	Canada	0,86	Canada	0,90
Netherlands	0,76	Canada	0,79	Netherlands	0,82	Netherlands	0,85	Netherlands	0,86
Australia	0,69	Lebanon	0,74	Poland	0,76	Lebanon	0,81	Lebanon	0,85
Russian Federation	0,68	Greece	0,72	Lebanon	0,74	Australia	0,80	Australia	0,83
Spain	0,67	Poland	0,72	Australia	0,73	Philippines	0,80	Japan	0,82
Switzerland	0,67	Japan	0,71	Greece	0,72	Poland	0,80	Poland	0,82
Poland	0,66	Russian Federation	0,71	Japan	0,72	Russian Federation	0,80	Greece	0,81
Lebanon	0,66	Australia	0,70	Spain	0,72	Japan	0,79	Pakistan	0,80
Greece	0,65	Switzerland	0,69	Ukraine	0,72	Greece	0,78	Philippines	0,80
Philippines	0,64	Philippines	0,69	Pakistan	0,72	Pakistan	0,78	Russian Federation	0,79
Portugal	0,64	Spain	0,69	Russian Federation	0,72	Spain	0,77	Switzerland	0,79
Pakistan	0,63	Ukraine	0,67	Switzerland	0,72	Switzerland	0,75	Spain	0,79
Japan	0,62	Pakistan	0,67	Philippines	0,71	Ukraine	0,74	Ukraine	0,79
Ukraine	0,61	Portugal	0,67	Portugal	0,69	Portugal	0,73	Turkey	0,78
Belgium	0,60	Belgium	0,65	Turkey	0,68	Turkey	0,72	Portugal	0,77
Egypt, Arab Rep.	0,60	Austria	0,62	Egypt, Arab Rep.	0,66	Egypt, Arab Rep.	0,72	Egypt, Arab Rep.	0,77
Austria	0,59	Turkey	0,62	Belgium	0,65	Israel	0,71	Denmark	0,76
Turkey	0,57	Algeria	0,61	Israel	0,64	Belgium	0,71	Israel	0,75

Ao analisar a Tabela 2 podemos verificar que os países ou territórios aqui presentes apresentam todos duas características em comum, que consistem na suas dimensões geográfica e demográfica muito reduzidas. Aqui o desenvolvimento económico deixa de ser um fator de ligação entre os países, existindo países com rendimentos muito díspares, como será o caso do Liechtenstein e Timor Leste. Na dimensão geográfica o único país que foge à regra será a Mongólia, país que está presente em todos os períodos, mas que sendo um país com um território bastante vasto, é também um dos países com menor densidade populacional no mundo, reduzindo assim a propensão para existência de migrações.

Uma última conclusão a retirar da análise de ambas as figuras passa pela estabilidade no que à permanência dos países nos *rankings* concerne, existindo poucas saídas e entradas, tanto nos primeiros vinte e cinco como nos últimos vinte e cinco, ao longo dos cinco períodos em análise. Adicionalmente esta estabilidade estende-se também às posições cimeiras, onde os cinco primeiros são constantemente o Reino Unido, os Estados Unidos da América, a França, a Alemanha e a Índia, com a particularidade de o Reino Unido e os Estados Unidos da América ocuparem sempre a primeira e a segunda posição respetivamente. Esta estabilidade não se alastra no entanto aos últimos vinte e cinco, que exibindo estabilidade nos países que compõem este grupo, estes alteram bastante a sua posição no *ranking*.

Tabela 2: 25 Países com valores mais reduzidos para I.1

Últimos 25 - I.1									
1960	1970	1980	1990	2000					
Mayotte	0,01	Mayotte	0,01	Mayotte	0,02	Saint Pierre and Miquelon	0,03	Mayotte	0,05
Norfolk Island	0,03	Saint Pierre and Miquelon	0,03	Saint Pierre and Miquelon	0,02	Norfolk Island	0,04	Norfolk Island	0,05
Saint Pierre and Miquelon	0,03	Norfolk Island	0,04	Norfolk Island	0,04	Mayotte	0,05	Saint Pierre and Miquelon	0,05
Maldives	0,03	Maldives	0,05	San Marino	0,05	San Marino	0,07	Tokelau	0,08
Marshall Islands	0,04	San Marino	0,05	Solomon Islands	0,05	Tokelau	0,07	San Marino	0,10
San Marino	0,05	Greenland	0,06	Tokelau	0,06	Andorra	0,09	Falkland Islands (Malvinas)	0,11
Falkland Islands (Malvinas)	0,06	Marshall Islands	0,06	Maldives	0,07	Falkland Islands (Malvinas)	0,09	Niue	0,12
Bhutan	0,06	Tokelau	0,06	Tuvalu	0,07	Maldives	0,09	Greenland	0,13
Tuvalu	0,06	Falkland Islands (Malvinas)	0,07	Falkland Islands (Malvinas)	0,08	Marshall Islands	0,10	Faeroe Islands	0,13
Tokelau	0,06	Andorra	0,07	Marshall Islands	0,08	Nauru	0,10	Nauru	0,13
Greenland	0,06	Liechtenstein	0,07	Andorra	0,08	Faeroe Islands	0,11	Marshall Islands	0,14
Bermuda	0,07	Tuvalu	0,08	Wallis and Futuna	0,08	Greenland	0,11	Wallis and Futuna	0,14
Solomon Islands	0,07	Solomon Islands	0,08	Kiribati	0,09	Solomon Islands	0,11	Anguilla	0,15
Wallis and Futuna	0,07	Bhutan	0,08	Nauru	0,09	Wallis and Futuna	0,11	Montserrat	0,15
Mongolia	0,08	Cayman Islands	0,08	Niue	0,09	Cayman Islands	0,12	Andorra	0,15
Liechtenstein	0,08	Nauru	0,08	Greenland	0,09	Kiribati	0,12	Gibraltar	0,16
Nauru	0,08	Wallis and Futuna	0,08	Bermuda	0,10	Liechtenstein	0,12	Cayman Islands	0,16
Andorra	0,08	Mongolia	0,09	Cayman Islands	0,10	Niue	0,12	Kiribati	0,16
Faeroe Islands	0,08	Niue	0,09	Liechtenstein	0,10	Northern Mariana Islands	0,12	Liechtenstein	0,16
Niue	0,08	Bermuda	0,09	Anguilla	0,11	Anguilla	0,12	Tuvalu	0,16
Kiribati	0,08	Kiribati	0,10	Bhutan	0,11	Bermuda	0,12	Cook Islands	0,16
Northern Mariana Islands	0,09	Anguilla	0,10	Gibraltar	0,11	Gibraltar	0,12	Turks and Caicos Islands	0,16
Cayman Islands	0,09	Faeroe Islands	0,10	Northern Mariana Islands	0,11	Montserrat	0,13	Northern Mariana Islands	0,17
Timor-Leste	0,09	Northern Mariana Islands	0,10	Faeroe Islands	0,11	Turks and Caicos Islands	0,14	Solomon Islands	0,17
Gibraltar	0,09	Saint Helena	0,10	Montserrat	0,12	Bhutan	0,14	American Samoa	0,18

O segundo indicador a referir, é construído de forma relativamente semelhante, mas estabelece um limiar mais exigente que I_l , para considerar a existência de um dado fluxo migratório, sendo o mencionado limiar construído seguindo três fases.

Na primeira fase é determinado o valor médio dos elementos do vetor de migrações correspondente ao país em análise, calculado através da divisão do valor total das saídas desse país pelo número de países de destino, ou seja, $(H-1)^1$. O valor médio corresponde assim a:

$$\overline{m}_{it} = \frac{\sum_{\substack{h=1 \\ h \neq i}}^H M_{iht}}{(H-1)} \quad (3)$$

Na segunda fase da construção deste indicador são identificados os fluxos migratórios bilaterais que excedem um limiar obtido a partir do valor do fluxo médio, ou seja:

$$v'_{iht} = \begin{cases} 1 & \text{se } M_{iht} > \lambda \overline{m}_{it} \\ 0 & \text{se } M_{iht} \leq \lambda \overline{m}_{it} \end{cases} \quad (4)$$

Assim um fluxo migratório existe quando o valor das migrações a ele associadas supera uma percentagem previamente fixada do valor médio das migrações. Aqui serão assumidos dois valores alternativos para λ : 0,1 e 0,25.

Para terminar este indicador, na terceira fase, é calculada a percentagem dos fluxos bilaterais de migrações que ultrapassam o limiar fixado, ou seja, dos que são dados como existentes. Este valor é obtido como:

$$I2_{it} = \frac{\sum_{\substack{h=1 \\ (h \neq i)}}^H v'_{iht}}{(H-1)} \quad (5)$$

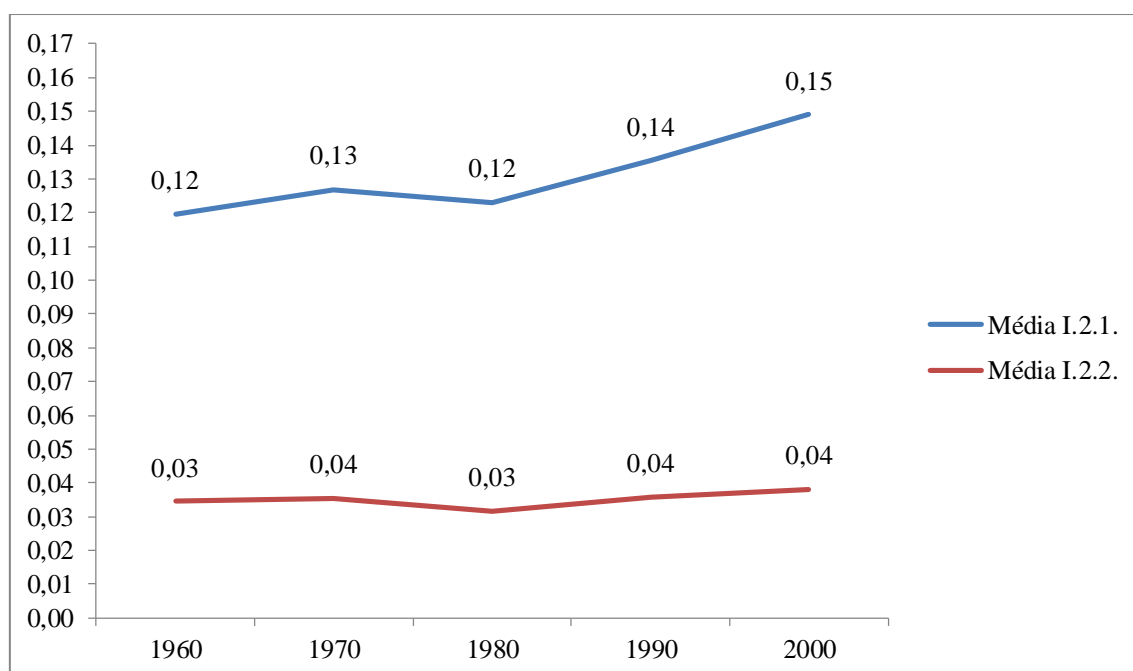
Em comparação com I_l , $I2_t$ é construído com o intuito de limitar os efeitos associados à existência de fluxos positivos com valores reduzidos, valores esses que são contabilizados no primeiro indicador mas não no segundo (ou em algumas das suas variantes, em função do valor concreto assumido para λ).

¹ É excluído o fluxo para o próprio país, ou seja, as migrações para ele próprio.

Na Figura 15 é de seguida apresentada a evolução da média dos indicadores *I.2.1* e *I.2.2*, indicadores, apresentado nas Tabelas A.2, A.3, A.4, A.5 e A.6 presentes no Anexo, que tal como *I.1* contam o número de fluxos migratórios existentes para cada país ao longo do intervalo. No entanto, enquanto *I.1* contava todos os fluxos existentes, *I.2.1* e *I.2.2* têm como objetivo eliminar valores muito reduzidos com pouco ou nenhum impacto económico. Nesse sentido, utilizam um limite mínimo $\lambda \overline{m}_{it}$. O indicador *I.2.2* é mais restritivo do que *I.2.1*, na medida em que *I.2.1* obtém-se usando $\lambda = 0,1$ e *I.2.2* com $\lambda = 0,25$.

Como seria expectável, *I.2.1* apresenta uma média bastante superior a *I.2.2*, sendo ambos inferiores a *I.1*, fruto das maiores restrições para entrada de valores nestes dois indicadores. É de assinalar no entanto que, ao contrário de *I.1* que apresenta sempre uma evolução positiva ao longo do intervalo de análise, tanto *I.2.1* como *I.2.2* decrescem na década de oitenta, queda evidenciada na Figura 16. Uma possível explicação para este decréscimo poderá estar diretamente ligada ao fenómeno aqui estudado, a globalização, dado que um dos grandes “acontecimentos” económicos registados neste período consistiu na deslocalização de unidades de produção de grandes multinacionais para diversas economias emergentes como o México ou alguns dos países do sudeste asiático, nações tradicionalmente responsáveis por uma percentagem assinalável dos fluxos migratórios internacionais motivados pela procura de melhores rendimentos no país de destino face às dificuldades económicas enfrentadas no país de origem. Com o aumento de postos de trabalho nestes países e o inerente desenvolvimento económico que esta realidade compreende, a motivação para emigrar reduz-se.

Figura 15: Evolução da média dos indicadores I.2.1 e I.2.2



Ao analisar agora as Tabelas 3 e 4, onde estão apresentados os vinte e cinco países com valores mais elevados e mais reduzidos, respetivamente, para o indicador *I.2.1* é possível verificar que a tendência identificada para o indicador *I.1* de países com maior desenvolvimento económico e/ou dimensão demográfica elevada estarem no topo, enquanto países de dimensão demográfica e/ou geográfica estarem no fim. Esta tendência seria expectável, dado que os indicadores seguem o mesmo princípio, sendo *I.2.1* mais restritivo que *I.1*. Casos particulares nestes dois indicadores concentram-se nos primeiros vinte e cinco países, onde a presença de territórios ou países como Reunião, Tonga, Guiana, ou Belize que, devido à sua dimensão muito reduzida, não seria expectável encontrá-los nos países com valores mais elevados. Adicionalmente, existindo bastante estabilidade na composição do *ranking* de vinte e cinco países ao longo do intervalo temporal, estes alteram bastante a sua posição, com a exceção dos Estados Unidos da América e da França que ocupam sempre as duas primeiras posições. Olhando para os vinte e cinco países presentes ao longo das cinco décadas analisadas e tendo em consideração a sua história é ainda possível verificar que a presença destes países neste *ranking* terá origens diferentes, com países como os Estados Unidos da América, a França, o Reino Unido ou a Suíça, que apresentam maioritariamente fluxos de imigração, enquanto países como a Etiópia, o Senegal, o Sudão ou o Brasil, apresentam maioritariamente fluxos de emigração.

Tabela 3: 25 Países com valores mais elevados para I.2.1

Top 25 - I.2.1									
1960		1970		1980		1990		2000	
United States	0,40	United States	0,40	United States	0,41	United States	0,44	United States	0,43
France	0,33	France	0,36	France	0,37	France	0,39	France	0,43
Lebanon	0,32	Lebanon	0,31	Australia	0,28	Australia	0,32	United Kingdom	0,32
United Kingdom	0,27	United Kingdom	0,26	United Kingdom	0,27	United Kingdom	0,30	Australia	0,30
Taiwan, China	0,26	Syrian Arab Republic	0,25	Lebanon	0,25	Lebanon	0,27	Lebanon	0,29
Egypt, Arab Rep.	0,24	Guyana	0,24	Nigeria	0,23	Libya	0,26	Belgium	0,27
Australia	0,23	Australia	0,24	Syrian Arab Republic	0,23	Congo, Rep.	0,25	Switzerland	0,27
Syrian Arab Republic	0,22	Ethiopia	0,22	Germany	0,23	Sweden	0,25	Netherlands	0,26
Ethiopia	0,22	Taiwan, China	0,22	Sweden	0,22	Nigeria	0,24	Canada	0,26
Switzerland	0,21	Egypt, Arab Rep.	0,21	Belgium	0,22	Belgium	0,24	Nigeria	0,25
Greece	0,21	Germany	0,21	Congo, Rep.	0,21	Switzerland	0,24	Congo, Rep.	0,25
Dominican Republic	0,20	Brazil	0,20	Libya	0,21	Netherlands	0,24	Sweden	0,25
Netherlands	0,20	Sri Lanka	0,20	Albania	0,20	Canada	0,24	Libya	0,24
Reunion	0,19	Switzerland	0,20	Brazil	0,20	Germany	0,23	Spain	0,24
Philippines	0,19	Japan	0,20	Egypt, Arab Rep.	0,20	Reunion	0,23	Germany	0,24
Germany	0,19	Argentina	0,19	Japan	0,20	Qatar	0,21	Qatar	0,24
Madagascar	0,19	Netherlands	0,19	Netherlands	0,20	Japan	0,21	Syrian Arab Republic	0,24
Equatorial Guinea	0,18	China	0,19	Switzerland	0,20	Syrian Arab Republic	0,21	India	0,23
Saudi Arabia	0,18	Qatar	0,18	Sudan	0,19	Austria	0,20	Mongolia	0,23
Brazil	0,18	Barbados	0,18	Argentina	0,19	Denmark	0,20	Japan	0,23
Tonga	0,17	Senegal	0,18	Canada	0,19	South Africa	0,20	Denmark	0,22
Bangladesh	0,17	Sudan	0,18	Spain	0,19	Spain	0,20	Sudan	0,22
Argentina	0,17	Denmark	0,18	Greece	0,19	Greece	0,20	Saudi Arabia	0,22
Belize	0,17	Trinidad and Tobago	0,18	Venezuela, RB	0,18	French Guiana	0,20	Tanzania	0,22
Venezuela, RB	0,17	Venezuela, RB	0,18	South Africa	0,18	Brazil	0,20	Austria	0,22

Tabela 4: 25 Países com valores mais reduzidos para I.2.1

Últimos 25 - I.2.1									
1960		1970		1980		1990		2000	
Mayotte	0,01	Mayotte	0,01	Mayotte	0,02	Puerto Rico	0,02	Puerto Rico	0,03
Norfolk Island	0,03	Macao SAR, China	0,02	Saint Pierre and Miquelon	0,02	Saint Pierre and Miquelon	0,03	Mexico	0,03
Saint Pierre and Miquelon	0,03	Saint Pierre and Miquelon	0,03	Bermuda	0,03	Norfolk Island	0,04	Mayotte	0,05
Maldives	0,03	Puerto Rico	0,03	Puerto Rico	0,03	Lesotho	0,05	Greenland	0,05
Virgin Islands (U.S.)	0,03	Lesotho	0,04	Korea, Dem. Rep.	0,03	Korea, Dem. Rep.	0,05	Norfolk Island	0,05
Puerto Rico	0,03	Nepal	0,04	Norfolk Island	0,04	Mexico	0,05	Saint Pierre and Miquelon	0,05
Nepal	0,04	Norfolk Island	0,04	Paraguay	0,04	Mayotte	0,05	Korea, Dem. Rep.	0,06
Marshall Islands	0,04	Gibraltar	0,04	San Marino	0,05	Greenland	0,05	Faeroe Islands	0,06
Lesotho	0,04	Maldives	0,05	Guam	0,05	Bermuda	0,06	American Samoa	0,07
Pakistan	0,04	San Marino	0,05	Solomon Islands	0,05	Malta	0,06	Bermuda	0,07
Guam	0,04	Greenland	0,05	Bhutan	0,05	Burkina Faso	0,06	Guam	0,07
San Marino	0,05	Faeroe Islands	0,05	Gibraltar	0,05	San Marino	0,07	Reunion	0,07
Gibraltar	0,05	Guam	0,05	Lesotho	0,05	Tokelau	0,07	Lesotho	0,07
Malawi	0,05	Paraguay	0,05	Malta	0,05	Northern Mariana Islands	0,07	Belize	0,07
Turkmenistan	0,05	Malta	0,05	Mexico	0,05	Bhutan	0,07	Martinique	0,07
Faeroe Islands	0,05	Marshall Islands	0,06	Tokelau	0,06	Macao SAR, China	0,07	Guadeloupe	0,07
Botswana	0,05	Tokelau	0,06	Wallis and Futuna	0,06	Faeroe Islands	0,07	Suriname	0,07
Paraguay	0,05	Liechtenstein	0,06	Liechtenstein	0,06	Wallis and Futuna	0,07	Tokelau	0,08
Falkland Islands (Malvinas)	0,06	Botswana	0,06	American Samoa	0,06	Kiribati	0,07	Kiribati	0,08
Bhutan	0,06	Falkland Islands (Malvinas)	0,07	Kiribati	0,06	Niue	0,07	Jamaica	0,08
Tuvalu	0,06	American Samoa	0,07	Kazakhstan	0,06	Gibraltar	0,07	San Marino	0,08
Swaziland	0,06	Swaziland	0,07	Maldives	0,07	Paraguay	0,07	Virgin Islands (U.S.)	0,08
Burundi	0,06	Burkina Faso	0,07	Samoa	0,07	El Salvador	0,07	El Salvador	0,08
Rwanda	0,06	Andorra	0,07	Turkmenistan	0,07	Nepal	0,07	Burkina Faso	0,08
Eritrea	0,06	Virgin Islands (U.S.)	0,07	Martinique	0,07	Marshall Islands	0,08	Albania	0,08

Ao analisar agora a lista dos vinte e cinco países com valores mais elevados e mais reduzidos para o indicador I.2.2 podemos verificar que este indicador, tal como nos dois indicadores

anteriores, também este apresenta a tendência de os últimos vinte e cinco países serem maioritariamente países de dimensão económica, dimensão geográfica muito reduzida, ou densidade populacional baixa, sendo o México a única exceção, o que significa que este país ao estar presente no final dos indicadores *I.2.1* e *I.2.2*, mas não do indicador *I.1* apresenta um número significativo de fluxos, no entanto, terão um valor reduzido.

Tabela 5: 25 Países com valores mais elevados para *I.2.2*

Top 25 - I.2.2									
1960		1970		1980		1990		2000	
France	0,10	United States	0,11	France	0,10	France	0,11	United States	0,11
United States	0,10	France	0,10	United States	0,10	United States	0,11	France	0,10
Lebanon	0,08	Lebanon	0,08	Nigeria	0,08	Nigeria	0,08	Switzerland	0,09
Senegal	0,07	Senegal	0,08	Senegal	0,07	Congo, Rep.	0,08	Congo, Rep.	0,08
Equatorial Guinea	0,07	Guyana	0,08	Gabon	0,07	Switzerland	0,08	Spain	0,08
Madagascar	0,07	French Guiana	0,07	Greece	0,07	Lebanon	0,08	Lebanon	0,08
Venezuela, RB	0,07	Sudan	0,07	Switzerland	0,07	Central African Republic	0,07	Nigeria	0,08
Spain	0,07	Gabon	0,07	Congo, Rep.	0,07	Chad	0,07	Chad	0,07
United Kingdom	0,07	Sierra Leone	0,07	Belgium	0,07	Hungary	0,07	Cameroon	0,07
Sudan	0,06	Greece	0,07	Mauritania	0,07	Peru	0,06	Greece	0,07
Peru	0,06	Switzerland	0,07	Chile	0,06	Cameroon	0,07	Sweden	0,07
Turkey	0,06	Syrian Arab Republic	0,07	Peru	0,06	Brazil	0,07	Central African Republic	0,07
Greece	0,06	United Kingdom	0,07	Spain	0,06	Sweden	0,07	Venezuela, RB	0,07
Ethiopia	0,06	Cameroon	0,06	Argentina	0,06	Equatorial Guinea	0,06	Brazil	0,07
Syrian Arab Republic	0,06	Mauritania	0,06	Brazil	0,06	Senegal	0,06	Belgium	0,07
Taiwan, China	0,06	Spain	0,06	Lebanon	0,06	Congo, Dem. Rep.	0,06	Mauritania	0,06
Suriname	0,06	Japan	0,06	Cameroon	0,06	Venezuela, RB	0,06	Gambia, The	0,06
Sierra Leone	0,06	Congo, Dem. Rep.	0,06	Sierra Leone	0,06	Gabon	0,06	Peru	0,06
Ecuador	0,06	Gambia, The	0,06	Congo, Dem. Rep.	0,06	Austria	0,06	Congo, Dem. Rep.	0,06
French Guiana	0,06	Bahamas, The	0,06	Albania	0,06	Spain	0,06	Gabon	0,06
Gabon	0,06	Congo, Rep.	0,06	Japan	0,06	Greece	0,06	Hungary	0,06
Reunion	0,06	Nigeria	0,06	Syrian Arab Republic	0,06	Reunion	0,06	Syrian Arab Republic	0,06
Djibouti	0,05	Peru	0,06	Togo	0,05	Germany	0,06	Germany	0,06
Mali	0,05	Argentina	0,06	Central African Republic	0,05	Mauritania	0,06	Australia	0,06
Gambia, The	0,05	Brazil	0,06	Chad	0,05	Uganda	0,06	Chile	0,06

Tabela 6: 25 Países com valores mais reduzidos para I.2.2

Últimos 25 - I.2.2									
1960		1970		1980		1990		2000	
Mayotte	0,00	Mayotte	0,00	Tajikistan	0,00	Puerto Rico	0,00	Puerto Rico	0,00
Turkmenistan	0,00	Turkmenistan	0,00	Malawi	0,00	Lesotho	0,00	Mexico	0,00
Virgin Islands (U.S.)	0,00	Macao SAR, China	0,00	Guam	0,00	Northern Mariana Islands	0,00	Reunion	0,01
Guam	0,00	American Samoa	0,00	Gibraltar	0,00	Mexico	0,01	Lesotho	0,01
Botswana	0,00	Kazakhstan	0,00	Lesotho	0,00	Tokelau	0,01	Martinique	0,01
Norfolk Island	0,01	Puerto Rico	0,01	American Samoa	0,00	Faeroe Islands	0,01	Palau	0,01
Puerto Rico	0,01	Lesotho	0,01	Kazakhstan	0,00	Marshall Islands	0,01	Greenland	0,01
Nepal	0,01	Nepal	0,01	Marshall Islands	0,00	Guam	0,01	Faeroe Islands	0,01
Marshall Islands	0,01	Gibraltar	0,01	Northern Mariana Islands	0,00	Botswana	0,01	Bermuda	0,01
Lesotho	0,01	Faeroe Islands	0,01	Uzbekistan	0,00	Malawi	0,01	Guadeloupe	0,01
Gibraltar	0,01	Guam	0,01	Mozambique	0,00	Bangladesh	0,01	Tokelau	0,01
Malawi	0,01	Marshall Islands	0,01	Mayotte	0,01	Korea, Dem. Rep.	0,01	Kiribati	0,01
Faeroe Islands	0,01	Tokelau	0,01	Puerto Rico	0,01	Bermuda	0,01	San Marino	0,01
Swaziland	0,01	Malawi	0,01	Korea, Dem. Rep.	0,01	Malta	0,01	Samoa	0,01
Tokelau	0,01	Kuwait	0,01	Norfolk Island	0,01	Macao SAR, China	0,01	Fiji	0,01
Mozambique	0,01	Cook Islands	0,01	Malta	0,01	Gibraltar	0,01	Papua New Guínea	0,01
Kazakhstan	0,01	Uzbekistan	0,01	Tokelau	0,01	El Salvador	0,01	Northern Mariana Islands	0,01
American Samoa	0,01	Yemen, Rep.	0,01	Kiribati	0,01	Nepal	0,01	Kyrgyz Republic	0,01
Saint Pierre and Miquelon	0,01	Saint Pierre and Miquelon	0,01	Turkmenistan	0,01	Brunei Darussalam	0,01	Mayotte	0,02
Maldives	0,01	Norfolk Island	0,01	Cook Islands	0,01	Papua New Guínea	0,01	Norfolk Island	0,02
Pakistan	0,01	Malta	0,01	Papua New Guínea	0,01	Swaziland	0,01	Korea, Dem. Rep.	0,02
Burkina Faso	0,01	Korea, Dem. Rep.	0,01	Botswana	0,01	Fiji	0,01	Guam	0,02
Palau	0,01	Pakistan	0,01	Bangladesh	0,01	Zimbabwe	0,01	Burkina Faso	0,02
Niue	0,01	Solomon Islands	0,01	Niue	0,01	Oman	0,01	Cook Islands	0,02
Kiribati	0,01	Kyrgyz Republic	0,01	Faeroe Islands	0,01	Cyprus	0,01	Timor-Leste	0,02

3.2. Segunda dimensão: equilíbrio entre fluxos

3.2.1. Equilíbrio entre fluxos

Na primeira parte deste capítulo foi analisada a dimensão referente ao número de países envolvidos nos fluxos, no entanto esta análise acaba por ser demasiado simplista para estudar profundamente a globalização das migrações pelo que se vai procurar investigar o equilíbrio entre os fluxos, podendo-se assim complementar a análise anteriormente apresentada. Na análise que vai ser elaborada assume-se que a globalização será superior quando o mesmo valor total de migrações se encontrar mais repartido entre os vários fluxos bilaterais, do que quando os referidos fluxos estão concentrados num número de países reduzido.

Assim, esta dimensão será medida começando por recorrer a um indicador amplamente utilizado para quantificar o grau de concentração, calculando o índice de Herfindahl, relativo à totalidade dos fluxos em estudo. Assim, teremos:

$$I4_{it} = \sum_{\substack{h=1 \\ (h \neq i)}}^H (z_{iht})^2 \quad (7)$$

em que z_{iht} expressão peso das migrações totais de i que se dirigem a h

Neste caso, o valor máximo do índice (1) é obtido quando a totalidade das migrações se regista apenas numa relação migratória. No espectro oposto, quando todos os fluxos apresentam uma proporção igual da migração total, $I4_t$ assume o valor mínimo do seu intervalo admissível.

O indicador *I.4*, apresentado nas Tabelas A.2, A.3, A.4, A.5 e A.6 presentes no Anexo, este procura medir o equilíbrio dos fluxos migratórios, calculando assim a sua concentração ou dispersão, pelo que é possível verificar se os fluxos de determinado país se concentram num grupo muito restrito de países, ou estão dispersos por um conjunto vasto de países, sendo assim, verdadeiramente globalizados. Através da análise da figura seguinte podemos verificar que o indicador *I.4* evoluiu negativamente ao longo do intervalo temporal analisado, apresentando apenas uma breve subida na década de oitenta. Esta evolução evidencia assim uma maior dispersão dos fluxos migratórios, ou seja, estes têm vindo a tornar-se mais globalizados.

3.2.2. Equilíbrio entre fluxos e número de fluxos bilaterais

O indicador apresentado de seguida procura expor as duas dimensões anteriormente apresentadas numa única medida, sendo obtido como:

$$I5_{it} = \frac{\sum_{\substack{h=1 \\ (h \neq i)}}^H f_{iht}}{(H-1)} \quad (8)$$

com:

$$f_{iht} = \begin{cases} 1 & \text{se } z_{iht} > \frac{1}{(H-1)} \\ z_{iht}(H-1) & \text{se } z_{iht} \leq \frac{1}{(H-1)} \end{cases} \quad (9)$$

Este indicador apresentará um valor máximo quando existir um equilíbrio perfeito na distribuição das migrações entre todos os fluxos bilaterais.

O indicador *I.5*, apresentado nas Tabelas A.2, A.3, A.4, A.5 e A.6 presentes no Anexo, procura combinar duas das dimensões analisadas, o número de fluxos e o equilíbrio destes fluxos numa única medida, sendo assim possível analisar em conjunto estas duas dimensões. Tendo em consideração que esta medida apresenta um valor máximo de 1 quando existe um equilíbrio perfeito na distribuição das migrações pelos fluxos bilaterais, o valor muito reduzido visível na Figura 21 aponta para que a maioria dos fluxos migratórios de cada país esteja concentrado num número relativamente restrito de destinos. A tendência ascendente identificável indica, no entanto, que esta tendência tem vindo a alterar-se com o aumento lento, mas progressivo, da dispersão dos fluxos.

3.3. Terceira dimensão: volume das migrações

3.3.1. Volume das migrações

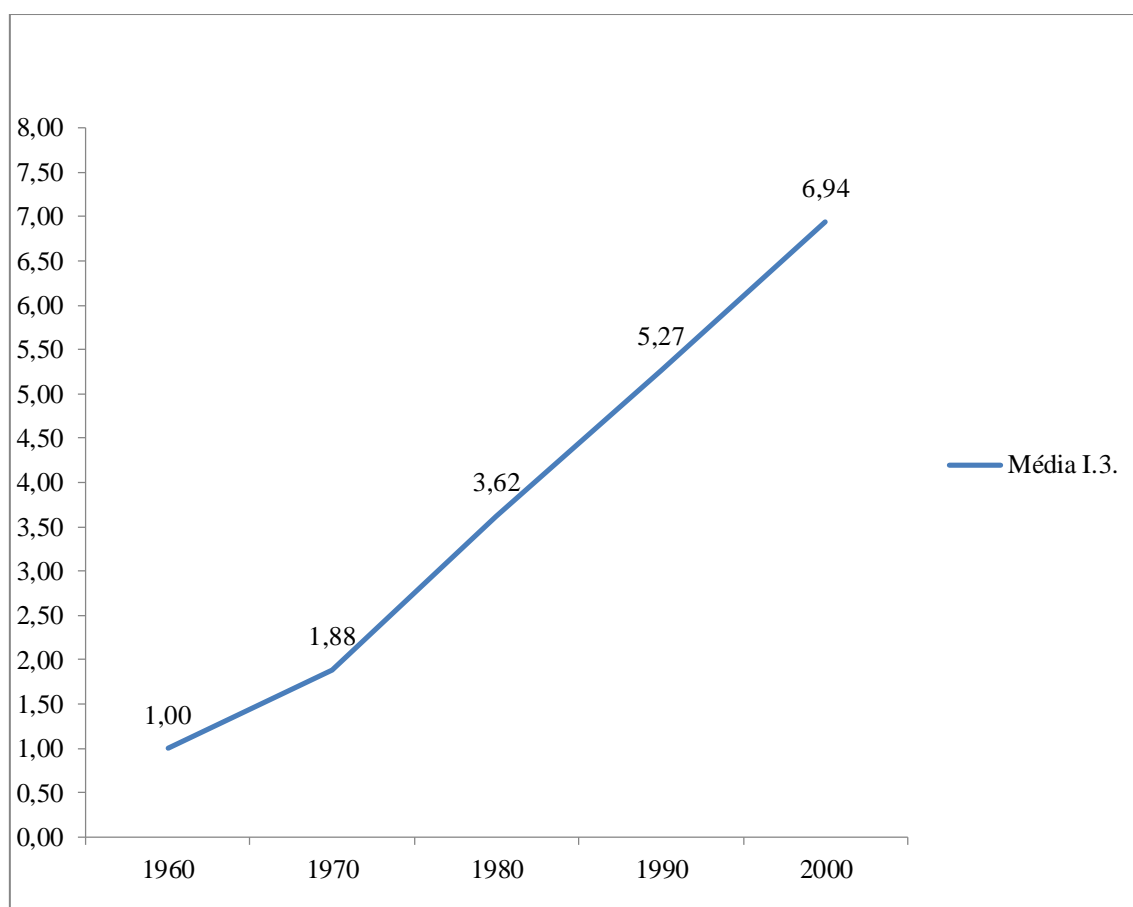
Analisadas as dimensões referentes ao número de países envolvidos e ao equilíbrio entre fluxos, será agora apresentada a dimensão relativa ao aumento do volume das migrações. Esta dimensão será quantificada através da construção de um índice derivado tendo como ano base o ano inicial da análise. Com o cálculo do rácio entre o volume de migrações em cada ano e o correspondente ao ano base, obtém-se um indício da evolução do volume das migrações ao longo do período em análise. Assim, o indicador é calculado como:

$$I3_{it} = \frac{\sum_{\substack{h=1 \\ (h \neq i)}}^H M_{iht}}{\sum_{\substack{h=1 \\ (h \neq i)}}^H M_{iht(0)}} \quad (10)$$

em que $M_{iht(0)}$ expressa as migrações de i para h no momento $t=0$.

Na figura seguinte é apresentada a evolução da média do indicador *I.3*, apresentado nas Tabelas A.2, A.3, A.4, A.5 e A.6 presentes no Anexo, que compara o volume dos fluxos migratórios num determinado ano com o valor dos fluxos num período base (-nesta análise 1960). Dado que o ano base é o ano de 1960, o valor para este período será 1, crescendo sucessivamente a um ritmo bastante elevado. Como seria expectável, o volume dos fluxos evoluiu sempre positivamente ao longo das cinco décadas analisadas.

Figura 16: Evolução da média do indicador I.3



Analisando agora o *ranking* dos vinte e cinco países com volume mais elevado e vinte e cinco países com volume mais reduzido, podemos verificar que temos uma situação inversa à dos três indicadores apresentados anteriormente onde existia um padrão bastante claro, traduzido na presença dos países mais desenvolvidos no topo do *ranking*, enquanto países de dimensão muito reduzida ou densidade populacional se concentravam no final do *ranking*. Esta realidade ocorre porque enquanto os indicadores anteriores eram calculados através do número de fluxos face ao total dos países analisados, países com poucos fluxos naturalmente estariam no final da lista, enquanto no indicador *I.3* como o cálculo é efetuado através da comparação do valor do fluxo no período com o valor do fluxo no período base, o tamanho do fluxo perde relevância face à variação desse fluxo.

Na análise dos vinte e cinco primeiros países em termo de volume podemos verificar que os valores cimeiros apresentam um crescimento muito elevado de 1970 para 1980, face aos restantes. Ao contrário dos indicadores anteriores, existe agora uma volatilidade bastante

elevada não só na composição dos vinte e cinco primeiros países como na posição dos que se mantêm no *ranking* ao longo de período analisado. Destaca-se ainda o valor muito elevado de Macau na década de setenta, valor que poderá ser motivado pela descolonização portuguesa, processo onde Macau não ganhou a sua independência, mas ganhou maior liberdade administrativa e mais tarde passou a ser designado de território chinês sobre administração portuguesa. Esta alteração administrativa poderá ter proporcionado um aumento súbito dos fluxos migratórios com a China o que originaria um valor anormalmente elevado face aos restantes países.

Tabela 7: 25 Países com valores mais elevados para I.3

Top 25 - I.3							
1970		1980		1990		2000	
Macao SAR, China	93,85	Bangladesh	94,99	Bangladesh	95,38	Bangladesh	93,87
Kyrgyz Republic	8,84	Wallis and Futuna	41,11	Brunei Darussalam	94,99	Wallis and Futuna	64,13
Georgia	6,29	Bhutan	38,84	Bhutan	53,53	Reunion	58,53
Brunei Darussalam	5,88	Reunion	38,50	Wallis and Futuna	47,09	Brunei Darussalam	55,76
Belize	5,18	Saint Pierre and Miquelon	17,75	Maldives	38,28	Kyrgyz Republic	46,46
Mongolia	4,78	Tuvalu	17,10	Kyrgyz Republic	35,16	Bhutan	42,66
Bangladesh	4,44	Maldives	16,30	Taiwan, China	27,68	Taiwan, China	41,11
Bhutan	4,36	Kyrgyz Republic	13,03	Mayotte	26,37	Tuvalu	32,73
Cuba	4,29	Micronesia, Fed. Sts.	11,60	Northern Mariana Islands	17,45	Mayotte	25,95
Equatorial Guinea	4,28	Taiwan, China	10,39	Tuvalu	17,02	Northern Mariana Islands	25,23
Singapore	3,71	Northern Mariana Islands	10,16	Cambodia	13,99	Tonga	20,31
Reunion	3,58	Brunei Darussalam	8,81	Philippines	13,16	Ethiopia	19,94
Yemen, Rep.	3,40	Turkey	8,34	Tonga	12,79	Philippines	19,81
Norfolk Island	3,16	Georgia	8,32	Lao PDR	12,77	Equatorial Guinea	18,65
Uzbekistan	2,99	Madagascar	8,02	Georgia	12,60	Timor-Leste	18,36
American Samoa	2,89	Tonga	7,78	Afghanistan	12,54	Guatemala	17,07
Greenland	2,84	Equatorial Guinea	7,36	Egypt, Arab Rep.	10,97	Liberia	16,95
Tokelau	2,67	Philippines	6,30	Ethiopia	10,85	Georgia	16,70
Philippines	2,58	Samoa	6,17	Equatorial Guinea	10,49	Marshall Islands	16,66
Maldives	2,56	Marshall Islands	6,07	Saint Pierre and Miquelon	10,44	Cambodia	15,97
Turkey	2,51	Egypt, Arab Rep.	5,92	Marshall Islands	10,23	Micronesia, Fed. Sts.	15,67
Micronesia, Fed. Sts.	2,51	Lao PDR	5,88	Madagascar	9,35	Dominican Republic	15,36
Solomon Islands	2,43	Liberia	5,84	Guatemala	9,23	Fiji	15,25
Jordan	2,39	Sri Lanka	5,70	Sri Lanka	9,23	Mexico	14,95
Samoa	2,36	Mauritius	5,63	Macao SAR, China	8,97	Lao PDR	14,80

No *ranking* dos vinte e cinco países com valores mais reduzidos para I.3 podemos verificar que, ao contrário dos três indicadores anteriores onde o *ranking* correspondente era composto por países de desenvolvimento baixo, dimensão reduzida ou densidade populacional mínima, neste indicador existe uma maior heterogeneidade de países, aparecendo países como São Marino ou São Tomé e Príncipe junto de países como a Bélgica ou a Espanha. Tal como nos vinte e cinco primeiros países também nos vinte e cinco últimos

existe uma grande volatilidade na composição do grupo e na posição de cada país na lista, evidente no caso extremo de Macau que em 1980 se encontra numa das últimas posições.

Tabela 8: 25 Países com valores mais reduzidos para I.3

Últimos 25 - I.3							
1970		1980		1990		2000	
Bermuda	0,12	Virgin Islands (U.S.)	0,35	Virgin Islands (U.S.)	0,14	Gibraltar	0,34
Bahamas, The	0,19	Comoros	0,40	Monaco	0,23	Belgium	0,35
Cayman Islands	0,21	Belgium	0,42	Andorra	0,31	Pakistan	0,43
San Marino	0,26	Pakistan	0,45	Pakistan	0,39	Monaco	0,49
French Polynesia	0,37	Norway	0,63	Belgium	0,42	Rwanda	0,59
Virgin Islands (U.S.)	0,37	Sao Tome and Principe	0,65	Guadeloupe	0,48	Botswana	0,59
Virgin Islands, British	0,42	Turkmenistan	0,65	Czech Republic	0,51	Virgin Islands (U.S.)	0,60
Andorra	0,43	Albania	0,65	Liechtenstein	0,53	Spain	0,63
Saint Pierre and Miquelon	0,45	Sweden	0,67	Norway	0,61	Italy	0,70
Guadeloupe	0,48	Faeroe Islands	0,71	Guam	0,62	Hungary	0,70
West Bank and Gaza	0,48	Slovak Republic	0,73	Sweden	0,65	Luxembourg	0,73
Belgium	0,49	Mozambique	0,74	Hungary	0,67	Czech Republic	0,74
Antigua and Barbuda	0,51	Thailand	0,75	Poland	0,74	Norway	0,75
Turkmenistan	0,53	Hungary	0,76	Faeroe Islands	0,76	Malawi	0,79
Monaco	0,54	Congo, Rep.	0,77	Austria	0,76	Austria	0,81
Sao Tome and Principe	0,58	Bulgaria	0,81	American Samoa	0,77	Sweden	0,81
China	0,59	Macao SAR, China	0,82	Falkland Islands (Malvinas)	0,78	Malta	0,87
Palau	0,61	India	0,83	Comoros	0,79	Lesotho	0,88
Montserrat	0,63	Poland	0,84	Togo	0,81	Belarus	0,90
Guyana	0,63	Turks and Caicos Islands	0,87	Turks and Caicos Islands	0,81	Poland	0,91
New Caledonia	0,64	China	0,87	Sao Tome and Principe	0,81	Lithuania	0,93
St. Kitts and Nevis	0,64	Czech Republic	0,88	Rwanda	0,82	Ukraine	0,94
Aruba	0,64	Malawi	0,89	Italy	0,84	Denmark	1,00
Dominica	0,66	Virgin Islands, British	0,91	Mozambique	0,88	Central African Republic	1,01
Anguilla	0,72	Rwanda	0,92	Martinique	0,90	India	1,05

3.3.2. Volume de migrações, equilíbrio entre fluxos e número de fluxos

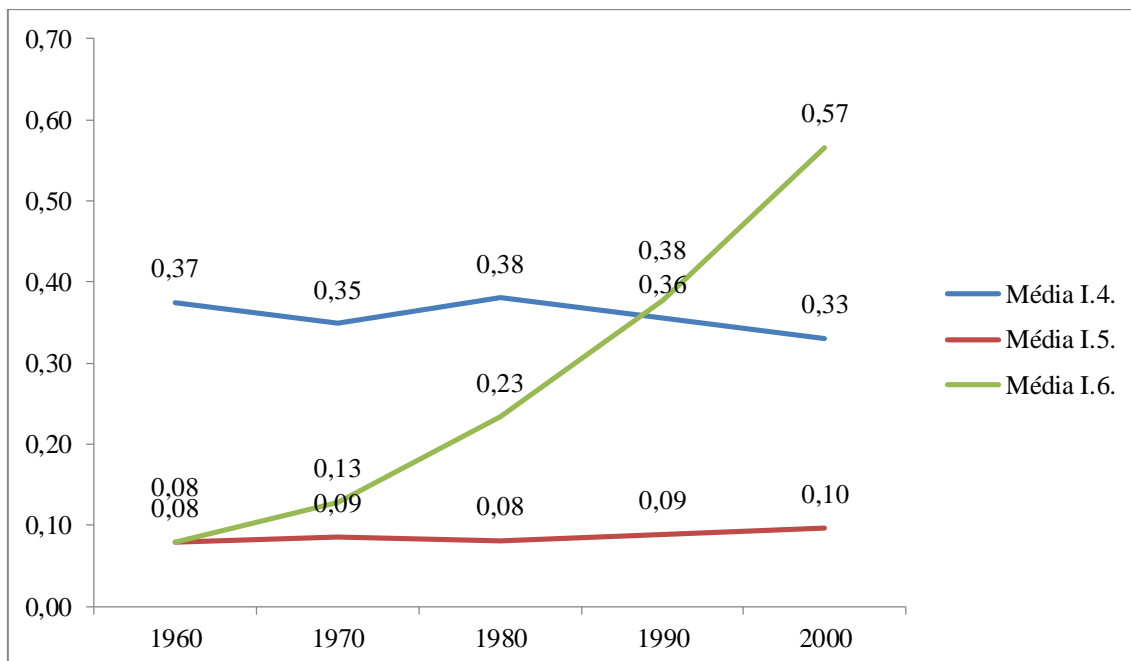
Para terminar, tentando ligar as três dimensões anteriormente apresentadas, será agora considerado um último indicador expresso como:

$$I6_t = I3_t \times I5_t \quad (11)$$

O indicador $I.6$, calculado com o intuito de combinar as três dimensões analisadas no estudo da globalização das migrações (número, equilíbrio e volume), é calculado através do produto do indicador $I.4$ com o indicador $I.5$, com ambos os fatores a apresentarem a mesma ponderação. Assim, o forte crescimento registado no volume das migrações ao longo das cinco décadas analisadas influencia largamente o crescimento deste índice, dado que $I.5$ apresenta uma evolução bastante mais modesta, com um ligeiro decréscimo na década de oitenta, paralelo ao verificado nos indicadores $I.2.1$ e $I.2.2$. Através da análise deste indicador

é possível concluir que nas últimas cinco décadas os fluxos migratórios internacionais têm aumentado não só em número como também em volume.

Figura 17: Evolução da média dos indicadores I.4, I.5 e I.6



Observando agora as Tabelas 9 e 10 é possível analisar a lista dos vinte e cinco países com valores mais elevados e vinte e cinco países com valores mais reduzidos para o indicador *I.4*, podendo assim verificar a existência de padrões ao nível da concentração ou dispersão dos fluxos migratórios. Analisando o primeiro *ranking* pode-se verificar que os países que apresentam maior concentração nos seus fluxos são países de dimensão geográfica muito reduzida, ou densidade populacional diminuta, ou ainda nível de desenvolvimento baixo. Comparando este padrão com o padrão verificado nos indicadores anteriores, é possível verificar que existe alguma correlação entre o número de fluxos, o volume desses fluxos e a sua concentração, que consiste em países com número de fluxos reduzido e volume reduzido apresentam concentração de fluxos elevada.

Tabela 9: 25 Países com valores mais elevados para I.4

Top 25 - I.4									
1960		1970		1980		1990		2000	
Nepal	0,97	Lesotho	0,964	Bermuda	0,95	Puerto Rico	0,98	Mexico	0,96
Puerto Rico	0,96	Puerto Rico	0,940	Wallis and Futuna	0,94	Mexico	0,97	Puerto Rico	0,95
Lesotho	0,96	Swaziland	0,937	Saint Pierre and Miquelon	0,94	Wallis and Futuna	0,91	Wallis and Futuna	0,87
Pakistan	0,96	Guam	0,920	Guam	0,93	Greenland	0,84	Mayotte	0,82
Eritrea	0,95	Pakistan	0,913	Reunion	0,93	Mayotte	0,83	Burkina Faso	0,81
Mexico	0,91	Mongolia	0,896	Puerto Rico	0,91	Niue	0,83	Guam	0,81
Mayotte	0,91	Tokelau	0,886	Niue	0,89	Korea, Dem. Rep.	0,81	El Salvador	0,79
Turkmenistan	0,91	Botswana	0,855	Cook Islands	0,89	Saint Pierre and Miquelon	0,80	Bahamas, The	0,76
Swaziland	0,90	Niue	0,848	Mexico	0,87	Cayman Islands	0,79	Niue	0,75
Norfolk Island	0,89	Cook Islands	0,846	Mayotte	0,86	Cuba	0,79	Virgin Islands (U.S.)	0,75
Guam	0,88	Gibraltar	0,846	Bangladesh	0,85	Burkina Faso	0,78	Marshall Islands	0,75
Bermuda	0,87	Namibia	0,846	Bahamas, The	0,84	El Salvador	0,78	Guatemala	0,75
Niue	0,86	Mayotte	0,827	Paraguay	0,83	Lesotho	0,77	San Marino	0,75
Sao Tome and Principe	0,85	Mexico	0,825	Tokelau	0,82	Gibraltar	0,77	Belize	0,74
Botswana	0,83	Greenland	0,816	Korea, Dem. Rep.	0,80	Bahamas, The	0,77	Guadeloupe	0,73
Thailand	0,83	Paraguay	0,803	San Marino	0,80	Algeria	0,77	Cuba	0,72
Cook Islands	0,83	Virgin Islands (U.S.)	0,797	Algeria	0,78	Namibia	0,76	Honduras	0,72
Comoros	0,80	American Samoa	0,792	Burkina Faso	0,78	Marshall Islands	0,75	Nepal	0,72
Bahamas, The	0,80	Macao SAR, China	0,791	Monaco	0,78	Paraguay	0,75	American Samoa	0,71
Virgin Islands (U.S.)	0,78	Nepal	0,775	Nepal	0,78	Swaziland	0,74	Bermuda	0,71
Canada	0,78	Algeria	0,773	Cayman Islands	0,76	Panama	0,74	Panama	0,71
Burkina Faso	0,77	Canada	0,746	Virgin Islands (U.S.)	0,76	Bermuda	0,74	Paraguay	0,71
Tokelau	0,77	Cuba	0,743	Cuba	0,74	Nepal	0,74	Greenland	0,69
Paraguay	0,75	Korea, Dem. Rep.	0,696	Papua New Guinea	0,74	Papua New Guinea	0,74	Reunion	0,66
Djibouti	0,73	Tunisia	0,685	Panama	0,73	Maldives	0,73	Dominican Republic	0,66

Já para os últimos vinte e cinco países, ou seja, os países com maior dispersão de fluxos migratórios, não existe nenhum padrão identificável ao nível da dimensão geográfica, densidade populacional ou nível de desenvolvimento económico, com a presença de países muito díspares como a França, os Estados Unidos, as Seychelles e Síria. É no entanto possível verificar que os países de maior desenvolvimento apresentam maior estabilidade nesta lista ao nível de presença e posição, enquanto os países menos desenvolvidos apresentam um comportamento mais errático alternando de posição e presença na lista.

Tabela 10: 25 Países com valores mais reduzidos para I.4

Últimos 25 - I.4									
1960		1970		1980		1990		2000	
France	0,07	France	0,06	France	0,05	France	0,05	France	0,04
Lebanon	0,09	Lebanon	0,08	Lebanon	0,07	United States	0,08	Congo, Rep.	0,06
Seychelles	0,09	Syrian Arab Republic	0,08	United States	0,08	Lebanon	0,08	United States	0,07
Syrian Arab Republic	0,10	United States	0,10	Syrian Arab Republic	0,10	Nigeria	0,10	Spain	0,08
Egypt, Arab Rep.	0,10	Guyana	0,10	Nigeria	0,11	Reunion	0,10	Lebanon	0,08
Brunei Darussalam	0,11	Egypt, Arab Rep.	0,10	Ethiopia	0,11	South Africa	0,10	Switzerland	0,08
Slovenia	0,11	Ethiopia	0,10	Argentina	0,11	Switzerland	0,10	Iraq	0,08
Croatia	0,11	Wallis and Futuna	0,11	Netherlands	0,11	Macedonia, FYR	0,10	Belgium	0,09
Argentina	0,11	Albania	0,11	Albania	0,11	Tanzania	0,11	Syrian Arab Republic	0,09
Turkey	0,11	Antigua and Barbuda	0,11	Iran, Islamic Rep.	0,12	Argentina	0,11	Sweden	0,10
United States	0,11	Liberia	0,12	Italy	0,12	Italy	0,11	Netherlands	0,10
Georgia	0,12	Cayman Islands	0,12	Iraq	0,12	Iraq	0,11	Denmark	0,10
Netherlands	0,12	Senegal	0,12	Tanzania	0,13	Netherlands	0,11	Nigeria	0,10
Ethiopia	0,12	Dominica	0,12	South Africa	0,13	Syrian Arab Republic	0,11	Portugal	0,10
Greece	0,13	Iran, Islamic Rep.	0,12	Senegal	0,13	Libya	0,11	Gambia, The	0,11
Albania	0,13	St. Lucia	0,12	Spain	0,13	Congo, Dem. Rep.	0,11	Argentina	0,11
Senegal	0,13	Italy	0,13	Bahrain	0,13	Denmark	0,12	Macedonia, FYR	0,11
Bosnia and Herzegovina	0,13	Argentina	0,13	Switzerland	0,13	Sweden	0,12	Hungary	0,11
Dominican Republic	0,13	Slovenia	0,13	Brazil	0,14	Brazil	0,12	Sri Lanka	0,11
Madagascar	0,13	Seychelles	0,13	St. Lucia	0,14	Spain	0,13	Tanzania	0,11
Venezuela, RB	0,14	Aruba	0,13	Greece	0,14	Ethiopia	0,13	Italy	0,11
Switzerland	0,14	Iceland	0,13	Brunei Darussalam	0,14	Australia	0,13	Morocco	0,11
Peru	0,14	South Africa	0,13	Congo, Rep.	0,15	Greece	0,13	Australia	0,12
Iran, Islamic Rep.	0,14	Netherlands	0,13	Belgium	0,15	Serbia and Montenegro	0,13	Qatar	0,12
Ecuador	0,14	Brazil	0,13	Dominica	0,15	Ghana	0,13	Romania	0,12

Ao observar a Tabela 11 é possível verificar que os países mais desenvolvidos economicamente, ou países que não apresentando um desenvolvimento económico elevado têm fluxos migratórios elevados, demonstram um equilíbrio superior dos seus fluxos migratórios, estando estes distribuídos por um maior número de países. Adicionalmente é possível verificar que existe uma elevada estabilidade na composição deste *ranking*, não existindo muitas alterações na composição do mesmo.

Tabela 11: 25 Países com valores mais elevados para I.5

Top 25 - I.5									
1960		1970		1980		1990		2000	
United States	0,25	United States	0,24	United States	0,25	United States	0,27	United States	0,29
France	0,21	France	0,24	France	0,24	France	0,26	France	0,26
Lebanon	0,20	Lebanon	0,21	Lebanon	0,18	Australia	0,19	Australia	0,19
Taiwan, China	0,17	Guyana	0,17	Nigeria	0,15	Lebanon	0,18	Congo, Rep.	0,18
Egypt, Arab Rep.	0,15	Egypt, Arab Rep.	0,15	Australia	0,15	Switzerland	0,17	Switzerland	0,18
United Kingdom	0,14	Taiwan, China	0,15	Syrian Arab Republic	0,15	Germany	0,16	United Kingdom	0,18
Ethiopia	0,14	Ethiopia	0,14	Switzerland	0,15	Nigeria	0,16	Lebanon	0,18
Syrian Arab Republic	0,14	Syrian Arab Republic	0,14	United Kingdom	0,14	Reunion	0,16	Syrian Arab Republic	0,17
Venezuela, RB	0,13	United Kingdom	0,14	Germany	0,14	United Kingdom	0,15	Belgium	0,17
Dominican Republic	0,13	Germany	0,14	Sweden	0,14	Syrian Arab Republic	0,15	Germany	0,16
Germany	0,13	Brazil	0,13	Brazil	0,14	Brazil	0,15	Nigeria	0,16
Greece	0,13	Switzerland	0,13	Albania	0,14	Sweden	0,15	Qatar	0,16
Senegal	0,13	Dominica	0,13	Netherlands	0,14	Congo, Rep.	0,15	Netherlands	0,16
Switzerland	0,13	Aruba	0,13	Belgium	0,13	Libya	0,14	Sweden	0,16
Reunion	0,12	Senegal	0,13	Greece	0,13	Netherlands	0,14	Libya	0,16
Madagascar	0,12	Australia	0,13	Congo, Rep.	0,13	Austria	0,14	Spain	0,16
Brazil	0,12	Antigua and Barbuda	0,12	Argentina	0,13	Greece	0,14	Austria	0,15
Australia	0,12	Sri Lanka	0,12	Japan	0,13	Belgium	0,13	Denmark	0,15
Sri Lanka	0,12	Netherlands	0,12	Ethiopia	0,13	Argentina	0,13	Mongolia	0,15
Seychelles	0,12	Argentina	0,12	Dominica	0,13	Denmark	0,13	Maldives	0,15
Tonga	0,12	Cambodia	0,12	Egypt, Arab Rep.	0,13	Venezuela, RB	0,13	Iran, Islamic Rep.	0,15
Netherlands	0,12	Venezuela, RB	0,12	Austria	0,12	Iran, Islamic Rep.	0,13	Sri Lanka	0,15
Croatia	0,12	Barbados	0,12	Spain	0,12	Spain	0,13	Brazil	0,15
Equatorial Guinea	0,12	Peru	0,12	Senegal	0,12	Japan	0,13	Saudi Arabia	0,14
Macedonia, FYR	0,12	Indonesia	0,12	South Africa	0,12	Iraq	0,13	Bulgaria	0,14

Na Tabela 12 é possível observar a lista dos vinte e cinco países com valores mais reduzidos para o indicador *I.5*, sendo facilmente identificável um padrão na composição deste *ranking*, que se traduz na presença maioritariamente de países com níveis de desenvolvimento reduzidos, densidades populacionais baixas ou dimensões geográficas diminutas. Adicionalmente é possível verificar que esta lista de países não sofre muitas alterações ao longo das cinco décadas estudadas, apresentando assim uma elevada estabilidade na sua composição.

Tabela 12: 25 Países com valores mais reduzidos para I.5

Últimos 25 - I.5									
1960		1970		1980		1990		2000	
Mayotte	0,01	Mayotte	0,01	Mayotte	0,02	Puerto Rico	0,01	Mexico	0,02
Nepal	0,02	Macao SAR, China	0,02	Saint Pierre and Miquelon	0,02	Mexico	0,02	Puerto Rico	0,02
Lesotho	0,02	Puerto Rico	0,02	Bermuda	0,02	Lesotho	0,03	Mayotte	0,03
Puerto Rico	0,02	Lesotho	0,02	Puerto Rico	0,02	Saint Pierre and Miquelon	0,03	Greenland	0,03
Pakistan	0,02	Nepal	0,02	Mexico	0,03	Bermuda	0,03	San Marino	0,04
Guam	0,02	Guam	0,03	Guam	0,03	Mayotte	0,03	Bermuda	0,04
Virgin Islands (U.S.)	0,03	Saint Pierre and Miquelon	0,03	Lesotho	0,03	Wallis and Futuna	0,04	Reunion	0,04
Eritrea	0,03	Paraguay	0,03	Korea, Dem. Rep.	0,03	Korea, Dem. Rep.	0,04	Faeroe Islands	0,04
Swaziland	0,03	Gibraltar	0,03	Wallis and Futuna	0,03	Bhutan	0,04	Samoa	0,04
Saint Pierre and Miquelon	0,03	Malta	0,03	American Samoa	0,03	Northern Mariana Islands	0,04	Wallis and Futuna	0,04
Norfolk Island	0,03	Greenland	0,03	Paraguay	0,03	Malta	0,04	American Samoa	0,04
Paraguay	0,03	American Samoa	0,03	Reunion	0,03	Norfolk Island	0,04	Fiji	0,04
Maldives	0,03	Swaziland	0,03	Norfolk Island	0,03	Greenland	0,04	Norfolk Island	0,04
Faeroe Islands	0,03	Norfolk Island	0,04	Bhutan	0,03	Gibraltar	0,04	Kiribati	0,04
Turkmenistan	0,03	Pakistan	0,04	Tokelau	0,03	Faeroe Islands	0,04	Korea, Dem. Rep.	0,04
Malawi	0,03	Faeroe Islands	0,04	Gibraltar	0,04	Tokelau	0,04	Tokelau	0,05
Gibraltar	0,03	Mexico	0,04	San Marino	0,04	Niue	0,04	Martinique	0,05
Botswana	0,03	Eritrea	0,04	Malta	0,04	Maldives	0,04	Jamaica	0,05
American Samoa	0,04	Malawi	0,04	Bahamas, The	0,04	Swaziland	0,04	Cook Islands	0,05
Burundi	0,04	Botswana	0,04	Marshall Islands	0,04	Marshall Islands	0,04	Guadeloupe	0,05
Rwanda	0,04	Mongolia	0,04	Monaco	0,04	Samoa	0,04	Northern Mariana Islands	0,05
Sao Tome and Principe	0,04	Tokelau	0,04	Faeroe Islands	0,04	Paraguay	0,05	Tonga	0,05
Korea, Rep.	0,04	Turkmenistan	0,05	Samoa	0,04	Cook Islands	0,05	Guam	0,05
Korea, Dem. Rep.	0,04	Namibia	0,05	Guadeloupe	0,04	Jamaica	0,05	Lesotho	0,05
Bermuda	0,04	Korea, Dem. Rep.	0,05	Kiribati	0,04	Papua New Guinea	0,05	Niue	0,05

Se olharmos agora para a lista dos países de valores mais elevados para o indicador *I.6* presente na Tabela 13 e dos países com valores mais reduzidos para *I.6* presente na Tabela 14 não é possível identificar um padrão distinto na composição destes dois *rankings*, dado que ambos são compostos maioritariamente por países de desenvolvimento reduzido, ou densidade populacional mais fraca ou ainda com dimensão geográfica reduzida. Parece no entanto existir alguma estabilidade na composição dos dois *rankings* não existindo muitas alterações nos vinte e cinco países que compõem cada uma das listas, verificando-se porém bastantes alterações nas classificações dos países que se mantêm nos *rankings* ao longo das cinco décadas analisadas.

Tabela 13: 25 Países com valores mais elevados para I.6

Top 25 - I.6							
1970		1980		1990		2000	
Macao SAR, China	1,55	Bangladesh	4,16	Bangladesh	5,76	Bangladesh	8,12
Brunei Darussalam	0,54	Bhutan	1,32	Brunei Darussalam	5,58	Brunei Darussalam	4,66
Kyrgyz Republic	0,52	Reunion	1,27	Kyrgyz Republic	2,30	Taiwan, China	3,45
Georgia	0,51	Wallis and Futuna	1,22	Taiwan, China	2,04	Bhutan	3,34
Bangladesh	0,38	Taiwan, China	0,84	Bhutan	2,00	Kyrgyz Republic	3,04
Equatorial Guinea	0,36	Maldives	0,82	Wallis and Futuna	1,74	Wallis and Futuna	2,66
Egypt, Arab Rep.	0,35	Micronesia, Fed. Sts.	0,78	Maldives	1,67	Philippines	2,62
Reunion	0,33	Tuvalu	0,76	Philippines	1,37	Ethiopia	2,43
United States	0,33	Egypt, Arab Rep.	0,74	Tuvalu	1,33	Tuvalu	2,36
Singapore	0,32	Brunei Darussalam	0,74	Egypt, Arab Rep.	1,27	Reunion	2,26
Belize	0,31	Turkey	0,67	Georgia	1,21	Maldives	2,04
Ethiopia	0,31	Madagascar	0,65	Sri Lanka	1,19	Mongolia	1,81
Cuba	0,29	Kyrgyz Republic	0,64	Ethiopia	1,16	Georgia	1,67
Lebanon	0,29	Georgia	0,64	Cambodia	1,06	Sri Lanka	1,66
Bhutan	0,27	Philippines	0,60	Equatorial Guinea	0,93	Equatorial Guinea	1,51
Yemen, Rep.	0,27	Equatorial Guinea	0,58	Afghanistan	0,92	Egypt, Arab Rep.	1,51
Taiwan, China	0,26	Ethiopia	0,58	Mayotte	0,89	Peru	1,49
Turkey	0,25	Lebanon	0,57	Madagascar	0,84	Dominican Republic	1,40
Philippines	0,24	Sri Lanka	0,56	Lao PDR	0,83	Afghanistan	1,39
France	0,23	Liberia	0,52	Turkey	0,79	Bahrain	1,31
Micronesia, Fed. Sts.	0,23	Mauritius	0,50	Lebanon	0,79	Liberia	1,31
Sri Lanka	0,23	Singapore	0,50	Mauritius	0,75	Northern Mariana Islands	1,20
Dominican Republic	0,22	Cambodia	0,47	Micronesia, Fed. Sts.	0,72	Seychelles	1,20
Venezuela, RB	0,21	Lao PDR	0,47	Tonga	0,68	Cambodia	1,14
Mongolia	0,21	Northern Mariana Islands	0,46	Guyana	0,67	Micronesia, Fed. Sts.	1,12

Tabela 14: 25 Países com valores mais reduzidos para I.6

Últimos 25 - I.6							
1970		1980		1990		2000	
Bermuda	0,01	Virgin Islands (U.S.)	0,02	Virgin Islands (U.S.)	0,01	Gibraltar	0,03
Saint Pierre and Miquelon	0,01	Mayotte	0,02	Andorra	0,03	Virgin Islands (U.S.)	0,03
San Marino	0,01	Turkmenistan	0,03	Monaco	0,03	Lesotho	0,04
Mayotte	0,01	Faeroe Islands	0,03	Puerto Rico	0,03	Faeroe Islands	0,05
Virgin Islands (U.S.)	0,02	Lesotho	0,03	Faeroe Islands	0,03	Botswana	0,05
Cayman Islands	0,02	Pakistan	0,04	Liechtenstein	0,03	Pakistan	0,05
Lesotho	0,02	Puerto Rico	0,04	Guam	0,03	Puerto Rico	0,06
Bahamas, The	0,02	Comoros	0,04	Pakistan	0,04	Belgium	0,06
Turkmenistan	0,02	Gibraltar	0,04	Gibraltar	0,04	Monaco	0,06
Gibraltar	0,03	Malawi	0,05	Lesotho	0,05	Malta	0,06
Puerto Rico	0,03	Malta	0,05	Norfolk Island	0,05	Rwanda	0,06
Andorra	0,03	Mozambique	0,05	Malta	0,05	Malawi	0,06
Nepal	0,03	Nepal	0,05	American Samoa	0,05	Czech Republic	0,07
Faeroe Islands	0,03	Sao Tome and Principe	0,05	Czech Republic	0,05	Belarus	0,07
Monaco	0,03	Paraguay	0,05	Guadeloupe	0,05	Liechtenstein	0,07
Swaziland	0,03	Rwanda	0,05	San Marino	0,05	Italy	0,08
Botswana	0,03	Swaziland	0,05	Rwanda	0,06	Swaziland	0,08
Pakistan	0,03	Guam	0,05	Malawi	0,06	Luxembourg	0,09
Paraguay	0,03	Belgium	0,06	Botswana	0,06	Norway	0,09
Guam	0,04	Botswana	0,06	Belgium	0,06	Nepal	0,09
Guadeloupe	0,04	Norfolk Island	0,06	Nepal	0,06	Poland	0,09
Malta	0,04	Moldova	0,06	Mozambique	0,06	Hungary	0,09
Malawi	0,04	Greenland	0,06	Comoros	0,07	Mozambique	0,10
Palau	0,04	Norway	0,07	Falkland Islands (Malvinas)	0,07	Spain	0,10
Virgin Islands, British	0,04	Slovak Republic	0,07	Norway	0,07	Lithuania	0,10

Capítulo 4: Conclusão

A dissertação, que agora chega à sua fase final, teve como tema a análise da globalização das migrações, tema escolhido devido à lacuna verificada nos estudos existentes sobre globalização ao nível da temática específica das migrações, existindo apenas investigações relativas às diversas áreas da sociedade afetadas pela globalização, tais como, os impactos na economia local e mundial, em que medida as culturas nacionais são afetadas pela globalização dos costumes e preferências ou, relativas ao modo como a gestão das empresas é afetada pela globalização. Como a investigação dos impactos da globalização nos fluxos migratórios internacionais se revela escassa, procurou-se estudar a globalização dos fluxos migratórios internacionais, propondo uma metodologia que procure chegar a resultados que expliquem de que forma a globalização afetou as migrações.

Através da investigação da literatura existente referente às duas componentes do tema desta dissertação, a globalização e as migrações, verificou-se que a globalização tendo surgido como processo modificador das sociedades no final do século XIV, período marcado pelas descobertas marítimas e descoberta de novos mundos, evoluiu posteriormente com a Revolução Industrial no final do século XVIII, atingindo o seu estado moderno no século XX. Ainda no tema da evolução da globalização foram apresentadas três visões distintas sobre o próprio conceito e impacto da mesma, sendo estas, a escola hiperglobalista, a escola céptica e a escola transformacionista. Relativamente às migrações foram identificadas teorias que explicam as motivações para as migrações, podendo estas ser divididas em teoria de âmbito macro ou micro. A teoria macro foi formulada com o objetivo de estudar as migrações internacionais em termos de agregados populacionais, onde a mudança de país tem origem em fenómenos fora do controlo do indivíduo. Assim sendo, as migrações são causadas por diferenças geográficas na procura e oferta de trabalho, onde as diferenças salariais entre regiões causam as migrações de trabalhadores. A teoria micro explica as migrações através do comportamento do indivíduo, sendo que este desloca-se procurando as melhores circunstâncias possíveis, com o objetivo de maximizar a sua satisfação. Aqui o indivíduo escolherá o destino onde o ganho for mais elevado, numa ótica de uma análise custo benefício, tendo em consideração os custos inerentes à deslocação.

Avançando agora para o estudo efetuado e resultados obtidos na análise da *Global Migration Database*, matriz produzida pelo Banco Mundial composta por 226 países

analisado ao longo de cinco décadas com início em 1960 e final em 2000, foram utilizados sete indicadores que procuraram analisar três dimensões dos fluxos migratórios, o número, o volume e o equilíbrio. Estes sete indicadores investigam a globalização dos fluxos migratórios, permitindo assim chegar a conclusões relativamente à globalização das mesmas. Ligando as dimensões enunciadas com os indicadores apresentados, os indicadores relativos ao número de fluxos procuram analisar o número de fluxos bilaterais para cada país, sendo, o indicador referente ao volume procura analisar o volume dos fluxos, enquanto o indicador referente ao equilíbrio, procura analisar o equilíbrio. Posteriormente tentam-se combinar as diferentes dimensões em dois indicadores, um a combinar o número de fluxos com o equilíbrio e outro a combinar estas duas dimensões com o volume.

Através da análise do indicador *I.1* verificou-se que ao longo do intervalo analisado de cinco décadas os fluxos migratórios cresceram sempre em número com ritmos mais elevados e mais reduzidos nas décadas de noventa e oitenta, respetivamente. Ainda neste índice, verificou-se que os países com valores mais elevados apresentavam, no mínimo, uma das seguintes características, níveis elevados de desenvolvimento económico, grande dimensão geográfica. Aqueles que não possuíam nenhuma das características anteriores caracterizavam-se por apresentar grandes disparidades de rendimentos na sociedade e elevada densidade populacional, fatores que, quando combinados, contribuem para a propagação das migrações. Já os países com valores mais reduzidos caracterizavam-se pela sua reduzida dimensão geográfica e população pouco numerosa, com o desenvolvimento económico a não ser um fator preponderante.

Os indicadores *I.2.1* e *I.2.2* apresentaram valores inferiores a *I.1*, com *I.2.2* a ser também inferior a *I.2.1*, resultados explicados pela natureza mais restritiva destes dois indicadores. Ao contrário de *I.1*, *I.2.1* e *I.2.2* apresentam crescimentos negativos na década de oitenta, realidade possivelmente explicada pela deslocação da produção das maiores empresas multinacionais para países que tradicionalmente apresentavam valores para a emigração muito elevados, o que aumentou o número de postos de trabalho nestes países e acelerou o seu desenvolvimento económico, diminuindo a necessidade de emigrar. *I.2.2* apresentou um decréscimo superior a *I.2.1*, o que indica que os países com maior número de fluxos foram aqueles que mais decresceram. Tal como para *I.1* os países mais desenvolvidos apresentam valores mais elevados para *I.2.1* e *I.2.2*, com a presença também de alguns países menos desenvolvidos, que tradicionalmente apresentam fluxos maioritariamente de emigração.

Ao analisar o indicador *I.3* verificou-se que o volume dos fluxos migratórios cresceu constantemente a um ritmo bastante elevado, desacelerando nas duas últimas décadas, mantendo, no entanto, um crescimento sempre superior aos restantes indicadores. Na análise dos países com valores mais elevados e mais reduzidos para este indicador verificou-se no entanto um padrão contrário aos indicadores anteriores, com países pouco desenvolvidos a apresentarem os volumes mais elevados. Este padrão pode ser explicado pelo cálculo do próprio indicador que, ao considerar os fluxos de um período face ao período base, não considerando a dimensão dos fluxos relativamente aos restantes países, provoca que qualquer oscilação relativamente elevada em fluxos de pequena dimensão tenha um impacto considerável.

O indicador *I.4* apresentou uma evolução negativa ao longo das cinco décadas analisadas, o que se traduz num aumento da dispersão dos fluxos migratórios, tornando-se assim mais globalizados. Os países menos desenvolvidos economicamente, com população reduzida ou dimensão geográfica limitada apresentam, no entanto, maior concentração dos seus fluxos migratórios. Assimilando os indicadores anteriormente apresentados, com *I.4* conclui-se que existe um padrão claro relativamente às três dimensões analisadas, que consiste em número de fluxos reduzido e volume também reduzido coincidem com concentrações elevadas.

Avançando agora para o indicador *I.5*, verificou-se que a maioria dos fluxos de cada país está concentrada num número relativamente restrito de países. No entanto, os países mais desenvolvidos ou, caso não apresentem um desenvolvimento elevado, apresentem fluxos migratórios elevados apresentam maior equilíbrio dos seus fluxos, com estes a apresentarem-se assim distribuídos por mais países. Já através da análise do indicador *I.6* ao longo das cinco décadas analisadas verificou-se que o número e o tamanho (volume) das migrações tem vindo a aumentar.

Para terminar, serão agora apresentadas hipóteses de análise futuras que permitam aprofundar o estudo da globalização das migrações. Dado que nenhum dos indicadores utilizadas considerava a dimensão geográfica dos países estudados ou a distância entre os países envolvidos nos fluxos-bilaterais, seria benéfico utilizar indicadores que considerem a distância entre os países estudados, com o objetivo de analisar a existência de padrões relativos à distância entre países e se esta tem impacto nos fluxos. Um último aspeto a estudar

seria a correlação entre flutuações económicas e fluxos migratórios, procurando assim verificar se existe alguma relação entre ambos.

Referências Bibliográficas

- Albrow, Martin. *The Global Age: State and Society Beyond Modernity*. Stanford: Stanford University Press, 1996. ISBN 9780804728690.
- Beck, Ulrich. *What is Globalization*. Cambridge: Polity Press, 2000. ISBN 9780745621265.
- Bogue, Donald. *International Migration: What is Driving it? What is its Future?*, University of Chicago, Chicago, 2010.
- Breuning, Christian, Cao, Xun e Luedtke, Adam. *International Migration and its Political Sources: A Network Analysis*. In *American Political Science Association 2008 Annual Meeting*, Boston, Agosto 2008.
- Castles, Steven e Miller, Mark. *The Age of Migration: international population movements in the modern world*. London: Macmillan, 1993. ISBN 100230517854
- Davis, Donald, Harrigan, James. *Good Jobs, Bad Jobs, and Trade Liberalization*. Discussion Paper n°. 0607-07, Columbia University, New York, Junho 2007.
- Deardorff, Alan. *Who Makes the Rules of Globalization?*, Discussion Paper n°. 517, University of Michigan, Ann Harbor, Agosto 2004.
- Deutsche Bank Research. *Current Issues: Demography Special*, August 12003
- Dreher, Axel, Gaston, Noel e Martens, Prim. *Measuring Globalisation Gauging its Consequences*. New York: Springer, 2008. ISBN 9780387740676.
- Epstein, Philip, Howlett, Peter e Schulze, Max. *Trade, Convergence and Globalisation: the dynamics of change in the international income distribution, 1950-1998*. Working Paper n°. 83/04, London School of Economics, London, Março 2004.
- Feenstra, Robert. *Integration of Trade and Disintegration of Production in the Global Economy*. *Journal of Economic Perspectives*, April 1998.
- Ferreira, Ana Cristina. *Globalização, rumo a um governo mundial ou uma nova forma de cidadania*. Centro de Investigação e Análise em Relações Internacionais, 2006.

Findlay, Ronald. *Globalization and the European Economy: Medieval Origins to the Industrial Revolution*. Discussion Paper, Columbia University, New York Março 2002.

Fiss, Peer e Hirst, Paul. *The Discourse of globalization: framing and sensemaking of an emerging concept*. *American Sociological Review*, February 2005, vol. 70, p. 29-52.

Fratianni, Michele. *Borders and the Constraints of Globalization*. Indiana University Bloomington, Bloomington, Janeiro 2004.

Friedman, Thomas. *The Lexus and The Olive Tree*. New York: Farrar Straus and Giroux, 1999. ISBN 0374185522.

Giddens, Anthony. *Runaway World: How Globalisation is Reshaping Our Lives*. New York: Routledge, 2000. ISBN 0415927196.

Giddens, Anthony. *The Consequences of Modernity*. Stanford: Stanford University Press, 1990. ISBN 9780804718912.

Held, David, McGrew Anthony, Goldblatt, David, Perraton, Jonathan. *Global Transformations Politics, Economics and Culture*. Stanford: Stanford University Press, 1999. ISBN 0804736278.

Held, David e McGrew, Anthony. *Governing Globalization: Power, Authority and Global Governance*. Oxford: Wiley, 2002. ISBN 9780745627335.

Hoogvelt, Ankie. *Globalization and the Postcolonial World: the new political economy of development*. Baltimore: The Johns Hopkins University Press, 2011. ISBN 0801866928.

Huntington, Samuel. *O Choque das Civilizações*. Lisboa: Gradiva, 1999. ISBN 972662652

Keohane, Robert e Nye, Joseph. *Governance in a Globalizing World: Introduction*. In Nye, Joseph e Donahue, John. *Governance in a Globalizing World*. Washington D.C.: Brookings Press, 2000. ISBN 0815764073.

Langhorne, Richard. *The Coming of Globalization: Its Evolution and Contemporary Consequences*. New York: Palgrave, 2001. ISBN 0333947185.

Lee, Everett. *A Theory of Migration: na Demography*. *Population Association of America*, 1966, vol. 3, nº 1, p. 47-57.

Leonard, Mark. *Século XXI A Europa Em Mudança*. Queluz: Editorial Presença, 2005. ISBN 9789722334563.

Massey, Douglas, Arango, Joaquin, Hugo, Graeme, Kouaouci, Ali, Pellegrino, Adela, Taylor, J. Edward. *Theories of International Migration: A Review and Appraisal*. *Population and Development Review*, Setembro 1993, vol. 19, nº 3, p. 431-466.

Milberg, William e Winkler, Deborah. *Economic Insecurity in the New Wave of Globalization*. Working Paper nº. 2009-06, Schwartz Center for Economic Policy Analysis e Department of Economics New School for Social Research, New York, Fevereiro 2009.

Mittleman, James. *The Globalization Syndrome: Transformation and Resistance*. Princeton: Princeton University Press, 2000. ISBN 0691009880.

Pirenne, Henry. *Mohammed and Charlemagne*. New York: Dover Publications, 2001. ISBN 9780486420110.

Reermann, Olaf. *Patterns and Developments in Migration Flows: no Comparative Immigration and Integration Program*, Fevereiro 1988, vol. 4, nº. 4, UC San Diego, San Diego.

Sasen, Sakia. *Globalization and Its Discontents*. New York: The New Press, 1999. ISBN 1565845188

Soros, George. *The Bubble of American Supremacy*. New York: Public Affairs, 2004. ISBN 1586482173.

Van Creveld, Martin. *The Rise and Decline of the State*. Cambridge: Cambridge University Press, 1999. ISBN 052165629X.

Vandenbussche, Hylke, Konings, Joseph. *Globalization and the Effects of National Versus International Competition on the Labour Market. Theory and Evidence From Belgian Firm Level Data*. Discussion Paper nº. 98.21, Katholieke Universiteit Leuven, Leuven, Agosto 1998.

Waters, Malcolm. *Globalisation: Key Ideas*. London: Routledge, 2001. ISBN 9780415238540.

Williams, Eric. *Capitalism and Slavery*. Chapel Hill: University of North Carolina Press, 1966. ISBN 9780807844885

Williamson, Jeffrey. *Global Migration. Finance and Development*, Setembro 2006, vol. 43, nº 3.

Wolton, Dominique. *A Outra Globalização*. Lisboa: Edições Difel, 2004. ISBN 9789722906975.

World Migration: Costs and Benefits of International Migration. International Organization for Migration, Geneva, 2005.

Anexos

Tabela A.1: Lista de países estudados

Países analisados	
Afghanistan	Chile
Albania	China
Algeria	Colombia
American Samoa	Comoros
Andorra	Congo, Dem. Rep.
Angola	Congo, Rep.
Anguilla	Cook Islands
Antigua and Barbuda	Costa Rica
Argentina	Cote d'Ivoire
Armenia	Croatia
Aruba	Cuba
Australia	Cyprus
Austria	Czech Republic
Azerbaijan	Denmark
Bahamas, The	Djibouti
Bahrain	Dominica
Bangladesh	Dominican Republic
Barbados	Ecuador
Belarus	Egypt, Arab Rep.
Belgium	El Salvador
Belize	Equatorial Guinea
Benin	Eritrea
Bermuda	Estonia
Bhutan	Ethiopia
Bolivia	Faeroe Islands
Bosnia and Herzegovina	Falkland Islands (Malvinas)
Botswana	Fiji
Brazil	Finland
Brunei Darussalam	France
Bulgaria	French Guiana
Burkina Faso	French Polynesia
Burundi	Gabon
Cambodia	Gambia, The
Cameroon	Georgia
Canada	Germany
Cape Verde	Ghana
Cayman Islands	Gibraltar
Central African Republic	Greece
Chad	Greenland

Tabela A.1: Lista de países estudados (continuação)

Grenada	Madagascar
Guadeloupe	Malawi
Guam	Malaysia
Guatemala	Maldives
Guinea	Mali
Guinea-Bissau	Malta
Guyana	Marshall Islands
Haiti	Martinique
Honduras	Mauritania
Hong Kong SAR, China	Mauritius
Hungary	Mayotte
Iceland	Mexico
India	Micronesia, Fed. Sts.
Indonesia	Moldova
Iran, Islamic Rep.	Monaco
Iraq	Mongolia
Ireland	Montserrat
Israel	Morocco
Italy	Mozambique
Jamaica	Myanmar
Japan	Namibia
Jordan	Nauru
Kazakhstan	Nepal
Kenya	Netherlands
Kiribati	Netherlands Antilles
Korea, Dem. Rep.	New Caledonia
Korea, Rep.	New Zealand
Kuwait	Nicaragua
Kyrgyz Republic	Niger
Lao PDR	Nigeria
Latvia	Niue
Lebanon	Norfolk Island
Lesotho	Northern Mariana Islands
Liberia	Norway
Libya	Oman
Liechtenstein	Pakistan
Lithuania	Palau
Luxembourg	Panama
Macao SAR, China	Papua New Guinea
Macedonia, FYR	Paraguay

Tabela A.1: Lista de países estudados (continuação)

Peru	Sweden
Philippines	Switzerland
Poland	Syrian Arab Republic
Portugal	Taiwan, China
Puerto Rico	Tajikistan
Qatar	Tanzania
Reunion	Thailand
Romania	Timor-Leste
Russian Federation	Togo
Rwanda	Tokelau
Saint Helena	Tonga
Saint Pierre and Miquelon	Trinidad and Tobago
Samoa	Tunisia
San Marino	Turkey
Sao Tome and Principe	Turkmenistan
Saudi Arabia	Turks and Caicos Islands
Senegal	Tuvalu
Serbia and Montenegro	Uganda
Seychelles	Ukraine
Sierra Leone	United Arab Emirates
Singapore	United Kingdom
Slovak Republic	United States
Slovenia	Uruguay
Solomon Islands	Uzbekistan
Somalia	Vanuatu
South Africa	Venezuela, RB
Spain	Vietnam
Sri Lanka	Virgin Islands (U.S.)
St. Kitts and Nevis	Virgin Islands, British
St. Lucia	Wallis and Futuna
St. Vincent and the Grenadines	West Bank and Gaza
Sudan	Yemen, Rep.
Suriname	Zambia
Swaziland	Zimbabwe

Tabela A.2: Lista de indicadores relativos ao ano de 1960

Indicadores relativos ao ano de 1960							
País	I.1.	I.2.1.	I.2.2.	I.3.	I.4.	I.5.	I.6.
Afghanistan	0,34	0,13	0,03	1,00	0,37	0,08	0,08
Albania	0,45	0,15	0,05	1,00	0,13	0,10	0,10
Algeria	0,55	0,08	0,03	1,00	0,55	0,06	0,06
American Samoa	0,12	0,10	0,01	1,00	0,46	0,04	0,04
Andorra	0,08	0,08	0,03	1,00	0,31	0,05	0,05
Angola	0,37	0,14	0,04	1,00	0,24	0,08	0,08
Anguilla	0,10	0,10	0,03	1,00	0,19	0,08	0,08
Antigua and Barbuda	0,16	0,12	0,04	1,00	0,22	0,10	0,10
Argentina	0,53	0,17	0,04	1,00	0,11	0,11	0,11
Armenia	0,44	0,12	0,04	1,00	0,25	0,08	0,08
Aruba	0,15	0,15	0,05	1,00	0,25	0,10	0,10
Australia	0,69	0,23	0,04	1,00	0,16	0,12	0,12
Austria	0,59	0,15	0,04	1,00	0,26	0,10	0,10
Azerbaijan	0,42	0,09	0,01	1,00	0,24	0,07	0,07
Bahamas, The	0,14	0,09	0,03	1,00	0,80	0,05	0,05
Bahrain	0,17	0,14	0,03	1,00	0,23	0,09	0,09
Bangladesh	0,44	0,17	0,04	1,00	0,16	0,11	0,11
Barbados	0,28	0,13	0,04	1,00	0,24	0,09	0,09
Belarus	0,36	0,07	0,02	1,00	0,32	0,05	0,05
Belgium	0,60	0,11	0,04	1,00	0,57	0,08	0,08
Belize	0,21	0,17	0,05	1,00	0,30	0,10	0,10
Benin	0,23	0,10	0,04	1,00	0,26	0,07	0,07
Bermuda	0,07	0,07	0,02	1,00	0,87	0,04	0,04
Bhutan	0,06	0,06	0,02	1,00	0,27	0,06	0,06
Bolivia	0,30	0,08	0,04	1,00	0,57	0,06	0,06
Bosnia and Herzegovina	0,44	0,14	0,04	1,00	0,13	0,10	0,10
Botswana	0,12	0,05	0,00	1,00	0,83	0,03	0,03
Brazil	0,54	0,18	0,04	1,00	0,17	0,12	0,12
Brunei Darussalam	0,12	0,12	0,04	1,00	0,11	0,11	0,11
Bulgaria	0,48	0,12	0,03	1,00	0,37	0,08	0,08
Burkina Faso	0,29	0,06	0,01	1,00	0,77	0,04	0,04
Burundi	0,21	0,06	0,03	1,00	0,36	0,04	0,04
Cambodia	0,29	0,15	0,04	1,00	0,17	0,10	0,10
Cameroon	0,29	0,12	0,05	1,00	0,26	0,08	0,08
Canada	0,76	0,13	0,03	1,00	0,78	0,06	0,06
Cape Verde	0,26	0,11	0,05	1,00	0,40	0,08	0,08
Cayman Islands	0,09	0,09	0,04	1,00	0,37	0,07	0,07
Central African Republic	0,17	0,08	0,03	1,00	0,32	0,05	0,05

Tabela A.2: Lista de indicadores relativos ao ano de 1960 (continuação)

Indicadores relativos ao ano de 1960							
País	I.1.	I.2.1.	I.2.2.	I.3.	I.4.	I.5.	I.6.
Chad	0,29	0,09	0,04	1,00	0,36	0,07	0,07
Chile	0,45	0,12	0,04	1,00	0,48	0,09	0,09
China	0,77	0,15	0,03	1,00	0,25	0,09	0,09
Colombia	0,45	0,14	0,05	1,00	0,30	0,11	0,11
Comoros	0,22	0,08	0,03	1,00	0,80	0,05	0,05
Congo, Dem. Rep.	0,36	0,12	0,04	1,00	0,38	0,07	0,07
Congo, Rep.	0,32	0,12	0,04	1,00	0,27	0,07	0,07
Cook Islands	0,12	0,12	0,01	1,00	0,83	0,07	0,07
Costa Rica	0,28	0,12	0,04	1,00	0,20	0,08	0,08
Cote d'Ivoire	0,26	0,08	0,02	1,00	0,33	0,05	0,05
Croatia	0,46	0,16	0,05	1,00	0,11	0,12	0,12
Cuba	0,50	0,16	0,04	1,00	0,38	0,11	0,11
Cyprus	0,40	0,15	0,04	1,00	0,31	0,08	0,08
Czech Republic	0,52	0,10	0,04	1,00	0,43	0,07	0,07
Denmark	0,55	0,15	0,04	1,00	0,22	0,10	0,10
Djibouti	0,11	0,11	0,05	1,00	0,73	0,07	0,07
Dominica	0,20	0,13	0,04	1,00	0,23	0,11	0,11
Dominican Republic	0,39	0,20	0,05	1,00	0,13	0,13	0,13
Ecuador	0,32	0,14	0,06	1,00	0,14	0,10	0,10
Egypt, Arab Rep.	0,60	0,24	0,05	1,00	0,10	0,15	0,15
El Salvador	0,32	0,10	0,04	1,00	0,49	0,07	0,07
Equatorial Guinea	0,18	0,18	0,07	1,00	0,19	0,12	0,12
Eritrea	0,27	0,06	0,02	1,00	0,95	0,03	0,03
Estonia	0,28	0,11	0,04	1,00	0,14	0,07	0,07
Ethiopia	0,37	0,22	0,06	1,00	0,12	0,14	0,14
Faeroe Islands	0,08	0,05	0,01	1,00	0,39	0,03	0,03
Falkland Islands (Malvinas)	0,06	0,06	0,04	1,00	0,45	0,05	0,05
Fiji	0,19	0,13	0,02	1,00	0,26	0,09	0,09
Finland	0,44	0,09	0,03	1,00	0,23	0,08	0,08
France	0,84	0,33	0,10	1,00	0,07	0,21	0,21
French Guiana	0,15	0,15	0,06	1,00	0,17	0,11	0,11
French Polynesia	0,13	0,13	0,03	1,00	0,20	0,07	0,07
Gabon	0,18	0,15	0,06	1,00	0,32	0,10	0,10
Gambia, The	0,18	0,12	0,05	1,00	0,32	0,08	0,08
Georgia	0,40	0,16	0,04	1,00	0,12	0,11	0,11
Germany	0,80	0,19	0,05	1,00	0,19	0,13	0,13
Ghana	0,37	0,12	0,04	1,00	0,17	0,10	0,10
Gibraltar	0,09	0,05	0,01	1,00	0,62	0,03	0,03
Greece	0,65	0,21	0,06	1,00	0,13	0,13	0,13
Greenland	0,06	0,06	0,02	1,00	0,64	0,05	0,05

Tabela A.2: Lista de indicadores relativos ao ano de 1960 (continuação)

Indicadores relativos ao ano de 1960							
País	I.1.	I.2.1.	I.2.2.	I.3.	I.4.	I.5.	I.6.
Grenada	0,20	0,13	0,04	1,00	0,33	0,09	0,09
Guadeloupe	0,30	0,09	0,02	1,00	0,51	0,06	0,06
Guam	0,12	0,04	0,00	1,00	0,88	0,02	0,02
Guatemala	0,25	0,10	0,04	1,00	0,19	0,08	0,08
Guinea	0,29	0,11	0,05	1,00	0,21	0,08	0,08
Guinea-Bissau	0,22	0,11	0,04	1,00	0,64	0,07	0,07
Guyana	0,34	0,16	0,05	1,00	0,21	0,11	0,11
Haiti	0,32	0,12	0,04	1,00	0,49	0,07	0,07
Honduras	0,30	0,12	0,04	1,00	0,23	0,07	0,07
Hong Kong SAR, China	0,40	0,13	0,04	1,00	0,18	0,07	0,07
Hungary	0,51	0,13	0,04	1,00	0,21	0,10	0,10
Iceland	0,17	0,08	0,03	1,00	0,19	0,07	0,07
India	0,82	0,13	0,02	1,00	0,50	0,07	0,07
Indonesia	0,52	0,13	0,02	1,00	0,44	0,09	0,09
Iran, Islamic Rep.	0,49	0,14	0,02	1,00	0,14	0,09	0,09
Iraq	0,44	0,14	0,02	1,00	0,28	0,09	0,09
Ireland	0,48	0,10	0,01	1,00	0,47	0,05	0,05
Israel	0,52	0,12	0,04	1,00	0,60	0,08	0,08
Italy	0,79	0,16	0,05	1,00	0,15	0,11	0,11
Jamaica	0,34	0,12	0,04	1,00	0,35	0,07	0,07
Japan	0,62	0,16	0,05	1,00	0,35	0,10	0,10
Jordan	0,41	0,13	0,02	1,00	0,44	0,08	0,08
Kazakhstan	0,44	0,08	0,01	1,00	0,69	0,06	0,06
Kenya	0,43	0,09	0,02	1,00	0,39	0,06	0,06
Kiribati	0,08	0,08	0,01	1,00	0,69	0,04	0,04
Korea, Dem. Rep.	0,28	0,07	0,02	1,00	0,45	0,04	0,04
Korea, Rep.	0,51	0,06	0,02	1,00	0,60	0,04	0,04
Kuwait	0,28	0,10	0,01	1,00	0,67	0,06	0,06
Kyrgyz Republic	0,26	0,16	0,03	1,00	0,22	0,09	0,09
Lao PDR	0,31	0,15	0,05	1,00	0,19	0,09	0,09
Latvia	0,32	0,10	0,04	1,00	0,28	0,07	0,07
Lebanon	0,66	0,32	0,08	1,00	0,09	0,20	0,20
Lesotho	0,16	0,04	0,01	1,00	0,96	0,02	0,02
Liberia	0,21	0,15	0,04	1,00	0,20	0,11	0,11
Libya	0,39	0,14	0,03	1,00	0,39	0,08	0,08
Liechtenstein	0,08	0,06	0,03	1,00	0,38	0,05	0,05
Lithuania	0,36	0,10	0,04	1,00	0,33	0,07	0,07
Luxembourg	0,23	0,11	0,03	1,00	0,14	0,07	0,07
Macao SAR, China	0,20	0,10	0,02	1,00	0,52	0,06	0,06
Macedonia, FYR	0,41	0,15	0,05	1,00	0,26	0,12	0,12

Tabela A.2: Lista de indicadores relativos ao ano de 1960 (continuação)

Indicadores relativos ao ano de 1960							
País	I.1.	I.2.1.	I.2.2.	I.3.	I.4.	I.5.	I.6.
Madagascar	0,29	0,19	0,07	1,00	0,13	0,12	0,12
Malawi	0,24	0,05	0,01	1,00	0,32	0,03	0,03
Malaysia	0,41	0,11	0,02	1,00	0,38	0,07	0,07
Maldives	0,03	0,03	0,01	1,00	0,34	0,03	0,03
Mali	0,30	0,11	0,05	1,00	0,51	0,08	0,08
Malta	0,29	0,06	0,02	1,00	0,36	0,04	0,04
Marshall Islands	0,04	0,04	0,01	1,00	0,37	0,04	0,04
Martinique	0,26	0,14	0,04	1,00	0,29	0,07	0,07
Mauritania	0,25	0,12	0,04	1,00	0,39	0,07	0,07
Mauritius	0,26	0,16	0,05	1,00	0,15	0,11	0,11
Mayotte	0,01	0,01	0,00	1,00	0,91	0,01	0,01
Mexico	0,46	0,09	0,02	1,00	0,91	0,04	0,04
Micronesia, Fed. Sts.	0,14	0,14	0,03	1,00	0,16	0,11	0,11
Moldova	0,32	0,08	0,02	1,00	0,27	0,05	0,05
Monaco	0,12	0,09	0,02	1,00	0,64	0,04	0,04
Mongolia	0,08	0,08	0,03	1,00	0,57	0,07	0,07
Montserrat	0,09	0,09	0,04	1,00	0,19	0,08	0,08
Morocco	0,52	0,12	0,04	1,00	0,24	0,09	0,09
Mozambique	0,35	0,08	0,01	1,00	0,23	0,05	0,05
Myanmar	0,32	0,08	0,02	1,00	0,32	0,07	0,07
Namibia	0,16	0,07	0,02	1,00	0,54	0,04	0,04
Nauru	0,08	0,08	0,02	1,00	0,33	0,07	0,07
Nepal	0,29	0,04	0,01	1,00	0,97	0,02	0,02
Netherlands	0,76	0,20	0,05	1,00	0,12	0,12	0,12
Netherlands Antilles	0,31	0,14	0,03	1,00	0,39	0,08	0,08
New Caledonia	0,14	0,12	0,04	1,00	0,21	0,08	0,08
New Zealand	0,54	0,15	0,04	1,00	0,35	0,10	0,10
Nicaragua	0,29	0,11	0,04	1,00	0,24	0,06	0,06
Niger	0,22	0,10	0,04	1,00	0,16	0,06	0,06
Nigeria	0,55	0,14	0,05	1,00	0,22	0,10	0,10
Niue	0,08	0,08	0,01	1,00	0,86	0,06	0,06
Norfolk Island	0,03	0,03	0,01	1,00	0,89	0,03	0,03
Northern Mariana Islands	0,09	0,09	0,03	1,00	0,51	0,08	0,08
Norway	0,48	0,11	0,04	1,00	0,38	0,08	0,08
Oman	0,23	0,09	0,01	1,00	0,40	0,06	0,06
Pakistan	0,63	0,04	0,01	1,00	0,96	0,02	0,02
Palau	0,14	0,08	0,01	1,00	0,65	0,05	0,05
Panama	0,28	0,14	0,04	1,00	0,31	0,09	0,09
Papua New Guinea	0,15	0,13	0,03	1,00	0,59	0,09	0,09
Paraguay	0,21	0,05	0,02	1,00	0,75	0,03	0,03

Tabela A.2: Lista de indicadores relativos ao ano de 1960 (continuação)

Indicadores relativos ao ano de 1960							
País	I.1.	I.2.1.	I.2.2.	I.3.	I.4.	I.5.	I.6.
Peru	0,39	0,16	0,06	1,00	0,14	0,11	0,11
Philippines	0,64	0,19	0,04	1,00	0,52	0,11	0,11
Poland	0,66	0,12	0,04	1,00	0,20	0,09	0,09
Portugal	0,64	0,16	0,05	1,00	0,30	0,10	0,10
Puerto Rico	0,28	0,03	0,01	1,00	0,96	0,02	0,02
Qatar	0,16	0,16	0,04	1,00	0,18	0,10	0,10
Reunion	0,19	0,19	0,06	1,00	0,33	0,12	0,12
Romania	0,51	0,16	0,04	1,00	0,15	0,10	0,10
Russian Federation	0,68	0,14	0,04	1,00	0,19	0,11	0,11
Rwanda	0,25	0,06	0,02	1,00	0,42	0,04	0,04
Saint Helena	0,09	0,09	0,04	1,00	0,45	0,06	0,06
Saint Pierre and Miquelon	0,03	0,03	0,01	1,00	0,60	0,03	0,03
Samoa	0,15	0,12	0,02	1,00	0,33	0,09	0,09
San Marino	0,05	0,05	0,03	1,00	0,54	0,04	0,04
Sao Tome and Principe	0,14	0,07	0,03	1,00	0,85	0,04	0,04
Saudi Arabia	0,39	0,18	0,04	1,00	0,38	0,11	0,11
Senegal	0,34	0,16	0,07	1,00	0,13	0,13	0,13
Serbia and Montenegro	0,54	0,16	0,04	1,00	0,17	0,11	0,11
Seychelles	0,14	0,14	0,05	1,00	0,09	0,12	0,12
Sierra Leone	0,24	0,14	0,06	1,00	0,17	0,10	0,10
Singapore	0,32	0,14	0,04	1,00	0,25	0,09	0,09
Slovak Republic	0,44	0,11	0,04	1,00	0,27	0,08	0,08
Slovenia	0,32	0,16	0,05	1,00	0,11	0,11	0,11
Solomon Islands	0,07	0,07	0,02	1,00	0,61	0,06	0,06
Somalia	0,33	0,11	0,03	1,00	0,72	0,06	0,06
South Africa	0,52	0,16	0,03	1,00	0,15	0,10	0,10
Spain	0,67	0,17	0,07	1,00	0,21	0,11	0,11
Sri Lanka	0,51	0,16	0,04	1,00	0,24	0,12	0,12
St. Kitts and Nevis	0,13	0,11	0,04	1,00	0,23	0,09	0,09
St. Lucia	0,19	0,15	0,05	1,00	0,23	0,10	0,10
St. Vincent and the Grenadines	0,18	0,10	0,03	1,00	0,32	0,08	0,08
Sudan	0,39	0,16	0,06	1,00	0,28	0,10	0,10
Suriname	0,28	0,13	0,06	1,00	0,47	0,09	0,09
Swaziland	0,12	0,06	0,01	1,00	0,90	0,03	0,03
Sweden	0,53	0,16	0,04	1,00	0,47	0,10	0,10
Switzerland	0,67	0,21	0,05	1,00	0,14	0,13	0,13
Syrian Arab Republic	0,57	0,22	0,06	1,00	0,10	0,14	0,14
Taiwan, China	0,40	0,26	0,06	1,00	0,20	0,17	0,17
Tajikistan	0,27	0,11	0,01	1,00	0,50	0,06	0,06
Tanzania	0,37	0,11	0,04	1,00	0,17	0,07	0,07

Tabela A.2: Lista de indicadores relativos ao ano de 1960 (continuação)

Indicadores relativos ao ano de 1960							
País	I.1.	I.2.1.	I.2.2.	I.3.	I.4.	I.5.	I.6.
Thailand	0,39	0,09	0,02	1,00	0,83	0,06	0,06
Timor-Leste	0,09	0,09	0,03	1,00	0,29	0,07	0,07
Togo	0,26	0,08	0,03	1,00	0,72	0,05	0,05
Tokelau	0,06	0,06	0,01	1,00	0,77	0,05	0,05
Tonga	0,17	0,17	0,04	1,00	0,24	0,12	0,12
Trinidad and Tobago	0,32	0,13	0,04	1,00	0,51	0,08	0,08
Tunisia	0,44	0,09	0,03	1,00	0,64	0,07	0,07
Turkey	0,57	0,16	0,06	1,00	0,11	0,11	0,11
Turkmenistan	0,25	0,05	0,00	1,00	0,91	0,03	0,03
Turks and Caicos Islands	0,10	0,08	0,03	1,00	0,32	0,07	0,07
Tuvalu	0,06	0,06	0,02	1,00	0,21	0,06	0,06
Uganda	0,31	0,10	0,04	1,00	0,23	0,08	0,08
Ukraine	0,61	0,11	0,04	1,00	0,36	0,08	0,08
United Arab Emirates	0,24	0,13	0,02	1,00	0,68	0,07	0,07
United Kingdom	0,91	0,27	0,07	1,00	0,18	0,14	0,14
United States	0,87	0,40	0,10	1,00	0,11	0,25	0,25
Uruguay	0,33	0,09	0,04	1,00	0,55	0,06	0,06
Uzbekistan	0,38	0,11	0,02	1,00	0,16	0,08	0,08
Vanuatu	0,12	0,12	0,04	1,00	0,30	0,10	0,10
Venezuela, RB	0,40	0,17	0,07	1,00	0,14	0,13	0,13
Vietnam	0,48	0,12	0,02	1,00	0,53	0,08	0,08
Virgin Islands (U.S.)	0,17	0,03	0,00	1,00	0,78	0,03	0,03
Virgin Islands, British	0,12	0,11	0,04	1,00	0,28	0,08	0,08
Wallis and Futuna	0,07	0,07	0,02	1,00	0,18	0,07	0,07
West Bank and Gaza	0,36	0,11	0,02	1,00	0,58	0,07	0,07
Yemen, Rep.	0,32	0,16	0,03	1,00	0,35	0,10	0,10
Zambia	0,30	0,09	0,02	1,00	0,25	0,06	0,06
Zimbabwe	0,30	0,08	0,02	1,00	0,39	0,05	0,05

Tabela A.3: Lista de indicadores relativos ao ano de 1970

Indicadores indicadores relativos ao ano de 1970							
País	I.1.	I.2.1.	I.2.2.	I.3.	I.4.	I.5.	I.6.
Afghanistan	0,36	0,13	0,03	1,56	0,38	0,07	0,12
Albania	0,47	0,18	0,05	0,78	0,11	0,12	0,09
Algeria	0,61	0,10	0,02	1,98	0,77	0,06	0,12
American Samoa	0,12	0,07	0,00	2,89	0,79	0,03	0,10
Andorra	0,07	0,07	0,03	0,43	0,32	0,06	0,03
Angola	0,40	0,14	0,04	1,36	0,20	0,09	0,12
Anguilla	0,10	0,10	0,03	0,72	0,19	0,08	0,06
Antigua and Barbuda	0,20	0,16	0,04	0,51	0,11	0,12	0,06
Argentina	0,60	0,19	0,06	1,34	0,13	0,12	0,16
Armenia	0,51	0,13	0,04	1,10	0,23	0,09	0,10
Aruba	0,17	0,17	0,05	0,64	0,13	0,13	0,08
Australia	0,70	0,24	0,04	1,33	0,16	0,13	0,17
Austria	0,62	0,16	0,05	0,95	0,22	0,11	0,10
Azerbaijan	0,47	0,10	0,02	1,40	0,22	0,08	0,11
Bahamas, The	0,16	0,16	0,06	0,19	0,15	0,12	0,02
Bahrain	0,21	0,16	0,03	1,78	0,18	0,10	0,18
Bangladesh	0,46	0,14	0,02	4,44	0,28	0,09	0,38
Barbados	0,33	0,18	0,05	0,88	0,40	0,12	0,11
Belarus	0,42	0,09	0,03	1,17	0,30	0,07	0,08
Belgium	0,65	0,17	0,04	0,49	0,22	0,10	0,05
Belize	0,24	0,10	0,03	5,18	0,39	0,06	0,31
Benin	0,28	0,11	0,04	1,50	0,23	0,08	0,11
Bermuda	0,09	0,09	0,04	0,12	0,14	0,08	0,01
Bhutan	0,08	0,08	0,03	4,36	0,45	0,06	0,27
Bolivia	0,32	0,10	0,03	1,15	0,55	0,06	0,07
Bosnia and Herzegovina	0,48	0,12	0,04	1,65	0,17	0,08	0,14
Botswana	0,16	0,06	0,02	0,79	0,86	0,04	0,03
Brazil	0,58	0,20	0,06	1,32	0,13	0,13	0,18
Brunei Darussalam	0,15	0,12	0,03	5,88	0,25	0,09	0,54
Bulgaria	0,54	0,15	0,03	0,94	0,47	0,09	0,08
Burkina Faso	0,34	0,07	0,02	1,73	0,63	0,05	0,08
Burundi	0,24	0,09	0,04	1,24	0,24	0,05	0,07
Cambodia	0,32	0,16	0,05	1,18	0,21	0,12	0,15
Cameroon	0,32	0,14	0,06	1,07	0,21	0,10	0,11
Canada	0,79	0,17	0,04	0,99	0,75	0,08	0,08
Cape Verde	0,33	0,13	0,05	0,96	0,14	0,11	0,10
Cayman Islands	0,08	0,08	0,04	0,21	0,12	0,08	0,02
Central African Republic	0,22	0,10	0,04	1,58	0,20	0,06	0,10

Tabela A.3: Lista de indicadores relativos ao ano de 1970 (continuação)

Indicadores indicadores relativos ao ano de 1970							
País	I.1.	I.2.1.	I.2.2.	I.3.	I.4.	I.5.	I.6.
Chad	0,31	0,11	0,05	1,30	0,29	0,07	0,10
Chile	0,51	0,14	0,05	1,31	0,52	0,09	0,12
China	0,80	0,19	0,04	0,59	0,20	0,11	0,07
Colombia	0,50	0,15	0,05	1,81	0,34	0,10	0,18
Comoros	0,24	0,12	0,03	0,78	0,47	0,06	0,05
Congo, Dem. Rep.	0,39	0,14	0,06	1,03	0,36	0,10	0,10
Congo, Rep.	0,36	0,16	0,06	1,10	0,19	0,11	0,12
Cook Islands	0,12	0,08	0,01	2,18	0,85	0,05	0,11
Costa Rica	0,29	0,13	0,03	1,52	0,27	0,09	0,13
Cote d'Ivoire	0,27	0,12	0,04	1,00	0,33	0,07	0,07
Croatia	0,50	0,12	0,04	1,86	0,20	0,10	0,19
Cuba	0,54	0,12	0,02	4,29	0,74	0,07	0,29
Cyprus	0,45	0,12	0,03	1,23	0,46	0,06	0,08
Czech Republic	0,59	0,13	0,03	0,99	0,46	0,08	0,08
Denmark	0,60	0,18	0,04	0,90	0,20	0,11	0,10
Djibouti	0,12	0,12	0,05	1,05	0,60	0,08	0,08
Dominica	0,21	0,16	0,05	0,66	0,12	0,13	0,09
Dominican Republic	0,41	0,17	0,05	2,11	0,41	0,11	0,22
Ecuador	0,39	0,15	0,05	1,58	0,34	0,09	0,14
Egypt, Arab Rep.	0,61	0,21	0,05	2,27	0,10	0,15	0,35
El Salvador	0,34	0,11	0,04	1,13	0,17	0,08	0,09
Equatorial Guinea	0,20	0,12	0,05	4,28	0,29	0,08	0,36
Eritrea	0,32	0,08	0,03	1,15	0,68	0,04	0,05
Estonia	0,34	0,10	0,03	1,77	0,29	0,07	0,13
Ethiopia	0,42	0,22	0,03	2,15	0,10	0,14	0,31
Faeroe Islands	0,10	0,05	0,01	0,76	0,42	0,04	0,03
Falkland Islands (Malvinas)	0,07	0,07	0,04	1,13	0,36	0,06	0,06
Fiji	0,22	0,12	0,02	1,53	0,29	0,09	0,13
Finland	0,51	0,10	0,03	1,36	0,43	0,07	0,09
France	0,86	0,36	0,10	0,98	0,06	0,24	0,23
French Guiana	0,17	0,17	0,07	0,91	0,29	0,12	0,11
French Polynesia	0,14	0,14	0,04	0,37	0,15	0,12	0,04
Gabon	0,20	0,16	0,07	1,46	0,21	0,12	0,18
Gambia, The	0,21	0,15	0,06	1,25	0,20	0,10	0,13
Georgia	0,48	0,13	0,03	6,29	0,31	0,08	0,51
Germany	0,84	0,21	0,05	0,99	0,16	0,14	0,14
Ghana	0,42	0,15	0,05	1,58	0,17	0,11	0,17
Gibraltar	0,12	0,04	0,01	0,93	0,85	0,03	0,03
Greece	0,72	0,16	0,07	1,23	0,15	0,12	0,14
Greenland	0,06	0,05	0,02	2,84	0,82	0,03	0,09

Tabela A.3: Lista de indicadores relativos ao ano de 1970 (continuação)

Indicadores indicadores relativos ao ano de 1970							
País	I.1.	I.2.1.	I.2.2.	I.3.	I.4.	I.5.	I.6.
Grenada	0,22	0,13	0,04	0,96	0,48	0,10	0,10
Guadeloupe	0,31	0,14	0,04	0,48	0,45	0,08	0,04
Guam	0,14	0,05	0,01	1,40	0,92	0,03	0,04
Guatemala	0,27	0,10	0,04	1,62	0,22	0,07	0,12
Guinea	0,32	0,12	0,05	1,26	0,20	0,09	0,11
Guinea-Bissau	0,24	0,13	0,04	1,15	0,31	0,08	0,09
Guyana	0,38	0,24	0,08	0,63	0,10	0,17	0,11
Haiti	0,36	0,12	0,04	1,48	0,41	0,07	0,11
Honduras	0,31	0,11	0,04	1,54	0,20	0,07	0,11
Hong Kong SAR, China	0,44	0,15	0,04	1,64	0,28	0,09	0,14
Hungary	0,56	0,15	0,05	0,88	0,20	0,11	0,10
Iceland	0,22	0,11	0,04	0,95	0,13	0,07	0,07
India	0,84	0,16	0,03	0,91	0,37	0,10	0,09
Indonesia	0,56	0,16	0,04	0,77	0,18	0,12	0,09
Iran, Islamic Rep.	0,54	0,16	0,03	1,36	0,12	0,11	0,16
Iraq	0,46	0,16	0,03	1,35	0,24	0,10	0,14
Ireland	0,56	0,08	0,02	2,08	0,48	0,05	0,10
Israel	0,58	0,14	0,04	1,31	0,52	0,09	0,12
Italy	0,82	0,16	0,05	1,18	0,13	0,09	0,11
Jamaica	0,39	0,13	0,04	1,30	0,39	0,08	0,10
Japan	0,71	0,20	0,06	1,24	0,29	0,11	0,13
Jordan	0,45	0,12	0,03	2,39	0,36	0,08	0,19
Kazakhstan	0,47	0,09	0,00	1,39	0,57	0,05	0,07
Kenya	0,48	0,11	0,03	1,28	0,25	0,07	0,10
Kiribati	0,10	0,10	0,02	1,24	0,54	0,06	0,07
Korea, Dem. Rep.	0,32	0,07	0,01	1,11	0,70	0,05	0,05
Korea, Rep.	0,58	0,08	0,02	0,95	0,63	0,05	0,05
Kuwait	0,33	0,08	0,01	1,42	0,49	0,06	0,09
Kyrgyz Republic	0,30	0,08	0,01	8,84	0,36	0,06	0,52
Lao PDR	0,35	0,16	0,05	1,23	0,27	0,12	0,14
Latvia	0,37	0,10	0,03	1,65	0,23	0,08	0,13
Lebanon	0,74	0,31	0,08	1,40	0,08	0,21	0,29
Lesotho	0,17	0,04	0,01	0,95	0,96	0,02	0,02
Liberia	0,26	0,15	0,04	1,34	0,12	0,11	0,15
Libya	0,42	0,13	0,03	1,34	0,27	0,09	0,12
Liechtenstein	0,07	0,06	0,03	1,13	0,38	0,05	0,05
Lithuania	0,44	0,11	0,04	1,18	0,21	0,09	0,10
Luxembourg	0,25	0,11	0,03	0,85	0,15	0,08	0,06
Macao SAR, China	0,21	0,02	0,00	93,85	0,79	0,02	1,55
Macedonia, FYR	0,45	0,15	0,04	1,30	0,16	0,11	0,14

Tabela A.3: Lista de indicadores relativos ao ano de 1970 (continuação)

Indicadores indicadores relativos ao ano de 1970							
País	I.1.	I.2.1.	I.2.2.	I.3.	I.4.	I.5.	I.6.
Madagascar	0,31	0,16	0,04	1,77	0,16	0,11	0,20
Malawi	0,26	0,07	0,01	1,05	0,38	0,04	0,04
Malaysia	0,48	0,11	0,03	1,41	0,38	0,08	0,12
Maldives	0,05	0,05	0,02	2,56	0,24	0,05	0,12
Mali	0,32	0,12	0,05	1,53	0,52	0,09	0,14
Malta	0,31	0,05	0,01	1,28	0,49	0,03	0,04
Marshall Islands	0,06	0,06	0,01	1,03	0,33	0,06	0,06
Martinique	0,28	0,17	0,04	0,76	0,37	0,09	0,07
Mauritania	0,27	0,14	0,06	1,00	0,29	0,10	0,10
Mauritius	0,28	0,15	0,04	1,52	0,15	0,11	0,16
Mayotte	0,01	0,01	0,00	1,00	0,83	0,01	0,01
Mexico	0,49	0,09	0,02	1,62	0,83	0,04	0,06
Micronesia, Fed. Sts.	0,14	0,13	0,03	2,51	0,22	0,09	0,23
Moldova	0,39	0,09	0,03	1,10	0,25	0,07	0,07
Monaco	0,12	0,10	0,02	0,54	0,64	0,06	0,03
Mongolia	0,09	0,09	0,03	4,78	0,90	0,04	0,21
Montserrat	0,12	0,12	0,04	0,63	0,15	0,09	0,06
Morocco	0,56	0,14	0,03	1,24	0,22	0,11	0,13
Mozambique	0,40	0,08	0,01	0,98	0,22	0,05	0,05
Myanmar	0,36	0,10	0,02	1,49	0,53	0,06	0,09
Namibia	0,19	0,08	0,02	1,77	0,85	0,05	0,08
Naura	0,08	0,08	0,03	2,19	0,27	0,08	0,17
Nepal	0,34	0,04	0,01	1,14	0,77	0,02	0,03
Netherlands	0,80	0,19	0,05	1,08	0,13	0,12	0,13
Netherlands Antilles	0,32	0,15	0,03	1,17	0,38	0,09	0,10
New Caledonia	0,14	0,14	0,04	0,64	0,34	0,10	0,06
New Zealand	0,55	0,17	0,03	1,27	0,37	0,10	0,13
Nicaragua	0,34	0,12	0,03	1,27	0,19	0,07	0,10
Niger	0,24	0,10	0,05	1,32	0,16	0,07	0,09
Nigeria	0,60	0,17	0,06	1,12	0,14	0,12	0,13
Niue	0,09	0,08	0,01	2,09	0,85	0,05	0,11
Norfolk Island	0,04	0,04	0,01	3,16	0,57	0,04	0,11
Northern Mariana Islands	0,10	0,10	0,02	1,27	0,29	0,09	0,11
Norway	0,52	0,14	0,05	0,83	0,32	0,09	0,07
Oman	0,24	0,11	0,01	1,49	0,30	0,07	0,10
Pakistan	0,67	0,08	0,01	0,96	0,91	0,04	0,03
Palau	0,13	0,12	0,01	0,61	0,24	0,07	0,04
Panama	0,32	0,15	0,03	1,61	0,35	0,09	0,15
Papua New Guinea	0,17	0,10	0,02	1,98	0,65	0,07	0,13
Paraguay	0,25	0,05	0,02	1,26	0,80	0,03	0,03

Tabela A.3: Lista de indicadores relativos ao ano de 1970 (continuação)

Indicadores indicadores relativos ao ano de 1970							
País	I.1.	I.2.1.	I.2.2.	I.3.	I.4.	I.5.	I.6.
Peru	0,48	0,18	0,06	1,23	0,21	0,12	0,15
Philippines	0,69	0,14	0,04	2,58	0,40	0,09	0,24
Poland	0,72	0,14	0,04	0,92	0,23	0,09	0,09
Portugal	0,67	0,16	0,05	1,37	0,19	0,10	0,14
Puerto Rico	0,29	0,03	0,01	1,45	0,94	0,02	0,03
Qatar	0,18	0,18	0,02	1,51	0,17	0,10	0,16
Reunion	0,21	0,15	0,04	3,58	0,32	0,09	0,33
Romania	0,55	0,16	0,04	1,19	0,18	0,10	0,12
Russian Federation	0,71	0,12	0,04	1,26	0,21	0,10	0,13
Rwanda	0,28	0,08	0,04	1,12	0,34	0,05	0,06
Saint Helena	0,10	0,10	0,04	0,85	0,33	0,08	0,07
Saint Pierre and Miquelon	0,03	0,03	0,01	0,45	0,20	0,03	0,01
Samoa	0,17	0,09	0,02	2,36	0,45	0,07	0,16
San Marino	0,05	0,05	0,03	0,26	0,25	0,05	0,01
Sao Tome and Principe	0,17	0,10	0,04	0,58	0,42	0,08	0,04
Saudi Arabia	0,45	0,17	0,03	1,49	0,27	0,11	0,17
Senegal	0,37	0,18	0,08	1,60	0,12	0,13	0,20
Serbia and Montenegro	0,60	0,14	0,04	1,66	0,17	0,10	0,16
Seychelles	0,14	0,14	0,03	1,52	0,13	0,11	0,16
Sierra Leone	0,26	0,16	0,07	1,06	0,19	0,12	0,13
Singapore	0,36	0,13	0,03	3,71	0,34	0,09	0,32
Slovak Republic	0,48	0,13	0,04	0,93	0,34	0,09	0,08
Slovenia	0,33	0,14	0,05	1,27	0,13	0,11	0,14
Solomon Islands	0,08	0,08	0,01	2,43	0,62	0,06	0,16
Somalia	0,40	0,12	0,04	1,11	0,54	0,08	0,09
South Africa	0,56	0,15	0,03	1,27	0,13	0,11	0,14
Spain	0,69	0,16	0,06	1,38	0,16	0,11	0,15
Sri Lanka	0,55	0,20	0,05	1,83	0,16	0,12	0,23
St. Kitts and Nevis	0,16	0,12	0,04	0,64	0,15	0,10	0,06
St. Lucia	0,22	0,16	0,04	1,02	0,12	0,11	0,12
St. Vincent and the Grenadines	0,19	0,13	0,04	0,99	0,34	0,10	0,09
Sudan	0,43	0,18	0,07	1,31	0,20	0,12	0,15
Suriname	0,32	0,14	0,04	1,27	0,43	0,09	0,12
Swaziland	0,15	0,07	0,02	0,94	0,94	0,03	0,03
Sweden	0,60	0,18	0,05	0,79	0,35	0,12	0,09
Switzerland	0,69	0,20	0,07	1,30	0,15	0,13	0,17
Syrian Arab Republic	0,60	0,25	0,07	1,34	0,08	0,14	0,19
Taiwan, China	0,45	0,22	0,05	1,76	0,26	0,15	0,26
Tajikistan	0,31	0,10	0,01	1,69	0,40	0,06	0,10
Tanzania	0,42	0,12	0,04	1,16	0,15	0,08	0,10

Tabela A.3: Lista de indicadores relativos ao ano de 1970 (continuação)

Indicadores indicadores relativos ao ano de 1970							
País	I.1.	I.2.1.	I.2.2.	I.3.	I.4.	I.5.	I.6.
Thailand	0,45	0,12	0,04	0,94	0,67	0,08	0,08
Timor-Leste	0,12	0,12	0,03	1,23	0,50	0,09	0,11
Togo	0,30	0,11	0,05	0,89	0,53	0,07	0,06
Tokelau	0,06	0,06	0,01	2,67	0,89	0,04	0,12
Tonga	0,18	0,13	0,03	1,40	0,23	0,10	0,14
Trinidad and Tobago	0,34	0,18	0,05	0,86	0,30	0,11	0,10
Tunisia	0,44	0,09	0,03	1,50	0,69	0,07	0,11
Turkey	0,62	0,13	0,04	2,51	0,39	0,10	0,25
Turkmenistan	0,28	0,07	0,00	0,53	0,46	0,05	0,02
Turks and Caicos Islands	0,12	0,10	0,03	1,12	0,36	0,07	0,08
Tuvalu	0,08	0,08	0,02	2,18	0,27	0,08	0,16
Uganda	0,35	0,13	0,04	1,38	0,19	0,09	0,12
Ukraine	0,67	0,11	0,04	1,02	0,34	0,09	0,09
United Arab Emirates	0,28	0,12	0,02	1,86	0,33	0,08	0,14
United Kingdom	0,92	0,26	0,07	1,11	0,18	0,14	0,16
United States	0,89	0,40	0,11	1,35	0,10	0,24	0,33
Uruguay	0,36	0,10	0,05	1,41	0,59	0,07	0,10
Uzbekistan	0,42	0,09	0,01	2,99	0,25	0,07	0,20
Vanuatu	0,13	0,13	0,03	1,91	0,46	0,07	0,13
Venezuela, RB	0,43	0,18	0,05	1,74	0,16	0,12	0,21
Vietnam	0,49	0,14	0,04	0,93	0,45	0,10	0,09
Virgin Islands (U.S.)	0,18	0,07	0,02	0,37	0,80	0,05	0,02
Virgin Islands, British	0,13	0,12	0,04	0,42	0,21	0,10	0,04
Wallis and Futuna	0,08	0,08	0,02	1,20	0,11	0,08	0,10
West Bank and Gaza	0,41	0,15	0,03	0,48	0,24	0,10	0,05
Yemen, Rep.	0,37	0,12	0,01	3,40	0,34	0,08	0,27
Zambia	0,37	0,10	0,02	1,22	0,24	0,07	0,09
Zimbabwe	0,36	0,10	0,02	1,12	0,28	0,07	0,07

Tabela A.4: Lista de indicadores relativos ao ano de 1980

Indicadores relativos ao ano de 1980							
País	I.1.	I.2.1.	I.2.2.	I.3.	I.4.	I.5.	I.6.
Afghanistan	0,43	0,11	0,02	4,45	0,58	0,08	0,34
Albania	0,49	0,20	0,06	0,65	0,11	0,14	0,09
Algeria	0,61	0,13	0,02	1,88	0,78	0,07	0,13
American Samoa	0,15	0,06	0,00	2,83	0,60	0,03	0,09
Andorra	0,08	0,07	0,02	2,14	0,44	0,05	0,11
Angola	0,42	0,13	0,02	2,11	0,30	0,09	0,18
Anguilla	0,11	0,11	0,03	0,98	0,22	0,08	0,07
Antigua and Barbuda	0,20	0,14	0,03	1,25	0,24	0,12	0,14
Argentina	0,60	0,19	0,06	2,02	0,11	0,13	0,26
Armenia	0,52	0,14	0,03	1,10	0,23	0,09	0,10
Aruba	0,19	0,15	0,04	2,64	0,60	0,08	0,22
Australia	0,73	0,28	0,04	1,35	0,17	0,15	0,20
Austria	0,62	0,17	0,05	0,94	0,16	0,12	0,12
Azerbaijan	0,49	0,09	0,01	1,83	0,21	0,07	0,13
Bahamas, The	0,19	0,07	0,01	2,46	0,84	0,04	0,09
Bahrain	0,25	0,15	0,02	3,78	0,13	0,10	0,38
Bangladesh	0,51	0,07	0,01	94,99	0,85	0,04	4,16
Barbados	0,33	0,15	0,02	2,41	0,36	0,09	0,21
Belarus	0,45	0,09	0,02	1,19	0,33	0,07	0,08
Belgium	0,65	0,22	0,07	0,42	0,15	0,13	0,06
Belize	0,23	0,12	0,04	3,67	0,57	0,08	0,29
Benin	0,31	0,10	0,04	3,98	0,45	0,06	0,26
Bermuda	0,10	0,03	0,01	3,75	0,95	0,02	0,07
Bhutan	0,11	0,05	0,02	38,84	0,53	0,03	1,32
Bolivia	0,37	0,10	0,03	1,38	0,53	0,06	0,09
Bosnia and Herzegovina	0,49	0,13	0,04	1,42	0,21	0,09	0,13
Botswana	0,17	0,07	0,01	1,19	0,36	0,05	0,06
Brazil	0,61	0,20	0,06	2,11	0,14	0,14	0,29
Brunei Darussalam	0,16	0,12	0,02	8,81	0,14	0,08	0,74
Bulgaria	0,52	0,18	0,04	0,81	0,54	0,11	0,09
Burkina Faso	0,38	0,07	0,03	1,97	0,78	0,05	0,10
Burundi	0,26	0,09	0,02	1,55	0,32	0,06	0,09
Cambodia	0,36	0,11	0,03	5,34	0,27	0,09	0,47
Cameroon	0,36	0,13	0,06	2,30	0,19	0,09	0,21
Canada	0,84	0,19	0,04	1,07	0,69	0,09	0,10
Cape Verde	0,40	0,15	0,04	1,57	0,16	0,11	0,17
Cayman Islands	0,10	0,10	0,04	1,04	0,76	0,07	0,07
Central African Republic	0,26	0,12	0,05	1,59	0,16	0,08	0,13

Tabela A.4: Lista de indicadores relativos ao ano de 1980 (continuação)

Indicadores relativos ao ano de 1980							
País	I.1.	I.2.1.	I.2.2.	I.3.	I.4.	I.5.	I.6.
Chad	0,36	0,14	0,05	1,77	0,18	0,09	0,16
Chile	0,53	0,15	0,06	2,31	0,31	0,12	0,27
China	0,83	0,16	0,03	0,87	0,25	0,10	0,09
Colombia	0,52	0,12	0,04	3,87	0,46	0,08	0,30
Comoros	0,30	0,15	0,04	0,40	0,21	0,09	0,04
Congo, Dem. Rep.	0,40	0,15	0,06	1,15	0,17	0,12	0,13
Congo, Rep.	0,38	0,21	0,07	0,77	0,15	0,13	0,10
Cook Islands	0,13	0,07	0,01	4,23	0,89	0,04	0,18
Costa Rica	0,32	0,12	0,03	1,88	0,45	0,09	0,16
Cote d'Ivoire	0,33	0,11	0,04	1,39	0,32	0,07	0,10
Croatia	0,53	0,13	0,04	1,92	0,30	0,09	0,18
Cuba	0,57	0,09	0,01	5,60	0,74	0,06	0,35
Cyprus	0,46	0,12	0,01	1,63	0,35	0,07	0,11
Czech Republic	0,61	0,13	0,04	0,88	0,54	0,08	0,07
Denmark	0,63	0,18	0,04	1,13	0,15	0,11	0,13
Djibouti	0,14	0,08	0,04	3,21	0,45	0,07	0,21
Dominica	0,21	0,15	0,04	1,09	0,15	0,13	0,14
Dominican Republic	0,43	0,11	0,02	4,50	0,55	0,07	0,33
Ecuador	0,42	0,15	0,04	2,84	0,47	0,08	0,23
Egypt, Arab Rep.	0,66	0,20	0,04	5,92	0,17	0,13	0,74
El Salvador	0,37	0,08	0,03	2,47	0,46	0,07	0,17
Equatorial Guinea	0,24	0,12	0,05	7,36	0,34	0,08	0,58
Eritrea	0,33	0,09	0,03	1,23	0,64	0,06	0,07
Estonia	0,36	0,11	0,02	1,55	0,30	0,07	0,11
Ethiopia	0,42	0,18	0,03	4,56	0,11	0,13	0,58
Faeroe Islands	0,11	0,08	0,01	0,71	0,65	0,04	0,03
Falkland Islands (Malvinas)	0,08	0,08	0,04	1,32	0,55	0,06	0,08
Fiji	0,23	0,09	0,01	3,32	0,29	0,06	0,21
Finland	0,51	0,11	0,04	1,23	0,54	0,07	0,09
France	0,88	0,37	0,10	1,19	0,05	0,24	0,29
French Guiana	0,17	0,12	0,04	2,11	0,30	0,09	0,19
French Polynesia	0,12	0,07	0,02	4,95	0,40	0,04	0,22
Gabon	0,24	0,16	0,07	3,28	0,32	0,11	0,36
Gambia, The	0,24	0,14	0,04	1,67	0,22	0,09	0,16
Georgia	0,51	0,12	0,02	8,32	0,30	0,08	0,64
Germany	0,85	0,23	0,05	1,01	0,21	0,14	0,14
Ghana	0,46	0,12	0,04	4,56	0,30	0,08	0,37
Gibraltar	0,11	0,05	0,00	1,07	0,68	0,04	0,04
Greece	0,72	0,19	0,07	1,23	0,14	0,13	0,16
Greenland	0,09	0,09	0,03	1,16	0,48	0,06	0,06

Tabela A.4: Lista de indicadores relativos ao ano de 1980 (continuação)

Indicadores relativos ao ano de 1980							
País	I.1.	I.2.1.	I.2.2.	I.3.	I.4.	I.5.	I.6.
Grenada	0,24	0,13	0,04	1,81	0,41	0,10	0,18
Guadeloupe	0,33	0,07	0,02	2,09	0,66	0,04	0,09
Guam	0,15	0,05	0,00	1,87	0,93	0,03	0,05
Guatemala	0,30	0,09	0,03	2,94	0,56	0,07	0,19
Guinea	0,38	0,12	0,05	1,69	0,18	0,09	0,15
Guinea-Bissau	0,28	0,13	0,04	1,11	0,28	0,09	0,10
Guyana	0,39	0,16	0,04	3,31	0,32	0,10	0,33
Haiti	0,38	0,12	0,03	2,13	0,38	0,07	0,15
Honduras	0,32	0,09	0,04	1,71	0,32	0,08	0,13
Hong Kong SAR, China	0,50	0,08	0,03	4,87	0,25	0,06	0,31
Hungary	0,56	0,16	0,05	0,76	0,17	0,12	0,09
Iceland	0,25	0,13	0,03	1,18	0,21	0,08	0,09
India	0,85	0,16	0,04	0,83	0,29	0,11	0,09
Indonesia	0,62	0,16	0,04	1,57	0,16	0,12	0,19
Iran, Islamic Rep.	0,57	0,15	0,03	3,09	0,12	0,12	0,36
Iraq	0,51	0,16	0,04	2,22	0,12	0,11	0,25
Ireland	0,58	0,09	0,02	1,69	0,52	0,06	0,11
Israel	0,64	0,15	0,04	1,75	0,43	0,10	0,17
Italy	0,82	0,14	0,04	1,00	0,12	0,09	0,09
Jamaica	0,39	0,10	0,04	2,04	0,43	0,06	0,12
Japan	0,72	0,20	0,06	1,76	0,37	0,13	0,22
Jordan	0,51	0,12	0,02	4,30	0,31	0,08	0,33
Kazakhstan	0,51	0,06	0,00	1,55	0,54	0,05	0,07
Kenya	0,51	0,12	0,03	1,05	0,21	0,08	0,09
Kiribati	0,09	0,06	0,01	1,65	0,35	0,04	0,07
Korea, Dem. Rep.	0,36	0,03	0,01	3,45	0,80	0,03	0,10
Korea, Rep.	0,62	0,09	0,03	1,30	0,46	0,06	0,08
Kuwait	0,35	0,09	0,02	2,42	0,29	0,08	0,18
Kyrgyz Republic	0,32	0,08	0,01	13,03	0,35	0,05	0,64
Lao PDR	0,39	0,12	0,03	5,88	0,28	0,08	0,47
Latvia	0,36	0,10	0,02	1,59	0,28	0,07	0,11
Lebanon	0,74	0,25	0,06	3,13	0,07	0,18	0,57
Lesotho	0,18	0,05	0,00	1,08	0,69	0,03	0,03
Liberia	0,28	0,12	0,03	5,84	0,19	0,09	0,52
Libya	0,46	0,21	0,04	1,26	0,21	0,12	0,15
Liechtenstein	0,10	0,06	0,02	1,71	0,35	0,05	0,08
Lithuania	0,44	0,10	0,04	0,99	0,19	0,09	0,09
Luxembourg	0,29	0,12	0,03	1,06	0,16	0,08	0,09
Macao SAR, China	0,21	0,12	0,02	0,82	0,33	0,09	0,07
Macedonia, FYR	0,48	0,12	0,04	4,20	0,47	0,07	0,29

Tabela A.4: Lista de indicadores relativos ao ano de 1980 (continuação)

Indicadores relativos ao ano de 1980							
País	I.1.	I.2.1.	I.2.2.	I.3.	I.4.	I.5.	I.6.
Madagascar	0,36	0,13	0,03	8,02	0,50	0,08	0,65
Malawi	0,30	0,08	0,00	0,89	0,42	0,05	0,05
Malaysia	0,53	0,12	0,03	1,84	0,30	0,08	0,15
Maldives	0,07	0,07	0,03	16,30	0,43	0,05	0,82
Mali	0,36	0,12	0,05	2,51	0,36	0,08	0,21
Malta	0,36	0,05	0,01	1,29	0,40	0,04	0,05
Marshall Islands	0,08	0,08	0,00	6,07	0,67	0,04	0,25
Martinique	0,32	0,07	0,02	4,06	0,69	0,04	0,17
Mauritania	0,36	0,13	0,06	1,56	0,20	0,09	0,14
Mauritius	0,33	0,12	0,03	5,63	0,20	0,09	0,50
Mayotte	0,02	0,02	0,01	1,26	0,86	0,02	0,02
Mexico	0,55	0,05	0,02	4,04	0,87	0,03	0,11
Micronesia, Fed. Sts.	0,16	0,12	0,02	11,60	0,46	0,07	0,78
Moldova	0,37	0,08	0,01	1,07	0,27	0,06	0,06
Monaco	0,15	0,07	0,01	2,77	0,78	0,04	0,11
Mongolia	0,13	0,13	0,03	5,05	0,70	0,06	0,32
Montserrat	0,12	0,12	0,04	1,27	0,21	0,09	0,12
Morocco	0,56	0,16	0,03	1,85	0,24	0,11	0,20
Mozambique	0,40	0,11	0,00	0,74	0,18	0,07	0,05
Myanmar	0,39	0,11	0,02	1,89	0,40	0,07	0,13
Namibia	0,21	0,07	0,02	3,16	0,66	0,05	0,15
Nauru	0,09	0,09	0,03	3,23	0,30	0,07	0,22
Nepal	0,38	0,07	0,01	1,22	0,78	0,04	0,05
Netherlands	0,82	0,20	0,05	1,13	0,11	0,14	0,15
Netherlands Antilles	0,34	0,16	0,02	1,63	0,35	0,08	0,13
New Caledonia	0,16	0,09	0,02	3,47	0,57	0,06	0,22
New Zealand	0,60	0,15	0,02	2,81	0,56	0,07	0,21
Nicaragua	0,37	0,11	0,04	2,29	0,32	0,07	0,16
Niger	0,27	0,11	0,04	2,47	0,30	0,07	0,16
Nigeria	0,63	0,23	0,08	1,10	0,11	0,15	0,17
Niue	0,09	0,08	0,01	3,77	0,89	0,04	0,17
Norfolk Island	0,04	0,04	0,01	1,81	0,64	0,03	0,06
Northern Mariana Islands	0,11	0,09	0,00	10,16	0,45	0,05	0,46
Norway	0,55	0,16	0,05	0,63	0,26	0,10	0,07
Oman	0,27	0,09	0,01	2,13	0,28	0,07	0,15
Pakistan	0,72	0,16	0,03	0,45	0,60	0,08	0,04
Palau	0,14	0,10	0,01	1,13	0,18	0,07	0,08
Panama	0,35	0,09	0,03	4,15	0,73	0,07	0,28
Papua New Guinea	0,16	0,07	0,01	5,00	0,74	0,04	0,23
Paraguay	0,30	0,04	0,02	1,60	0,83	0,03	0,05

Tabela A.4: Lista de indicadores relativos ao ano de 1980 (continuação)

Indicadores relativos ao ano de 1980							
País	I.1.	I.2.1.	I.2.2.	I.3.	I.4.	I.5.	I.6.
Peru	0,48	0,17	0,06	2,39	0,28	0,11	0,26
Philippines	0,71	0,16	0,03	6,30	0,39	0,09	0,60
Poland	0,76	0,15	0,04	0,84	0,26	0,10	0,08
Portugal	0,69	0,16	0,04	2,00	0,19	0,10	0,20
Puerto Rico	0,33	0,03	0,01	1,73	0,91	0,02	0,04
Qatar	0,20	0,16	0,02	2,92	0,18	0,10	0,30
Reunion	0,24	0,07	0,01	38,50	0,93	0,03	1,27
Romania	0,59	0,18	0,04	1,08	0,19	0,11	0,12
Russian Federation	0,72	0,12	0,04	1,39	0,22	0,10	0,13
Rwanda	0,32	0,09	0,03	0,92	0,30	0,06	0,05
Saint Helena	0,13	0,13	0,03	1,11	0,19	0,09	0,10
Saint Pierre and Miquelon	0,02	0,02	0,01	17,75	0,94	0,02	0,32
Samoa	0,17	0,07	0,01	6,17	0,35	0,04	0,26
San Marino	0,05	0,05	0,02	2,22	0,80	0,04	0,08
Sao Tome and Principe	0,24	0,12	0,04	0,65	0,20	0,08	0,05
Saudi Arabia	0,47	0,16	0,03	2,49	0,18	0,12	0,30
Senegal	0,42	0,18	0,07	2,68	0,13	0,12	0,32
Serbia and Montenegro	0,62	0,16	0,03	1,83	0,22	0,10	0,18
Seychelles	0,17	0,11	0,02	5,54	0,27	0,08	0,44
Sierra Leone	0,31	0,15	0,06	2,29	0,18	0,10	0,22
Singapore	0,44	0,13	0,03	5,35	0,19	0,09	0,50
Slovak Republic	0,51	0,13	0,04	0,73	0,48	0,09	0,07
Slovenia	0,34	0,15	0,04	1,21	0,18	0,11	0,13
Solomon Islands	0,05	0,05	0,01	1,58	0,38	0,05	0,08
Somalia	0,41	0,13	0,03	1,35	0,42	0,09	0,13
South Africa	0,61	0,18	0,04	1,39	0,13	0,12	0,17
Spain	0,72	0,19	0,06	1,08	0,13	0,12	0,13
Sri Lanka	0,57	0,17	0,04	5,70	0,38	0,10	0,56
St. Kitts and Nevis	0,16	0,12	0,04	1,09	0,27	0,10	0,11
St. Lucia	0,23	0,13	0,04	1,61	0,14	0,11	0,18
St. Vincent and the Grenadines	0,20	0,12	0,03	1,56	0,31	0,10	0,15
Sudan	0,44	0,19	0,05	1,98	0,19	0,12	0,24
Suriname	0,35	0,13	0,03	3,07	0,56	0,07	0,21
Swaziland	0,16	0,08	0,01	1,10	0,62	0,05	0,05
Sweden	0,64	0,22	0,05	0,67	0,18	0,14	0,09
Switzerland	0,72	0,20	0,07	1,23	0,13	0,15	0,18
Syrian Arab Republic	0,63	0,23	0,06	2,28	0,10	0,15	0,34
Taiwan, China	0,47	0,13	0,03	10,39	0,55	0,08	0,84
Tajikistan	0,33	0,07	0,00	3,93	0,33	0,05	0,18
Tanzania	0,44	0,14	0,04	1,12	0,13	0,09	0,11

Tabela A.4: Lista de indicadores relativos ao ano de 1980 (continuação)

Indicadores relativos ao ano de 1980							
País	I.1.	I.2.1.	I.2.2.	I.3.	I.4.	I.5.	I.6.
Thailand	0,50	0,17	0,05	0,75	0,28	0,11	0,09
Timor-Leste	0,14	0,11	0,03	4,02	0,35	0,07	0,30
Togo	0,33	0,11	0,05	0,99	0,41	0,07	0,07
Tokelau	0,06	0,06	0,01	3,97	0,82	0,03	0,14
Tonga	0,17	0,09	0,01	7,78	0,32	0,05	0,39
Trinidad and Tobago	0,36	0,16	0,03	1,80	0,48	0,08	0,15
Tunisia	0,47	0,10	0,03	2,19	0,50	0,08	0,17
Turkey	0,68	0,11	0,03	8,34	0,49	0,08	0,67
Turkmenistan	0,30	0,07	0,01	0,65	0,43	0,04	0,03
Turks and Caicos Islands	0,13	0,12	0,04	0,87	0,42	0,08	0,07
Tuvalu	0,07	0,07	0,02	17,10	0,44	0,04	0,76
Uganda	0,36	0,13	0,04	2,05	0,18	0,09	0,18
Ukraine	0,72	0,11	0,04	1,02	0,38	0,09	0,09
United Arab Emirates	0,32	0,13	0,02	2,45	0,26	0,09	0,23
United Kingdom	0,93	0,27	0,05	1,18	0,16	0,14	0,17
United States	0,90	0,41	0,10	1,67	0,08	0,25	0,41
Uruguay	0,41	0,11	0,04	2,31	0,43	0,07	0,17
Uzbekistan	0,48	0,09	0,00	3,77	0,24	0,06	0,22
Vanuatu	0,13	0,11	0,03	3,52	0,50	0,05	0,18
Venezuela, RB	0,45	0,18	0,05	2,80	0,17	0,11	0,32
Vietnam	0,54	0,16	0,04	2,04	0,27	0,12	0,24
Virgin Islands (U.S.)	0,17	0,08	0,02	0,35	0,76	0,05	0,02
Virgin Islands, British	0,15	0,12	0,04	0,91	0,41	0,09	0,08
Wallis and Futuna	0,08	0,06	0,01	41,11	0,94	0,03	1,22
West Bank and Gaza	0,43	0,11	0,02	3,27	0,28	0,07	0,23
Yemen, Rep.	0,40	0,14	0,01	3,32	0,25	0,09	0,31
Zambia	0,38	0,11	0,01	1,29	0,20	0,07	0,09
Zimbabwe	0,38	0,09	0,01	1,38	0,24	0,07	0,09

Tabela A.5: Lista de indicadores relativos ao ano de 1990

Indicadores relativos ao ano de 1990							
País	I.1.	I.2.1.	I.2.2.	I.3.	I.4.	I.5.	I.6.
Afghanistan	0,47	0,09	0,02	12,54	0,43	0,07	0,92
Albania	0,52	0,12	0,03	2,73	0,29	0,08	0,22
Algeria	0,70	0,15	0,02	1,83	0,77	0,09	0,17
American Samoa	0,17	0,13	0,02	0,77	0,40	0,07	0,05
Andorra	0,09	0,09	0,04	0,31	0,19	0,08	0,03
Angola	0,47	0,17	0,04	2,73	0,32	0,10	0,28
Anguilla	0,12	0,11	0,03	0,90	0,35	0,08	0,07
Antigua and Barbuda	0,21	0,14	0,03	2,38	0,33	0,09	0,21
Argentina	0,65	0,18	0,06	2,80	0,11	0,13	0,38
Armenia	0,62	0,16	0,04	1,21	0,21	0,10	0,13
Aruba	0,19	0,14	0,04	5,67	0,38	0,07	0,40
Australia	0,80	0,32	0,05	1,84	0,13	0,19	0,34
Austria	0,68	0,20	0,06	0,76	0,15	0,14	0,11
Azerbaijan	0,56	0,13	0,02	2,52	0,26	0,09	0,22
Bahamas, The	0,22	0,08	0,03	3,90	0,77	0,05	0,19
Bahrain	0,27	0,14	0,04	4,92	0,14	0,12	0,57
Bangladesh	0,60	0,09	0,01	95,38	0,71	0,06	5,76
Barbados	0,35	0,14	0,03	3,26	0,33	0,08	0,26
Belarus	0,48	0,10	0,02	1,30	0,35	0,08	0,10
Belgium	0,71	0,24	0,06	0,42	0,14	0,13	0,06
Belize	0,28	0,09	0,04	7,10	0,70	0,07	0,47
Benin	0,35	0,11	0,04	2,74	0,22	0,07	0,20
Bermuda	0,12	0,06	0,01	4,58	0,74	0,03	0,15
Bhutan	0,14	0,07	0,02	53,53	0,58	0,04	2,00
Bolivia	0,43	0,12	0,04	1,88	0,47	0,08	0,15
Bosnia and Herzegovina	0,54	0,10	0,04	3,89	0,19	0,09	0,36
Botswana	0,21	0,08	0,01	1,10	0,66	0,05	0,06
Brazil	0,64	0,20	0,07	3,28	0,12	0,15	0,49
Brunei Darussalam	0,23	0,08	0,01	94,99	0,67	0,06	5,58
Bulgaria	0,58	0,17	0,04	1,31	0,50	0,12	0,15
Burkina Faso	0,42	0,06	0,02	2,13	0,78	0,05	0,11
Burundi	0,34	0,11	0,04	1,16	0,21	0,07	0,08
Cambodia	0,41	0,09	0,03	13,99	0,33	0,08	1,06
Cameroon	0,42	0,18	0,07	1,91	0,16	0,12	0,22
Canada	0,86	0,24	0,04	1,01	0,64	0,11	0,11
Cape Verde	0,41	0,17	0,04	2,08	0,19	0,11	0,23
Cayman Islands	0,12	0,12	0,04	1,77	0,79	0,06	0,10
Central African Republic	0,30	0,12	0,07	1,45	0,19	0,09	0,12

Tabela A.5: Lista de indicadores relativos ao ano de 1990 (continuação)

Indicadores relativos ao ano de 1990							
País	I.1.	I.2.1.	I.2.2.	I.3.	I.4.	I.5.	I.6.
Chad	0,39	0,13	0,07	2,37	0,27	0,09	0,22
Chile	0,60	0,16	0,06	2,80	0,25	0,12	0,34
China	0,88	0,16	0,03	0,93	0,24	0,11	0,10
Colombia	0,60	0,15	0,05	5,54	0,39	0,09	0,52
Comoros	0,32	0,16	0,04	0,79	0,21	0,08	0,07
Congo, Dem. Rep.	0,49	0,17	0,06	1,37	0,11	0,13	0,17
Congo, Rep.	0,43	0,25	0,08	0,95	0,18	0,15	0,14
Cook Islands	0,16	0,08	0,02	5,59	0,70	0,05	0,26
Costa Rica	0,38	0,13	0,04	2,68	0,49	0,10	0,28
Cote d'Ivoire	0,39	0,09	0,03	2,35	0,45	0,06	0,15
Croatia	0,57	0,13	0,04	2,82	0,16	0,10	0,27
Cuba	0,63	0,11	0,02	6,37	0,79	0,06	0,39
Cyprus	0,50	0,11	0,01	2,19	0,35	0,07	0,15
Czech Republic	0,65	0,16	0,04	0,51	0,40	0,10	0,05
Denmark	0,69	0,20	0,04	1,00	0,12	0,13	0,13
Djibouti	0,17	0,17	0,05	1,34	0,46	0,10	0,13
Dominica	0,27	0,14	0,04	3,14	0,25	0,09	0,29
Dominican Republic	0,47	0,12	0,01	8,66	0,59	0,07	0,64
Ecuador	0,46	0,13	0,05	4,39	0,46	0,10	0,43
Egypt, Arab Rep.	0,72	0,17	0,03	10,97	0,26	0,12	1,27
El Salvador	0,42	0,07	0,01	8,81	0,78	0,05	0,45
Equatorial Guinea	0,26	0,14	0,06	10,49	0,53	0,09	0,93
Eritrea	0,41	0,11	0,04	1,37	0,57	0,06	0,09
Estonia	0,41	0,15	0,04	1,95	0,18	0,11	0,21
Ethiopia	0,52	0,18	0,03	10,85	0,13	0,11	1,16
Faeroe Islands	0,11	0,07	0,01	0,76	0,72	0,04	0,03
Falkland Islands (Malvinas)	0,09	0,09	0,04	0,78	0,23	0,09	0,07
Fiji	0,29	0,09	0,01	8,87	0,26	0,05	0,46
Finland	0,56	0,13	0,03	1,15	0,49	0,09	0,10
France	0,89	0,39	0,11	1,17	0,05	0,26	0,30
French Guiana	0,23	0,20	0,04	2,36	0,23	0,13	0,30
French Polynesia	0,19	0,13	0,04	2,37	0,40	0,08	0,19
Gabon	0,29	0,19	0,06	3,95	0,34	0,12	0,48
Gambia, The	0,27	0,14	0,05	1,97	0,17	0,10	0,21
Georgia	0,59	0,14	0,03	12,60	0,27	0,10	1,21
Germany	0,89	0,23	0,06	1,16	0,17	0,16	0,19
Ghana	0,54	0,16	0,04	4,62	0,13	0,10	0,47
Gibraltar	0,12	0,07	0,01	0,99	0,77	0,04	0,04
Greece	0,78	0,20	0,06	1,10	0,13	0,14	0,15
Greenland	0,11	0,05	0,02	7,82	0,84	0,04	0,30

Tabela A.5: Lista de indicadores relativos ao ano de 1990 (continuação)

Indicadores relativos ao ano de 1990							
País	I.1.	I.2.1.	I.2.2.	I.3.	I.4.	I.5.	I.6.
Grenada	0,26	0,13	0,04	2,29	0,31	0,09	0,20
Guadeloupe	0,34	0,17	0,04	0,48	0,35	0,11	0,05
Guam	0,20	0,08	0,01	0,62	0,60	0,06	0,03
Guatemala	0,36	0,08	0,02	9,23	0,65	0,05	0,45
Guinea	0,44	0,12	0,04	2,10	0,17	0,09	0,19
Guinea-Bissau	0,32	0,12	0,04	1,61	0,41	0,08	0,14
Guyana	0,45	0,14	0,04	7,34	0,35	0,09	0,67
Haiti	0,44	0,12	0,03	3,64	0,35	0,07	0,24
Honduras	0,40	0,11	0,04	3,25	0,60	0,07	0,24
Hong Kong SAR, China	0,56	0,10	0,02	8,24	0,23	0,07	0,57
Hungary	0,61	0,17	0,07	0,67	0,14	0,12	0,08
Iceland	0,28	0,14	0,03	1,48	0,22	0,08	0,12
India	0,88	0,20	0,04	0,90	0,19	0,11	0,10
Indonesia	0,68	0,14	0,03	3,48	0,24	0,10	0,34
Iran, Islamic Rep.	0,64	0,16	0,04	4,04	0,14	0,13	0,53
Iraq	0,54	0,16	0,03	3,43	0,11	0,13	0,44
Ireland	0,63	0,11	0,02	1,79	0,43	0,07	0,13
Israel	0,71	0,16	0,04	2,37	0,41	0,10	0,25
Italy	0,87	0,16	0,04	0,84	0,11	0,10	0,08
Jamaica	0,43	0,08	0,03	3,02	0,41	0,05	0,14
Japan	0,79	0,21	0,05	2,09	0,41	0,13	0,27
Jordan	0,55	0,12	0,02	6,70	0,27	0,09	0,58
Kazakhstan	0,61	0,11	0,03	2,10	0,45	0,08	0,17
Kenya	0,61	0,18	0,04	1,00	0,20	0,11	0,11
Kiribati	0,12	0,07	0,02	2,92	0,20	0,05	0,16
Korea, Dem. Rep.	0,43	0,05	0,01	3,79	0,81	0,04	0,14
Korea, Rep.	0,68	0,11	0,04	1,89	0,39	0,08	0,15
Kuwait	0,40	0,10	0,02	4,21	0,26	0,07	0,30
Kyrgyz Republic	0,38	0,09	0,02	35,16	0,31	0,07	2,30
Lao PDR	0,41	0,10	0,03	12,77	0,46	0,06	0,83
Latvia	0,44	0,14	0,04	1,62	0,18	0,10	0,16
Lebanon	0,81	0,27	0,08	4,26	0,08	0,18	0,79
Lesotho	0,23	0,05	0,00	1,62	0,77	0,03	0,05
Liberia	0,35	0,12	0,03	5,88	0,22	0,09	0,52
Libya	0,52	0,26	0,06	1,27	0,11	0,14	0,18
Liechtenstein	0,12	0,12	0,04	0,53	0,22	0,06	0,03
Lithuania	0,49	0,14	0,04	1,03	0,16	0,10	0,10
Luxembourg	0,33	0,13	0,05	0,98	0,16	0,10	0,10
Macao SAR, China	0,28	0,07	0,01	8,97	0,68	0,05	0,45
Macedonia, FYR	0,51	0,16	0,06	2,00	0,10	0,12	0,24

Tabela A.5: Lista de indicadores relativos ao ano de 1990 (continuação)

Indicadores relativos ao ano de 1990							
País	I.1.	I.2.1.	I.2.2.	I.3.	I.4.	I.5.	I.6.
Madagascar	0,42	0,16	0,03	9,35	0,54	0,09	0,84
Malawi	0,35	0,09	0,01	0,93	0,38	0,06	0,06
Malaysia	0,61	0,12	0,02	2,66	0,36	0,08	0,22
Maldives	0,09	0,09	0,02	38,28	0,73	0,04	1,67
Mali	0,41	0,12	0,05	2,47	0,39	0,09	0,22
Malta	0,39	0,06	0,01	1,35	0,33	0,04	0,05
Marshall Islands	0,10	0,08	0,01	10,23	0,75	0,04	0,45
Martinique	0,32	0,18	0,04	0,90	0,27	0,10	0,09
Mauritania	0,38	0,14	0,06	2,03	0,16	0,09	0,18
Mauritius	0,39	0,13	0,03	8,65	0,17	0,09	0,75
Mayotte	0,05	0,05	0,03	26,37	0,83	0,03	0,89
Mexico	0,60	0,05	0,01	7,43	0,97	0,02	0,16
Micronesia, Fed. Sts.	0,24	0,14	0,04	7,90	0,23	0,09	0,72
Moldova	0,47	0,13	0,04	1,44	0,26	0,10	0,15
Monaco	0,17	0,17	0,06	0,23	0,16	0,12	0,03
Mongolia	0,16	0,16	0,05	5,00	0,55	0,09	0,46
Montserrat	0,13	0,11	0,04	2,51	0,35	0,07	0,17
Morocco	0,63	0,16	0,04	2,45	0,20	0,11	0,26
Mozambique	0,44	0,12	0,02	0,88	0,16	0,07	0,06
Myanmar	0,48	0,09	0,02	1,54	0,26	0,07	0,11
Namibia	0,26	0,08	0,02	5,11	0,76	0,05	0,24
Nauru	0,10	0,10	0,03	3,88	0,24	0,08	0,31
Nepal	0,43	0,07	0,01	1,12	0,74	0,05	0,06
Netherlands	0,85	0,24	0,05	1,14	0,11	0,14	0,16
Netherlands Antilles	0,34	0,12	0,02	3,14	0,47	0,06	0,19
New Caledonia	0,20	0,12	0,03	2,57	0,22	0,08	0,21
New Zealand	0,66	0,15	0,03	4,28	0,52	0,09	0,37
Nicaragua	0,45	0,09	0,02	7,21	0,42	0,06	0,42
Niger	0,36	0,10	0,04	1,88	0,20	0,07	0,12
Nigeria	0,69	0,24	0,08	1,29	0,10	0,16	0,20
Niue	0,12	0,07	0,02	4,62	0,83	0,04	0,20
Norfolk Island	0,04	0,04	0,02	1,31	0,67	0,04	0,05
Northern Mariana Islands	0,12	0,07	0,00	17,45	0,49	0,04	0,65
Norway	0,58	0,17	0,05	0,61	0,21	0,11	0,07
Oman	0,31	0,10	0,01	3,85	0,24	0,07	0,25
Pakistan	0,78	0,16	0,04	0,39	0,33	0,10	0,04
Palau	0,16	0,09	0,02	1,60	0,20	0,07	0,11
Panama	0,41	0,11	0,04	5,77	0,74	0,08	0,44
Papua New Guinea	0,23	0,08	0,01	6,23	0,74	0,05	0,29
Paraguay	0,33	0,07	0,04	1,67	0,75	0,05	0,08

Tabela A.5: Lista de indicadores relativos ao ano de 1990 (continuação)

Indicadores relativos ao ano de 1990							
País	I.1.	I.2.1.	I.2.2.	I.3.	I.4.	I.5.	I.6.
Peru	0,59	0,17	0,07	5,19	0,33	0,12	0,62
Philippines	0,80	0,17	0,04	13,16	0,31	0,10	1,37
Poland	0,80	0,16	0,05	0,74	0,21	0,11	0,08
Portugal	0,73	0,15	0,05	1,90	0,17	0,11	0,20
Puerto Rico	0,35	0,02	0,00	2,17	0,98	0,01	0,03
Qatar	0,24	0,21	0,04	3,29	0,15	0,12	0,39
Reunion	0,27	0,23	0,06	1,36	0,10	0,16	0,21
Romania	0,60	0,13	0,04	3,00	0,44	0,08	0,25
Russian Federation	0,80	0,14	0,04	1,57	0,21	0,10	0,15
Rwanda	0,39	0,10	0,04	0,82	0,24	0,07	0,06
Saint Helena	0,17	0,17	0,05	1,12	0,14	0,11	0,12
Saint Pierre and Miquelon	0,03	0,03	0,03	10,44	0,80	0,03	0,31
Samoa	0,22	0,08	0,02	8,70	0,34	0,04	0,39
San Marino	0,07	0,07	0,03	0,98	0,42	0,05	0,05
Sao Tome and Principe	0,27	0,16	0,05	0,81	0,17	0,10	0,08
Saudi Arabia	0,53	0,18	0,04	3,18	0,19	0,13	0,40
Senegal	0,50	0,16	0,06	3,94	0,14	0,11	0,44
Serbia and Montenegro	0,64	0,16	0,04	2,30	0,13	0,12	0,28
Seychelles	0,23	0,13	0,02	8,24	0,31	0,08	0,67
Sierra Leone	0,35	0,12	0,05	4,59	0,27	0,08	0,37
Singapore	0,50	0,14	0,03	5,61	0,19	0,10	0,54
Slovak Republic	0,52	0,13	0,04	0,92	0,34	0,09	0,08
Slovenia	0,38	0,12	0,05	2,53	0,19	0,10	0,24
Solomon Islands	0,11	0,11	0,02	3,45	0,43	0,07	0,23
Somalia	0,49	0,16	0,05	1,76	0,30	0,10	0,17
South Africa	0,70	0,20	0,03	2,21	0,10	0,12	0,27
Spain	0,77	0,20	0,06	0,90	0,13	0,13	0,12
Sri Lanka	0,61	0,17	0,04	9,23	0,22	0,13	1,19
St. Kitts and Nevis	0,17	0,11	0,04	1,97	0,27	0,08	0,16
St. Lucia	0,22	0,13	0,04	3,08	0,16	0,09	0,29
St. Vincent and the Grenadines	0,21	0,12	0,04	2,22	0,24	0,09	0,19
Sudan	0,52	0,17	0,06	3,33	0,27	0,11	0,38
Suriname	0,42	0,11	0,02	8,20	0,65	0,06	0,53
Swaziland	0,22	0,08	0,01	1,70	0,74	0,04	0,07
Sweden	0,68	0,25	0,07	0,65	0,12	0,15	0,10
Switzerland	0,75	0,24	0,08	1,29	0,10	0,17	0,22
Syrian Arab Republic	0,70	0,21	0,05	3,54	0,11	0,15	0,54
Taiwan, China	0,52	0,10	0,04	27,68	0,72	0,07	2,04
Tajikistan	0,42	0,10	0,02	8,21	0,29	0,08	0,63
Tanzania	0,53	0,17	0,05	1,18	0,11	0,11	0,13

Tabela A.5: Lista de indicadores relativos ao ano de 1990 (continuação)

Indicadores relativos ao ano de 1990							
País	I.1.	I.2.1.	I.2.2.	I.3.	I.4.	I.5.	I.6.
Thailand	0,58	0,16	0,04	1,65	0,23	0,12	0,20
Timor-Leste	0,16	0,14	0,02	4,18	0,55	0,07	0,30
Togo	0,36	0,12	0,04	0,81	0,15	0,09	0,07
Tokelau	0,07	0,07	0,01	4,99	0,70	0,04	0,21
Tonga	0,22	0,10	0,02	12,79	0,29	0,05	0,68
Trinidad and Tobago	0,39	0,14	0,03	3,37	0,42	0,07	0,23
Tunisia	0,54	0,14	0,03	2,43	0,44	0,09	0,21
Turkey	0,72	0,11	0,04	8,74	0,36	0,09	0,79
Turkmenistan	0,36	0,10	0,02	1,51	0,25	0,08	0,12
Turks and Caicos Islands	0,14	0,14	0,04	0,81	0,33	0,09	0,07
Tuvalu	0,15	0,15	0,04	17,02	0,42	0,08	1,33
Uganda	0,47	0,16	0,06	2,34	0,18	0,11	0,25
Ukraine	0,74	0,12	0,04	1,15	0,42	0,10	0,11
United Arab Emirates	0,37	0,14	0,04	4,01	0,22	0,10	0,39
United Kingdom	0,92	0,30	0,05	1,21	0,16	0,15	0,19
United States	0,92	0,44	0,11	1,82	0,08	0,27	0,49
Uruguay	0,47	0,12	0,04	2,86	0,41	0,08	0,23
Uzbekistan	0,56	0,12	0,04	5,94	0,26	0,09	0,52
Vanuatu	0,16	0,11	0,04	4,64	0,40	0,08	0,36
Venezuela, RB	0,52	0,19	0,06	3,84	0,15	0,13	0,50
Vietnam	0,61	0,15	0,03	3,97	0,33	0,10	0,41
Virgin Islands (U.S.)	0,20	0,11	0,03	0,14	0,22	0,08	0,01
Virgin Islands, British	0,16	0,13	0,04	1,25	0,42	0,09	0,11
Wallis and Futuna	0,11	0,07	0,02	47,09	0,91	0,04	1,74
West Bank and Gaza	0,48	0,08	0,02	5,19	0,24	0,07	0,36
Yemen, Rep.	0,44	0,12	0,01	6,22	0,40	0,09	0,57
Zambia	0,47	0,15	0,03	1,60	0,16	0,09	0,14
Zimbabwe	0,48	0,09	0,01	1,90	0,29	0,07	0,13

Tabela A.6: Lista de indicadores relativos ao ano de 2000

Indicadores relativos ao ano de 2000							
País	I.1.	I.2.1.	I.2.2.	I.3.	I.4.	I.5.	I.6.
Afghanistan	0,52	0,14	0,03	14,04	0,43	0,10	1,39
Albania	0,57	0,08	0,03	13,53	0,29	0,05	0,72
Algeria	0,72	0,19	0,03	1,57	0,62	0,10	0,16
American Samoa	0,18	0,07	0,03	4,34	0,71	0,04	0,19
Andorra	0,15	0,14	0,03	3,24	0,49	0,06	0,20
Angola	0,54	0,18	0,04	3,79	0,24	0,13	0,48
Anguilla	0,15	0,14	0,05	1,05	0,17	0,11	0,11
Antigua and Barbuda	0,28	0,13	0,03	3,74	0,25	0,09	0,34
Argentina	0,68	0,20	0,06	3,69	0,11	0,13	0,50
Armenia	0,63	0,18	0,04	2,19	0,35	0,10	0,22
Aruba	0,23	0,18	0,05	6,20	0,18	0,11	0,70
Australia	0,83	0,30	0,06	2,80	0,12	0,19	0,52
Austria	0,72	0,22	0,06	0,81	0,17	0,15	0,12
Azerbaijan	0,57	0,12	0,02	3,74	0,35	0,09	0,32
Bahamas, The	0,28	0,11	0,02	4,63	0,76	0,06	0,26
Bahrain	0,30	0,17	0,04	11,96	0,17	0,11	1,31
Bangladesh	0,60	0,12	0,03	93,87	0,59	0,09	8,12
Barbados	0,38	0,16	0,03	3,22	0,39	0,09	0,29
Belarus	0,49	0,12	0,03	0,90	0,32	0,08	0,07
Belgium	0,75	0,27	0,07	0,35	0,09	0,17	0,06
Belize	0,30	0,07	0,03	8,79	0,74	0,06	0,51
Benin	0,42	0,11	0,04	3,62	0,27	0,08	0,27
Bermuda	0,19	0,07	0,01	4,61	0,71	0,04	0,17
Bhutan	0,20	0,13	0,03	42,66	0,50	0,08	3,34
Bolivia	0,45	0,14	0,04	3,00	0,46	0,09	0,26
Bosnia and Herzegovina	0,57	0,12	0,04	6,09	0,18	0,09	0,54
Botswana	0,30	0,12	0,02	0,59	0,26	0,09	0,05
Brazil	0,66	0,21	0,07	6,33	0,15	0,15	0,94
Brunei Darussalam	0,29	0,12	0,02	55,76	0,38	0,08	4,66
Bulgaria	0,61	0,21	0,04	1,58	0,39	0,14	0,22
Burkina Faso	0,49	0,08	0,02	3,02	0,81	0,05	0,16
Burundi	0,39	0,13	0,05	1,10	0,21	0,10	0,11
Cambodia	0,47	0,12	0,02	15,97	0,30	0,07	1,14
Cameroon	0,48	0,19	0,07	2,30	0,12	0,14	0,32
Canada	0,90	0,26	0,05	1,11	0,58	0,14	0,15
Cape Verde	0,45	0,16	0,04	3,74	0,14	0,11	0,40
Cayman Islands	0,16	0,16	0,06	1,20	0,46	0,12	0,14
Central African Republic	0,36	0,16	0,07	1,01	0,18	0,12	0,12

Tabela A.6: Lista de indicadores relativos ao ano de 2000 (continuação)

Indicadores relativos ao ano de 2000							
País	I.1.	I.2.1.	I.2.2.	I.3.	I.4.	I.5.	I.6.
Chad	0,45	0,18	0,07	2,03	0,25	0,12	0,24
Chile	0,64	0,15	0,06	2,91	0,23	0,13	0,37
China	0,91	0,21	0,03	1,21	0,18	0,14	0,16
Colombia	0,63	0,15	0,05	8,26	0,29	0,11	0,87
Comoros	0,40	0,15	0,04	1,09	0,33	0,09	0,10
Congo, Dem. Rep.	0,54	0,19	0,06	2,47	0,24	0,14	0,34
Congo, Rep.	0,49	0,25	0,08	1,12	0,06	0,18	0,20
Cook Islands	0,16	0,08	0,02	5,76	0,57	0,05	0,27
Costa Rica	0,42	0,16	0,05	3,83	0,53	0,11	0,43
Cote d'Ivoire	0,44	0,12	0,03	4,40	0,60	0,07	0,33
Croatia	0,60	0,12	0,05	4,55	0,18	0,09	0,40
Cuba	0,67	0,13	0,04	7,44	0,72	0,08	0,62
Cyprus	0,52	0,15	0,03	2,05	0,22	0,08	0,17
Czech Republic	0,69	0,17	0,04	0,74	0,29	0,10	0,07
Denmark	0,76	0,22	0,04	1,00	0,10	0,15	0,15
Djibouti	0,20	0,14	0,04	2,81	0,18	0,10	0,28
Dominica	0,30	0,18	0,04	3,05	0,22	0,13	0,39
Dominican Republic	0,51	0,14	0,03	15,36	0,66	0,09	1,40
Ecuador	0,48	0,13	0,05	11,99	0,32	0,08	1,01
Egypt, Arab Rep.	0,77	0,18	0,03	13,03	0,22	0,12	1,51
El Salvador	0,44	0,08	0,02	14,48	0,79	0,06	0,82
Equatorial Guinea	0,30	0,12	0,04	18,65	0,41	0,08	1,51
Eritrea	0,44	0,14	0,03	1,52	0,52	0,09	0,13
Estonia	0,43	0,16	0,04	2,37	0,16	0,10	0,24
Ethiopia	0,57	0,17	0,04	19,94	0,14	0,12	2,43
Faeroe Islands	0,13	0,06	0,01	1,30	0,52	0,04	0,05
Falkland Islands (Malvinas)	0,11	0,11	0,04	3,16	0,45	0,07	0,23
Fiji	0,38	0,08	0,01	15,25	0,25	0,04	0,67
Finland	0,63	0,15	0,04	1,34	0,32	0,10	0,13
France	0,93	0,43	0,10	1,47	0,04	0,26	0,38
French Guiana	0,25	0,20	0,05	4,11	0,20	0,13	0,52
French Polynesia	0,20	0,10	0,02	5,86	0,42	0,05	0,31
Gabon	0,35	0,20	0,06	4,22	0,18	0,14	0,59
Gambia, The	0,31	0,16	0,06	3,01	0,11	0,13	0,38
Georgia	0,58	0,13	0,03	16,70	0,32	0,10	1,67
Germany	0,93	0,24	0,06	1,32	0,15	0,16	0,22
Ghana	0,59	0,18	0,05	5,74	0,13	0,12	0,71
Gibraltar	0,16	0,11	0,03	0,34	0,51	0,07	0,03
Greece	0,81	0,21	0,07	1,09	0,18	0,14	0,15
Greenland	0,13	0,05	0,01	11,03	0,69	0,03	0,38

Tabela A.6: Lista de indicadores relativos ao ano de 2000 (continuação)

Indicadores relativos ao ano de 2000							
País	I.1.	I.2.1.	I.2.2.	I.3.	I.4.	I.5.	I.6.
Grenada	0,30	0,12	0,04	3,03	0,28	0,09	0,27
Guadeloupe	0,35	0,07	0,01	4,71	0,73	0,05	0,22
Guam	0,25	0,07	0,02	3,06	0,81	0,05	0,15
Guatemala	0,44	0,09	0,02	17,07	0,75	0,05	0,87
Guinea	0,48	0,13	0,04	2,16	0,16	0,11	0,25
Guinea-Bissau	0,38	0,12	0,04	1,73	0,35	0,10	0,17
Guyana	0,46	0,13	0,04	10,61	0,44	0,08	0,90
Haiti	0,44	0,12	0,04	5,48	0,40	0,07	0,38
Honduras	0,44	0,11	0,03	7,17	0,72	0,06	0,46
Hong Kong SAR, China	0,58	0,09	0,02	14,05	0,24	0,06	0,79
Hungary	0,64	0,20	0,06	0,70	0,11	0,13	0,09
Iceland	0,35	0,16	0,04	1,66	0,16	0,11	0,18
India	0,93	0,23	0,04	1,05	0,12	0,13	0,14
Indonesia	0,73	0,15	0,03	5,90	0,27	0,11	0,68
Iran, Islamic Rep.	0,68	0,21	0,04	5,90	0,12	0,15	0,88
Iraq	0,62	0,18	0,04	5,24	0,08	0,14	0,73
Ireland	0,71	0,12	0,02	2,08	0,37	0,07	0,14
Israel	0,75	0,20	0,04	3,28	0,49	0,10	0,33
Italy	0,91	0,20	0,05	0,70	0,11	0,11	0,08
Jamaica	0,48	0,08	0,03	4,44	0,43	0,05	0,21
Japan	0,82	0,23	0,06	2,54	0,35	0,14	0,34
Jordan	0,62	0,14	0,02	7,52	0,24	0,09	0,66
Kazakhstan	0,61	0,13	0,03	2,55	0,59	0,08	0,19
Kenya	0,65	0,20	0,06	1,23	0,17	0,12	0,15
Kiribati	0,16	0,08	0,01	6,35	0,39	0,04	0,28
Korea, Dem. Rep.	0,47	0,06	0,02	3,36	0,64	0,04	0,15
Korea, Rep.	0,70	0,13	0,03	2,27	0,36	0,09	0,19
Kuwait	0,46	0,13	0,02	5,44	0,27	0,09	0,51
Kyrgyz Republic	0,40	0,11	0,01	46,46	0,47	0,07	3,04
Lao PDR	0,45	0,09	0,03	14,80	0,44	0,06	0,90
Latvia	0,47	0,17	0,05	1,74	0,18	0,11	0,19
Lebanon	0,85	0,29	0,08	4,81	0,08	0,18	0,85
Lesotho	0,29	0,07	0,01	0,88	0,45	0,05	0,04
Liberia	0,43	0,14	0,03	16,95	0,26	0,08	1,31
Libya	0,56	0,24	0,05	2,05	0,17	0,16	0,33
Liechtenstein	0,16	0,14	0,04	1,10	0,31	0,07	0,07
Lithuania	0,49	0,18	0,05	0,93	0,14	0,11	0,10
Luxembourg	0,36	0,19	0,05	0,73	0,14	0,12	0,09
Macao SAR, China	0,27	0,10	0,03	4,94	0,52	0,07	0,36
Macedonia, FYR	0,54	0,17	0,05	3,07	0,11	0,11	0,34

Tabela A.6: Lista de indicadores relativos ao ano de 2000 (continuação)

Indicadores relativos ao ano de 2000							
País	I.1.	I.2.1.	I.2.2.	I.3.	I.4.	I.5.	I.6.
Madagascar	0,50	0,20	0,04	7,02	0,26	0,12	0,87
Malawi	0,43	0,12	0,02	0,79	0,39	0,08	0,06
Malaysia	0,67	0,13	0,03	5,18	0,41	0,09	0,47
Maldives	0,19	0,19	0,06	13,65	0,17	0,15	2,04
Mali	0,45	0,12	0,04	2,97	0,36	0,09	0,25
Malta	0,47	0,12	0,02	0,87	0,46	0,07	0,06
Marshall Islands	0,14	0,08	0,02	16,66	0,75	0,06	0,98
Martinique	0,30	0,07	0,01	6,05	0,61	0,05	0,28
Mauritania	0,43	0,15	0,06	2,21	0,18	0,10	0,22
Mauritius	0,44	0,16	0,04	7,29	0,15	0,11	0,79
Mayotte	0,05	0,05	0,02	25,95	0,82	0,03	0,69
Mexico	0,65	0,03	0,00	14,95	0,96	0,02	0,35
Micronesia, Fed. Sts.	0,24	0,13	0,02	15,67	0,27	0,07	1,12
Moldova	0,47	0,16	0,04	1,56	0,26	0,11	0,17
Monaco	0,22	0,21	0,04	0,49	0,20	0,12	0,06
Mongolia	0,28	0,23	0,04	12,04	0,12	0,15	1,81
Montserrat	0,15	0,13	0,04	1,70	0,23	0,10	0,17
Morocco	0,68	0,17	0,03	2,40	0,11	0,12	0,28
Mozambique	0,48	0,14	0,03	1,16	0,18	0,08	0,10
Myanmar	0,48	0,11	0,03	2,50	0,33	0,08	0,19
Namibia	0,37	0,12	0,03	3,03	0,51	0,09	0,26
Nauru	0,13	0,13	0,04	5,65	0,25	0,08	0,47
Nepal	0,48	0,11	0,02	1,46	0,72	0,06	0,09
Netherlands	0,86	0,26	0,05	1,20	0,10	0,16	0,19
Netherlands Antilles	0,35	0,12	0,03	5,15	0,36	0,07	0,36
New Caledonia	0,22	0,09	0,02	8,46	0,27	0,06	0,49
New Zealand	0,68	0,16	0,03	5,96	0,51	0,10	0,58
Nicaragua	0,47	0,10	0,02	11,36	0,41	0,06	0,69
Niger	0,41	0,12	0,04	2,74	0,19	0,07	0,19
Nigeria	0,74	0,25	0,08	1,97	0,10	0,16	0,32
Niue	0,12	0,10	0,02	4,10	0,75	0,05	0,21
Norfolk Island	0,05	0,05	0,02	2,55	0,31	0,04	0,11
Northern Mariana Islands	0,17	0,09	0,01	25,23	0,56	0,05	1,20
Norway	0,62	0,19	0,04	0,75	0,15	0,12	0,09
Oman	0,36	0,09	0,02	5,19	0,31	0,06	0,30
Pakistan	0,80	0,21	0,04	0,43	0,19	0,13	0,05
Palau	0,24	0,10	0,01	3,81	0,31	0,06	0,24
Panama	0,43	0,12	0,04	6,70	0,71	0,08	0,54
Papua New Guinea	0,29	0,09	0,01	8,83	0,44	0,06	0,50
Paraguay	0,40	0,09	0,02	2,18	0,71	0,06	0,12

Tabela A.6: Lista de indicadores relativos ao ano de 2000 (continuação)

Indicadores relativos ao ano de 2000							
País	I.1.	I.2.1.	I.2.2.	I.3.	I.4.	I.5.	I.6.
Peru	0,59	0,16	0,06	12,23	0,21	0,12	1,49
Philippines	0,80	0,20	0,04	19,81	0,27	0,13	2,62
Poland	0,82	0,17	0,05	0,91	0,20	0,10	0,09
Portugal	0,77	0,18	0,05	1,43	0,10	0,12	0,17
Puerto Rico	0,37	0,03	0,00	2,22	0,95	0,02	0,06
Qatar	0,28	0,24	0,06	3,79	0,12	0,16	0,62
Reunion	0,28	0,07	0,01	58,53	0,66	0,04	2,26
Romania	0,63	0,18	0,05	2,23	0,12	0,13	0,28
Russian Federation	0,79	0,18	0,05	1,23	0,18	0,12	0,14
Rwanda	0,45	0,16	0,05	0,59	0,17	0,11	0,06
Saint Helena	0,19	0,17	0,05	2,10	0,22	0,11	0,23
Saint Pierre and Miquelon	0,05	0,05	0,03	3,07	0,28	0,05	0,16
Samoa	0,29	0,08	0,01	11,52	0,31	0,04	0,47
San Marino	0,10	0,08	0,01	5,32	0,75	0,04	0,19
Sao Tome and Principe	0,28	0,13	0,05	1,45	0,19	0,09	0,13
Saudi Arabia	0,56	0,22	0,04	4,24	0,21	0,14	0,61
Senegal	0,56	0,17	0,06	4,22	0,14	0,12	0,50
Serbia and Montenegro	0,69	0,16	0,04	3,55	0,17	0,11	0,38
Seychelles	0,28	0,16	0,04	11,32	0,16	0,11	1,20
Sierra Leone	0,41	0,16	0,04	10,83	0,45	0,10	1,04
Singapore	0,56	0,15	0,04	10,20	0,15	0,10	1,01
Slovak Republic	0,57	0,13	0,03	1,35	0,35	0,08	0,11
Slovenia	0,43	0,14	0,05	2,83	0,15	0,10	0,27
Solomon Islands	0,17	0,15	0,03	5,73	0,29	0,08	0,47
Somalia	0,53	0,16	0,05	3,44	0,12	0,12	0,42
South Africa	0,75	0,18	0,03	3,86	0,13	0,12	0,46
Spain	0,79	0,24	0,08	0,63	0,08	0,16	0,10
Sri Lanka	0,66	0,20	0,04	11,20	0,11	0,15	1,66
St. Kitts and Nevis	0,23	0,13	0,04	2,20	0,23	0,09	0,21
St. Lucia	0,26	0,15	0,04	4,41	0,18	0,10	0,45
St. Vincent and the Grenadines	0,27	0,14	0,04	3,28	0,22	0,09	0,31
Sudan	0,56	0,22	0,05	4,90	0,19	0,13	0,62
Suriname	0,45	0,07	0,02	9,85	0,55	0,05	0,54
Swaziland	0,30	0,11	0,02	1,14	0,45	0,07	0,08
Sweden	0,73	0,25	0,07	0,81	0,10	0,16	0,13
Switzerland	0,79	0,27	0,09	1,25	0,08	0,18	0,22
Syrian Arab Republic	0,74	0,24	0,06	4,36	0,09	0,17	0,74
Taiwan, China	0,57	0,12	0,04	41,11	0,53	0,08	3,45
Tajikistan	0,40	0,09	0,02	13,69	0,49	0,06	0,86
Tanzania	0,58	0,22	0,05	1,38	0,11	0,14	0,19

Tabela A.6: Lista de indicadores relativos ao ano de 2000 (continuação)

Indicadores relativos ao ano de 2000							
País	I.1.	I.2.1.	I.2.2.	I.3.	I.4.	I.5.	I.6.
Thailand	0,59	0,18	0,05	3,88	0,15	0,13	0,50
Timor-Leste	0,20	0,09	0,02	18,36	0,39	0,05	0,95
Togo	0,40	0,12	0,04	1,16	0,18	0,09	0,10
Tokelau	0,08	0,08	0,01	6,41	0,50	0,05	0,29
Tonga	0,24	0,10	0,02	20,31	0,33	0,05	0,97
Trinidad and Tobago	0,44	0,13	0,02	4,94	0,50	0,07	0,37
Tunisia	0,60	0,17	0,04	2,44	0,33	0,10	0,26
Turkey	0,78	0,12	0,03	10,46	0,46	0,09	0,96
Turkmenistan	0,36	0,12	0,02	1,58	0,31	0,08	0,13
Turks and Caicos Islands	0,16	0,13	0,04	1,05	0,28	0,10	0,10
Tuvalu	0,16	0,15	0,03	32,73	0,22	0,07	2,36
Uganda	0,49	0,16	0,04	6,11	0,45	0,09	0,57
Ukraine	0,79	0,15	0,05	0,94	0,38	0,11	0,10
United Arab Emirates	0,42	0,19	0,04	5,35	0,26	0,12	0,62
United Kingdom	0,96	0,32	0,05	1,16	0,14	0,18	0,21
United States	0,95	0,43	0,11	2,23	0,07	0,29	0,64
Uruguay	0,52	0,12	0,05	3,01	0,29	0,10	0,29
Uzbekistan	0,57	0,13	0,02	8,61	0,34	0,08	0,72
Vanuatu	0,21	0,14	0,03	6,10	0,43	0,07	0,46
Venezuela, RB	0,56	0,18	0,07	5,90	0,18	0,13	0,78
Vietnam	0,71	0,14	0,04	6,43	0,37	0,11	0,70
Virgin Islands (U.S.)	0,22	0,08	0,03	0,60	0,75	0,05	0,03
Virgin Islands, British	0,21	0,17	0,04	1,33	0,20	0,11	0,15
Wallis and Futuna	0,14	0,08	0,02	64,13	0,87	0,04	2,66
West Bank and Gaza	0,51	0,10	0,02	6,33	0,26	0,07	0,45
Yemen, Rep.	0,47	0,14	0,02	7,29	0,35	0,09	0,63
Zambia	0,54	0,19	0,04	1,50	0,13	0,12	0,18
Zimbabwe	0,52	0,13	0,02	2,31	0,19	0,09	0,21